

SÍTIOS MEGALÍTICOS,
REFLEXÃO PROJECTUAL:

Um ensaio sobre a Anta Grande do Zambujeiro



UNIVERSIDADE DE ÉVORA | 2014.2015

ORIENTAÇÃO PROF. JOÃO SOARES |

CO-ORIENTAÇÃO PROF. JORGE DE OLIVEIRA

RITA PENALVA | 2 3 4 4 2

FICHA TÉCNICA

Estabelecimento de ensino. Universidade de Évora

Curso. Mestrado Integrado em Arquitectura

Ano. 2014 | 2015

Unidade Curricular. Dissertação II

Orientador. Prof. João Soares

Co-orientador. Prof. Jorge de Oliveira

Discente. Ana Rita C. Penalva, 23442

SÍTIOS MEGALÍTICOS, REFLEXÃO PROJECTUAL:
Um ensaio sobre a Anta Grande do Zambujeiro

Discente. Ana Rita C. Penalva, 23442

“Only by manifestation of the present, you can
make the past speak. If you try to run after it, you
will never reach it”

Sverre Fehn, Every Man is an architect, 1997 Pritzker Prize Acceptance Speech

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho,
de alma, aos meus avós, Céu, Manel, Maria e António;
e de coração, ao meu irmão, Miguel

Aos orientadores:

deste trabalho,

Ao professor João Soares, pela sua preciosa disponibilidade e extraordinário
conhecimento, por, gentil e pacientemente, ter norteado este caminho, onde, tantas
vezes, eu quase me ia perdendo.

Ao professor Jorge de Oliveira, pela prontidão, por me ter concedido generosamente o
acesso a conhecimentos tão longínquos e pela forma contagiante de contar
(pré)-histórias.

e do dia-a-dia,

Aos meus Pais, pela sua força atlante, para suster e equilibrar o (meu) mundo.

Aos comparsas do AT6, que comigo dividiram esta jornada, tornando-a menos penosa e
solitária.

Ao Zé, pela infinita paciência e compreensão.

E a todos aqueles que contribuíram para transformar as tormentas em esperanças neste
trabalho (e)levado a cabo.

Um genuíno e sincero Bem-haja.

ABSTRACT

TITLE: MEGALITHIC SITES, PROJECTIVE REFLECTION: An essay on the Anta Grande do Zambujeiro

Abstract: The issue of safeguarding monuments is especially relevant to contemporary society, in the context of an increasing recognition of the importance of the concept of heritage. Furthermore, importance has been given, in a generic manner, since William Morris in England in the 19th century, to an overt defence of cultural matters, and since the beginning of the 20th century, specifically from 1931, the year in which the Charter of Athens was written, prompting the commitment made by various countries to safeguard their heritage. Despite the diverse forms that are evident today, the original purpose remains relevant.

This work is intended to address the nature of this topic, of preservation and appreciation, to reflect upon and give shape to the concrete examples of a site where a megalithic structure is located, the Anta Grande Zambujeiro (the Grand Dolmen of Zambujeiro).

These structures are a heritage that should be safeguarded and, at the same time, made known, the relevance of this work being to ascertain by what means.

An analysis of interventions made in order to preserve comparable structures, fundamentally, the "state of the art", provides a way of approaching this theme. It even enables a critical position which can contribute, in a determinant manner, towards the production of projective trials to explore the theme of the preservation and interpretation of megalithic structures. Overall, the region of Évora has been revealed, in the last few decades, to be a fertile territory in terms of archaeological activity to do with the megalithic period, and particularly, as the territory where the Anta Grande do Zambujeiro is located.

This research project is intended to propose, in particular, a trial of solutions and means to promote, not only the safeguarding of a significant heritage site, but also the diffusion of the knowledge associated with it, through a contemporary interpretation of what has been presented at various times.

It is important to mention that this project is part of a current research at the Linha de Arquitectura (Line of Architecture) at CHAIA (the Art History and Artistic Research Centre), seeking to make a contribution, and simultaneously, make use of some of its resources.

RESUMO

A questão da salvaguarda de monumentos é particularmente pertinente na sociedade contemporânea, num contexto de crescente reconhecimento da importância que a noção de património tem adquirido. Importância, de resto, que se tem vindo a colocar, de uma maneira genérica, já desde que William Morris, na Inglaterra do Séc. XIX, se manifestou pela defesa das questões culturais, e desde o início do séc. XX, nomeadamente a partir de 1931, ano em que se redigiu a Carta de Atenas, desencadeando o compromisso de diversos países na salvaguarda do património. Ainda que de formas diferentes das que se apresentam hoje, as origens da atenção a estes temas é relevante.

Numa perspectiva mais actual, a noção de património é bastante mais abrangente, incluindo manifestações da ordem do imaterial.

Esta é uma natureza múltipla, também inerente ao objecto de estudo. A investigação parte e inclui, o reconhecimento dessa vertente de património, os valores in loco que estão associados ao sítio da AGZ, que não se materializam, mas merecem a mesma atenção que os edificados.

Na perspectiva deste trabalho pretende-se compreender de que forma esta questão, da preservação e valorização, se pode reflectir e plasmar no caso concreto do território onde se insere uma estrutura megalítica, a Anta Grande do Zambujeiro.

A análise de intervenções com o objectivo de preservar estruturas equivalentes, no fundo, um "estado da arte", proporciona uma forma de abordagem deste tema. Possibilita, ainda, uma posição crítica que contribuirá para a produção de ensaios projectuais que permitam explorar o tema da preservação e interpretação de estruturas megalíticas. Sobretudo, na região de Évora, que se tem revelado, nas últimas décadas, uma das áreas de maior densidade de vestígios.

Este trabalho de investigação pretende propor, particularmente, o ensaio de soluções e meios que promovam, não só a salvaguarda de um património milenar, mas também a difusão do conhecimento que lhe está associado e uma interpretação contemporânea daquilo que terá representado ao longo dos diversos tempos.

ÍNDICE

Abstract	3. ENSAIO
Resumo	
0. INTRODUÇÃO	3.1. PROPOSIÇÃO
09 0.1. Objecto	67 3.1.1. Intenções
10 0.2. Objectivos	68 3.1.2. Estratégia
11 0.3. Metodologia	74 3.1.3. Programa
13 0.4. Estado dos conhecimentos	75 3.2. PROPOSTA
1. LUGAR	76 3.2.1. Momento de chegada
24 1.1. ORIGENS, Megalitismo - do fenómeno cultural à expressão arquitectónica	79 3.2.2. Módulo que reproduz a espacialidade interior do monumento
26 1.1.1. Contexto	81 3.2.3. Ponto de informação - mapa do lugar
27 1.1.2. Distribuição geográfica	83 3.2.4. Cobertura
27 1.1.3. Expressão Arquitectónica	88 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS
1.2. CARACTERÍSTICAS DE UM TERRITÓRIO, "Uma encruzilhada muito especial"	89 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E ICONOGRÁFICAS
32 1.2.1. O megalitismo na região de Évora	
34 1.2.2. Em redor da AGZ	
1.3. DES'ENCRYPTANDO A AGZ	
36 1.3.1. Enquadramento	
36 1.3.2. Conjunto arquitectónico	
38 1.3.3. Espólio votivo	
38 1.3.4. Estado de conservação	
43 1.3.5. Intuições	
44 1.3.6. Um balanço	
2. REFERÊNCIAS	
47 2.1. UMA QUESTÃO DE EXPERIÊNCIA	
2.2. CASOS DE ESTUDO	
50 2.2.1. Musealação do núcleo arqueológico da praça Nova do castelo S. Jorge	
54 2.2.2. Valorização e acesso ao espaço natural e arqueológico de Can Tacó	
58 2.2.3. Projecto para o museu das minas de zinco	
62 2.3. RELEXÃO	

00. | INTRODUÇÃO

0.1. OBJECTO

A investigação foca-se na espacialização de uma leitura sobre sítios arqueológicos megalíticos na sua condição actual, no contexto desse espaço, quer do seu presente estado, quer da evocação do que terá sido enquanto paisagem.

Com efeito, refere-se a uma leitura convergente, quer da valorização dos atributos patrimoniais, como da sua reinterpretação contemporânea, desenvolvendo-se fundamentalmente através da reflexão projectual, para que se manifestem as qualidades/valores latentes no lugar.

A investigação reflecte sobre os meios que permitem a conceptualização e espacialização de sítios megalíticos enquanto património vivo, habitado, em estreita relação com os conceitos de lugar e de tempo.

Esta temática abrange o desafio e enfatiza o papel da salvaguarda de um legado, sob o princípio de o entender e reafirmar como um recurso que se constrói com os tempos. Sendo resultado não só das acções dos seus construtores originais, mas do conjunto de construções e acontecimentos, arraigado de manifestações próprias de uma ou várias civilizações e do tempo, que o fizeram chegar naquela determinada condição até ao presente.

Assim, indagam-se quais são os acontecimentos e acções - nomeadamente no que se refere à Anta Grande do Zambujeiro (AGZ) - que quando sobrepostos, testemunham a sua existência num espaço singular, simbiose de cultura e meio ambiente, que no tempo vai acumulando e consolidando marcas de autenticidade e identidade. E ainda, refletir e experimentar espacialidades que permitam desvendar e comunicar essas subtilezas esculpidas pelas civilizações e tempos que cadencialmente foram passando naquele lugar.

«Tanto no caso das paisagens predominantemente rurais como nas urbanas, deve-se considerar o património resultante das sucessivas intervenções civilizacionais e sua projecção no futuro.

Há sempre que considerar uma permanente acção criativa, por vezes colectiva, no campo da estética, ou seja, dos valores culturais gratuitos em termos de economia e, por isso, não limitados a um curto intervalo de tempo.»

(Telles, G. R. 2002)

«É da relação com os lugares históricos, monumentos e ruínas que os indivíduos retiram elementos para darem sentido e se situarem no mundo contemporâneo.»

(Oliveira, 2001)

«O valor mais importante que o território encerra é a paisagem em que o património surge como valor estruturante da sua intervenção.»

Telles, G. R. (2002)

A região de Évora, representa um território fértil em património e lugares históricos. É constituída por uma paisagem carregada de símbolos e sinais inesgotáveis, onde se sobrepõem inúmeros layers de diversos tempos e civilizações, acolhendo um extenso legado ao fenómeno megalítico.

Os sítios megalíticos serão, actualmente, as marcas civilizacionais físicas mais longínquas que terão chegado até ao presente. Os territórios onde estes se inserem, encerram consideráveis marcas do tempo na paisagem e representam verdadeiros palimpsestos de História e de histórias.

Efectivamente, estas, afiguram-se para nós, razões suficientes para acreditar na importância de resgatar, reolhar e reaproximar os Sítios Megalíticos do presente. Revelando-se a reflexão acerca da perpetuação e comunicação do património megalítico um tema com interesse e pertinência de estudo, em particular na região de Évora.

Neste sentido, a investigação, pretende, do ponto de vista da arquitectura, e através do trabalho de projecto enquanto instrumento de reflexão, perceber como preservar os valores culturais, patrimoniais e os significados que os sítios megalíticos encerram.

E, paralelamente, convocar o sentido e o acto de experienciar a paisagem que é depósito de tempos promovendo uma leitura, sensorial e científica, da sobreposição de vestígios nestes lugares tão cheios de realidades e subtilezas para contar e intuir.

A pesquisa orienta-se fundamentalmente para produção/desenvolvimento de um ensaio projectual, num local concreto e representativo, a AGZ. É de referir que, este lugar foi seleccionado pela sua notoriedade e pela disponibilidade de informação gráfica acessível, uma vez que, o levantamento de estruturas deste tipo situar-se-ia fora dos objectivos deste trabalho. Além disso, considera-se que o estado de necessária manutenção desta estrutura - classificada como monumento nacional - reforçaram a decisão da escolha.

Para tal, pretende-se investigar as relações entre programa, forma, uso e espaço, percebendo e analisando as compatibilidades e incompatibilidades entre investigação arqueológica, preservação, interpretação e comunicação numa perspectiva didáctica e de fruição de visitantes em sítios megalíticos.

O principal intuito passará por perceber como intervir num património arqueológico existente, moldado e descontextualizado pelo tempo, e como transformá-lo num espaço que promova experiência da visita, a interpretação e divulgação de uma realidade e espacialidade que se expõem fora da sua época.

No fundo, com o objectivo de perceber:

- Como intervir num património arqueológico existente?
- Que programa pode convocar o sentido de "habitar" um sítio megalítico, promovendo a experiência da visita e a sua interpretação, em alternativa ao museu tradicional?

O ensaio apresentar-se-á sob a forma de hipótese, a partir das qual se pode considerar um horizonte execução.

É sobre a adequação dos ensaios às questões colocadas que se poderá chegar a eventuais conclusões.

0.2. OBJECTIVO

0.3. METODOLOGIA

A investigação processou-se em duas fases, uma primeira fase de enquadramento e análise do tema, e posteriormente, uma segunda de aproximação projectual.

Inicialmente foram convocados três casos sobre os quais dedicou ainda alguma profundidade de estudo. Nomeadamente:

- a Anta da Mira 2, um monumento de dimensão moderada e pouco conhecido;
- a Anta-Capela de S. Bento do Mato, uma situação bastante mais complexa e excepcional que a anterior;
- a Anta Grande do Zambujeiro.

No entanto, pelas razões já apresentadas, a investigação acabou por se focar apenas no último.

Assim, a fase de enquadramento e análise do tema implicou a compreensão do contexto arqueológico megalítico no Alentejo, com particular incidência no concelho de Évora.

Constituindo-se pelo levantamento gráfico dados cartográficos do Concelho - com fim à identificação e localização de elementos arqueológicos na região em estudo, e contribuir para contextualizar espacialmente o sítio megalítico em estudo - a AGZ.

Face à natureza específica do tema em questão considerou-se necessário o contacto com a área científica de Arqueologia. A decisão de uma co-orientação nessa área espelha essa necessidade. No fundo, tratou-se de procurar perceber as questões fulcrais do ponto de vista da arqueologia, para se utilizarem com uma das matérias a reflectir na proposta de arquitectura.

A fase de análise e enquadramento, compreendeu ainda o estudo de intervenções arquitectónicas onde se reconheceram questões equivalentes à problemática em estudo, e conduziu à elaboração de considerações que fundamentaram e apoiaram a posterior formulação de hipóteses projectuais para o elemento arqueológico seleccionado.

Numa segunda fase, de aproximação projectual pretendeu-se formalizar uma dimensão propositiva e de experimentação onde se manifestaram as reflexões resultantes da investigação desenvolvida.

- Recolha de informação bibliográfica
- Levantamento cartográfico
- Levantamento fotográfico
- Elaboração de maquetes de escala do território e do objeto

1.1. Contextualização arqueológica

1. ENQUADRAMENTO

1.2. Definição de um Estado do conhecimento

- Produção de "fichas" individuais de casos de estudo
- Produção de quadro comparativo que permita discernir questões relevantes e recorrentes
- Elaboração de considerações e eventuais conclusões

2. APROXIMAÇÃO PROJECTUAL

- Visitar e documentar in situ o sítio arqueológico em estudo
- Visitar e documentar alguns dos exemplos investigados no estado da arte constituído
- Produzir reflexões decorrentes dos dois pontos anteriores
- Formulação e experimentação de hipóteses reflexivas projetuais/de intervenção

04. ESTADO DOS CONHECIMENTOS

A questão da salvaguarda do património pode-se encontrar já nos primeiros impulsos românticos e começa-se a colocar como questão autónoma com os primeiros conhecimentos arquitectónicos, consequentemente a reflexão sobre musealização de monumentos, tem vindo a desenvolver-se, com maior intensidade, desde o início do séc. XX. Nomeadamente, a partir de 1931, ano em que se realizou a conferência de Atenas, dando origem à Carta de Atenas¹, documento que discute a racionalização de procedimentos em arquitectura e propõe normas e condutas em relação à preservação e conservação de edifícios, para terem carácter internacionais e para garantirem a perpetuação das características históricas e culturais nos monumentos a serem preservados, desencadeando o compromisso de diversos países na protecção do património.

Mas já antes, desde Ruskin e Morris, bem como, com Soane, a questão tinha conhecido importantes momentos de debate.

John Soane destacou-se sobretudo como arquitecto, e não tanto como teórico ou historiador, no entanto, importa aqui transpor as barreiras da teoria e da prática, e destacar a sua postura perante os temas do património e da museologia, interpretando-os através caso da sua casa-museu, onde a teoria se converte em prática e chega aos nossos dias como o melhor exemplo da posição do autor perante os mesmos.

Soane entendia o seu museu e as suas coleções da mesma forma que projetava arquitetura, não apenas a partir o detalhe, mas da compreensão da relação entre a totalidade da obra. Intencionalmente adquirida e adaptada para a condição de museu, a casa-museu Sir John Soane, reflecte a sua importância na história da museologia preconizando as preocupações museográficas e com o património histórico. Este edifício, que ao longo de quarenta anos cresceu e se modificou, foi o primeiro museu de arquitetura concebido exclusivamente como tal.

Desde a sua nomeação, em 1806, para professor de arquitectura na Royal Academy, Soane começou a sistematizar a organização das suas coleções, para que os seus alunos pudessem aprender com elas. O seu museu particular transformou-se, assim, numa academia de estudo de arquitectura, através da qual pretendia aproximar os alunos da sua experiência da viagem a Itália e do conhecimento da antiguidade e das suas múltiplas leituras. Esta abordagem, reflecte a preocupação com a transmissão de culturas ancestrais, através dos seus vestígios organizados de forma sistematizada, e funda a concepção e função actual de Museu, a preocupação com a preservação e divulgação desses mesmos vestígios.

Posteriormente, em 1849, também John Ruskin, um dos pioneiros das teorias de Conservação, defendeu, esta capacidade informativa e pedagógica dos vestígios arquitectónicos do passado, ao referir na sua obra *The Seven Lamps of Architecture*, concretamente, no capítulo VI - Lamp of Memory², que «podemos viver sem a arquitectura de uma época, mas não podemos recordá-la sem a sua presença. Podemos saber mais da Grécia e da sua cultura pelos seus

¹ Escritório Internacional dos Museus/Sociedade das Nações; Carta de Atenas; Atenas; 1931

² *The Seven Lamps of Architecture*, ensaio publicado em Maio 1849, escrito pelo crítico de arte e teórico inglês John Ruskin. As "Luces" a que o título se refere, representam os princípios da arquitectura considerados por Ruskin (Sacrifício, Verdade, Poder, Beleza, Vida, Memória, Obediência). No livro, os capítulos são construídos de forma independente, sendo de destacar capítulo VI, *The Lamp of Memory*, que pode ser estudado separadamente, como uma obra autónoma, e onde Ruskin discute as teorias de preservação e conservação do património histórico e apresenta as ideias do movimento da anti restauração e do pitoresco na arquitectura.

³ O manifesto do SPAB foi escrito por William Morris e outros membros fundadores da sociedade e emitido em 1877. Apesar de produzido em resposta aos problemas de conservação do séc. XIX, o manifesto estende a protecção para "todas as épocas e estilos" e permanece até hoje como base filosófica para o trabalho da Sociedade.

⁴ II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos/ICOMOS; Carta de Veneza; Veneza; 1964

⁵ Conferência Internacional sobre Conservação; Carta de Cracóvia sobre os Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído; Cracóvia; 2000

⁶ André Desvallées e François Mairesse, com tradução e comentários de Bruno Brulon Soares e Marilia Xavier Cury, publicado pelo International Council of Museums em 2013. Publicação electrónica, que apresenta uma seleção de termos essenciais no campo da museologia. Traduzida para português pelo comité do ICOM Brasil e com o apoio do ICOM-PT.

destroços do que pela poesia e pela história», reforçando a importância de preservar os vestígios do passado e seu significado histórico para a humanidade.

Também, William Morris, teve um papel fundamental no que se refere à conservação do património natural e construído, destacando-se, neste âmbito, o seu papel na fundação da Sociedade para a Proteção dos Edifícios Antigos - Society for the Protection of Ancient Building.

Considerado por muitos investigadores, como o autor do Manifesto da SPAB³ (1877), onde atribui às edificações antigas valores religiosos, artísticos e culturais, considerando-as variáveis imateriais que correspondem ao pensamento e aos costumes de uma cultura do passado. Referindo que, essas qualidades tornam o "monumento" mais que um objecto científico de valor documental, dotam-no, pois, de um carácter subjectivo e convertem-no num objecto de manifestação social materializado, palpável, cuja persistência física, ao longo dos tempos, está directamente associada à ideia de património - herança, legado - de uma nação. Sugerindo, uma vez mais, à semelhança dos autores anteriormente referidos, importância da preservação, como forma de perpetuação de um legado cultural e, portanto, de identidade.

Neste âmbito, são ainda de referir a Carta de Veneza (1964)⁴, sobre a conservação e restauro de monumentos e sítios, e a Carta de Cracóvia (2000)⁵, acerca dos princípios para a conservação e o restauro do património construído.

É, também, de assinalar a publicação *Conceitos-chave de Museologia*⁶ que ajuda a responder às perguntas "O que é um museu? Como definir uma coleção? O que é uma instituição? O que abrange o termo "património"?" através da definição de vários conceitos relacionados com o tema da museologia.

Ainda no que se refere à questão da protecção do património, é de referir, a título de maior especificidade, o decreto de lei n.º 516/71, DG, I Série, n.º 274, de 22-11-1971, que classifica como monumento nacional a AGZ, e posteriormente, o anúncio n.º 13446/2012, DR, 2.ª série, n.º 184, de 21-09-2012, relativo à revisão da categoria de classificação como monumento nacional da AGZ e à fixação da respectiva zona especial de protecção (ZEP).

04.2. VALORIZAÇÃO E MUSEALIZAÇÃO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS

No que se refere, especificamente, ao domínio da salvaguarda valorização de sítios arqueológicos, consideram-se de salientar, para o trabalho de investigação, o posicionamento do arquitecto Franco Minissi⁷, dos arqueólogos Olga Matos⁸ e Luís Raposo⁹.

Franco Minissi foi um dos investigadores que mais cedo analisou a problemática do património cultural do ponto de vista da conservação e interpretação, tendo em vista a sua divulgação. Utilizara, já em 1978, o conceito de processos de musealização, não se referindo, em particular, ao contexto do património arqueológico, mas enfatizando o modo de olhar os testemunhos territoriais com a mesma atitude de conservação e interpretação que era habitual dentro do espaço expositivo do museu tradicional.

Relativamente, ao processo de valorização de sítios arqueológicos defende que esse processo não acrescenta qualquer tipo de "valor" a um sítio, mas traduz, enaltece e evidencia os valores inatos que cada estrutura encerra em si, fazendo despertar as qualidades intrínsecas e descodificando os significados dessa mesma estrutura, para que possam ser transmitidos ao grande público.

No artigo «Porquê e como proteger os sítios arqueológicos»¹⁰, Minissi menciona que «Toda e qualquer perspectiva de reconstituição, seja ela no sentido de readaptação de um imóvel arquitectónico, seja ela no sentido da reevocação da imagem de um sítio arqueológico, com a finalidade de melhorar a compreensão e usufruto público do local, deve sempre pautar-se pelos princípios da autenticidade e da integridade dos seus vestígios e das suas mensagens, da reversibilidade e da percepção inequívoca de quais são as marcas do nosso tempo.»

Neste texto, o autor refere, ainda, que o papel do arquitecto responsável pelo projecto de intervenção, no caso de possíveis reconstituições ou de outras perspectivas museográficas, deve orientar-se no sentido de evidenciar as características das estruturas e fazer destacar o absoluto protagonismo das mesmas. Apela aos arquitectos e museógrafos projectos de grande humildade, que utilizem toda a sua experiência e criatividade em favor da conservação do espírito das estruturas arqueológicas, que é sinónimo de as deixar falar por si, despertando as suas características inatas, enquanto bens culturais, históricos artísticos e entidades físicas e funcionais.

Por outro lado, do ponto da perspectiva da arqueologia, no artigo «Valorização de sítios arqueológicos»¹¹, referem-se e examinam-se algumas das teorias, correntes e críticas que envolvem a problemática da valorização do património arqueológico, bem como se enunciam e analisam os requisitos ou critérios que estão na base da implantação dos projectos de valorização. É abordada, também, a problemática da valorização dos sítios arqueológicos, tendo em vista a sua pública usufruição. Analisam-se os vários conceitos envolvidos, e sistematizam-se as fases ou etapas necessárias à concepção e implantação de projectos de valorização dos sítios arqueológicos.

Possibilitando um posicionamento mais abrangente e técnico de como conceber de base e

⁷ Franco Minissi (Viterbo 1919 - Bracciano 1996) - Foi arquitecto e um dos principais especialistas italianos na área da musealização e da conservação, participou com capacidade inovadora do património artístico italiano a partir dos 50 anos. Foram relevantes os seus contributos para projectos como as Muralhas de Cabo Soprano Em Gela (Província De Caltanissetta, Sicília, 1950-1954), Vila Romana Do Casal De Piazza Armerina (Enna, Sicília, 1958-1967), o Teatro Grego de Heracléia Minoa (Província De Agrigento, Sicília, 1960-1963), etc.

⁸ Licenciada em História/Arqueologia pela Universidade de Coimbra , Pós-Grad. em Teoria da Conservação e do Restauro pela Universidade Internacional de Arte-Florença e em Museologia/Arqueologia (equivaléncia) pela Universidade do Porto Doutorada em Arqueologia pela Universidade de Coimbra. Actualmente, leciona Instituto Politécnico de Viana do Castelo, ESTG.

⁹ Arqueólogo do Museu Nacional de Arqueologia (de que foi director entre 1996 e 2012). Professor Convidado do Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Presidente do ICOM Portugal e Membro da Direcção do ICOM Europa. Membro do Conselho Consultivo da Comissão Nacional da UNESCO. Antigo Presidente da Associação Profissional de Arqueólogos.

¹⁰ Elaborado por ocasião do Convenção internacional COPAM (Cooperação para o Património Arquitectónico do Mediterrâneo) em Julho de 1986, Nápoles

¹¹ Olga Matos, 2008

¹² Nomeadamente o ponto 2.4. que se refere aos sítios musealizados

¹³ «Museus de arqueologia e sítios arqueológicos musealizados: identidades e diferenças», presente na publicação «O arqueólogo português», série IV, nº 17, em 1999

¹⁴ Artigo publicado na Revista Museologia.pt n.º 3, 2009

¹⁵ ICOMOS (International Council of Monuments and Sites)/CAHM (International Committee on Archaeological Heritage Management, Carta de Lausanne para a protecção e gestão de património arqueológico, 1990

com que diretrizes um projecto de musealização de um sítio arqueológico.

Neste âmbito, são ainda de salientar os textos de Luís Raposo, «Museus de arqueologia e sítios arqueológicos musealizados: identidades e diferenças» e «Arqueologia e Museus: experiências portuguesas recentes»¹².

O primeiro¹³ aborda a relação museus e sítios musealizados, no que se refere às suas vantagens e desvantagens, ou seja, as vantagens dos museus terão contrapartida nos inconvenientes dos sítios musealizados. E vice-versa.

Compreendo cada um, diferentes benefícios e custos, quase como se um e outro se completassem, em imagem de espelho.

Um exemplo, se os museus apresentam melhores condições e capacidade de apresentação adequada para a conservação dos vestígios, os sítios arqueológicos, constituem um melhor enquadramento e contextualização para os mesmos.

No entanto, neste artigo considera-se que quer os museus, quer os sítios musealizados cumprim funções diferenciadas, e que devem continuar a cumprir-las, os primeiros por permitiram uma aproximação à "realidade do passado", através de apelos sensoriais, e os segundos por permitirem uma interpretação desse passado, recorrendo sobretudo à razão.

Este texto permite compreender que funções, objectivos e mais-valias que um sítio musealizado deve abranger, sem querer invadir ou usufruir das funções de um museu, porque no fundo, são duas realidades distintas que não devem ser concorrentes, mas complementares.

No texto, «Arqueologia e Museus: experiências portuguesas recentes»¹⁴, o autor apresenta uma selecção de experiências recentes de musealização de acervos arqueológicos portugueses, em de museus, coleções visitáveis e de sítios arqueológicos musealizados, especificamente de reter o ponto 2.4. Sítios Musealizados, onde realiza uma reflexão mais alargada acerca da relação entre arquitectura e programa museológico, a partir de casos portugueses concretos. Esta reflexão, ainda que profícua para o trabalho de investigação, por demonstrar uma perspectiva do arqueólogo, afigura-se controversa/polémica do ponto vista arquitectónico, no entanto, extremamente estimulante e desafiadora, por lançar questões e reptos a serem melhorados e superados.

No que se refere, a documentos escritos orientadores especificamente da prática de protecção e valorização de sítios arqueológicos, é de referir a Carta de Lausanne¹⁵, carta internacional sobre a protecção e a gestão do património arqueológico.

04.3. REFERÊNCIAS CONSTRUÍDAS

Acerca do objecto que se pretende estudar - Espacialização de uma leitura sobre sítios arqueológicos megalíticos na sua condição actual, no seu contexto, quer do seu presente estado, quer da evocação do que terão sido -, servindo-se este, fundamentalmente, das valências de carácter projectual como exercício de reflexão de cariz prático, afigura-se como imprescindível, incluir no estado dos conhecimentos, além das fontes escritas, referências construídas que respondam de forma semelhante às problemáticas que emergem dos temas associados ao objecto de estudo em apreço.

Com efeito, por uma questão epistemológica, o estado dos conhecimentos não se refere apenas aos âmbitos da museologia ou da arqueologia, uma vez que, o que se pretendente convocar no âmbito da investigação é o sentido da experiência espacial e temporal associado a uma estrutura arqueológica. Neste sentido, além das referências escritas convocadas anteriormente, considera-se relevante incluir no estado dos conhecimentos casos do foro da praxis de projecto.

Mais do que, referenciar obras que se insiram em contextos espaciais e históricos semelhantes ao que nos propomos a estudar, procuram-se identificar casos que, de alguma forma, foram inovadores no modo como se relacionam com os vestígios arqueológicos. Fundamentalmente, pretende-se que estes revelem diversas aproximações espaciais e conceptuais que convoquem o sentido de experiência de um lugar e dos tempos que ele encerra. Bem como, que reflectam soluções para as questões que se pretendem problematizar, como sejam a perpetuação dos vestígios, a evocação volumétrica e a temática dos percursos.

Neste âmbito, existem inúmeros casos qualificados em que se reconhecem questões e valores equivalentes à problemática estudada, no entanto, seleccionaram-se aqueles que emocionalmente provocam uma maior identificação pessoal.

Nomeadamente, no que se refere à questão perpetuação e protecção dos vestígios, bem como, a evocação volumétrica que com eles é estabelecida consideram-se como referência o caso do museu de Hedmark - Sverr Fehn, Shelter for roman ruins - Peter Zumthor e de Espacio transmissor del Túmulo - Toni Gironés.

Com efeito, em todas estas abordagens se revela uma formalização bastante sensível na relação do "novo" com o "antigo", promovendo sempre um intenso sentido de experiência do lugar.

No caso do museu de Hedmark de Sverr Fehn, o arquitecto reutilizou as ruínas remanescentes no lugar para incorporar o novo edifício de museu. Este, é um tipo de abordagem arquitectónica num sítio arqueológico, que se considera de referência, onde está patente o carácter sensível na adequação do novo ao pré-existente. Aqui, o novo e o antigo conjugam-se num mesmo edifício para, simultaneamente, perpetuar fisicamente a sua continuação e expor os objectos descobertos durante as escavações e no tempo. O museu dá vida a um contínuo diálogo entre exterior e interior e caracteriza-se como uma narrativa, que através de um percurso, se desenvola em ambientes e situações que pertencem a tempos distintos.

No que se refere a Shelter for roman ruins em Chur, Peter Zumthor, propõe uma espécie "invólucros" de protecção, como que uma reconstrução volumétrica abstracta dos edifícios romanos que os abriga e resgata a sua presença e localização na actual paisagem urbana. Assinalando através de uma construção do presente marcas de um tempo antigo, numa sobreposição quase literal. Nesta solução, a experiência do espaço afigura-se mais didáctica do que propriamente cinética, por exemplo, pela relação pelo exterior com edifício, através dos dois vãos-"moldura" desenhados para enquadrar e permitir a observação das ruínas mais do que para efeito de iluminação do espaço, representando quase uma vitrine, enfatizada pela possibilidade de acender uma luz que revela os vestígios no interior das "caixas" de protecção.

Por sua vez, na intervenção Espacio transmissor del Túmulo, de Toni Gironés, é concebido propositadamente um espaço para albergar e expor as estelas transladadas de uma importante escavação arqueológica. Com materiais relativamente simples recria-se uma câmara interior e evocam-se as mesmas sensações e materialidades do lugar original onde se encontravam as estelas.

Também aqui ocorre uma preocupação intencional com o sentido de experiência espacial e temporal, nomeadamente no que se refere à forma como é desenhado ao acesso à câmara onde estão expostas as estelas, realizado através de um percurso em espiral encerrado e obscurecido, que prepara o sensorialmente o visitante para observação dos vestígios numa câmara central onde estão expostos sob uma luz zenital. O percurso em espiral permite ainda a hábil separação dos visitantes, conduzindo-os desde o exterior até à câmara de exposição, elemento central, mas também concêntrico, é a partir desse espaço que se lança o percurso espiral de saída do visitante, evitando que os chegam e partem se cruzem, mas suscitando a mesma sensação de cadêncio e "concentricidade" dos vestígios, quer numa óptica de aproximação quer de afastamento.

Ainda que nestes três exemplos esteja subjacente uma ideia de percurso, considera-se fundamental incluir casos em que esta problemática seja mais explícita e se constitua como a génese do próprio projecto. Neste sentido, seleccionaram-se o exemplo incontornável e icónico Percursos na Acrópole de Dimitris Plkionis e ainda a intervenção Shifts de Richard Serra.

No caso dos Percursos na Acrópole, reconhecem-se uma enorme sensibilidade e intencionalidade, formalizadas na leitura atenta da paisagem, da morfologia do território e na relação com as inúmeras pré-existências - de lugares e tempos diferentes. Trata-se, de uma arquitectura do "movimento", desenhada ao caminhar e para o caminhante procurando propor uma experiência dinâmica entre os elementos da paisagem, evocando uma experiência cinética do lugar em diálogo com o tempo.

Aqui é o percurso constroi-se "experiencialmente" e "materialmente" pelo antigo e pelo novo, incitando à relação entre estes tempos pelo acto de caminhar entre vestígios de várias épocas, e porque se que constrói com pedras remotas e recentes em simultâneo.

Uma outra referência é a obra escultórico paisagista Shifts, de Richard Serra, que apesar de não se tratar de uma obra de carácter arquitectónico nem de intervir sobre vestígios arqueológicos, plasma intenções fundamentais de relação e percepção de espaço para esta investigação. Na medida que materializa, de forma muito objectiva, a questão da leitura e experiência cinética de um lugar, e que só pode ser apreendida ao percorrer lugar onde se insere, como refere Serra "prendia uma dialéctica entre a percepção que uma pessoa tem do lugar, na sua totalidade, e a relação que tem com o campo, caminhando. O resultado é uma maneira de a pessoa medir a si mesma ante a indeterminação do terreno".

Por fim, no que se refere ao sentido de experiência de um lugar, importa indicar o projecto Stairs 1 Genéve de Peter Greenaway, mais do que no sentido espacial, interessa aqui assinalar a dimensão conceptual.

Este projecto abrange um filme, uma instalação urbana de grande escala, uma exposição, um catálogo e um CD. Tal como a obra Shifts, não se trata de uma intervenção de carácter arquitectónico, mas encerra igualmente intenções fundamentais a reflectir na investigação.

Nesta intervenção, o autor seleccionou cem lugares na cidade (Genebra) para aí instalar cem dispositivos em forma de escadas que enquadravam determinados planos, como que postais da cidade, com a peculiaridade de se observar a realidade em vez de uma imagem dela.

A escada, para Greenaway, representa a ligação entre dois pontos, uma passagem, um símbolo de movimento.

Este carácter de movimento, de interacção intensifica-se ainda mais, na medida em que, os transeuntes se tornam realizadores duma cena - que muda de acordo com a altura do dia ou da noite e do clima - e outros transeuntes/actores podem a qualquer momento aparecer no set ou desaparecer.

O que importa retirar deste trabalho plural é seu conceito e a interacção dinâmica com o espaço na sua dimensão experiencial e de permitir olhar para lugares de uma cidade e relê-los segundo uma outra perspectiva, neste caso, a do realizador Peter Greenaway.

Concluindo, pretendeu-se constituir referências que possibilitem a reflexão e uma tomada de posição, acerca da/s forma/s de intervir em estruturas arqueológicas e proporcionem a compreensão sobre o processo de relação existente/antigo e proposto/novo - como dialogam, que mais valias esta relação pode oferecer e como. Mas que, principalmente, remetem para a ideia de experiência e onde se lêem categorias transversais como a formalização de um momento de chegada/início, o desenvolvimentos de um percurso e o enquadramento de pontos de vista de momentos excepcionais.

¹ Retirado do discurso de recepção do Prémio Pritzker de Sverre Fenh "Every Man is an Architect" 1997
² Retirado de <http://www.tonigirones.com/ca-sero-ca>

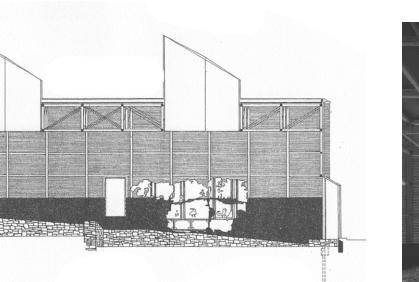
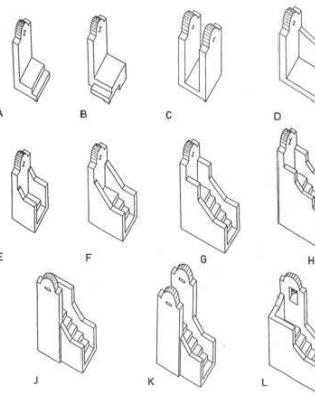
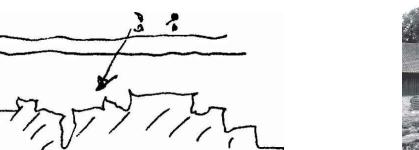


FIG. 2 A e 2B | Shelter for roman ruins Peter Zumthor, Chur, Suíça 1985|86

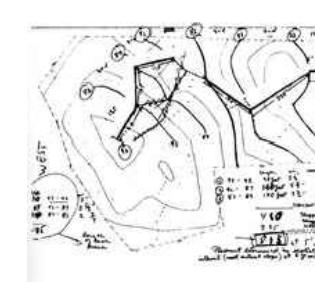


FIG. 5 A e 5B | Shifts Richard Serra, Ontario, Canadá 1970|1972

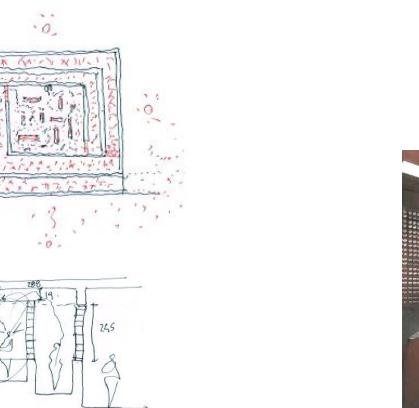


FIG. 3 A e 3B | Espacio transmisor del túmulo Toni Gironès, Lleida, Espanha 2012

"Iniciamos el tránsito hacia las milenarias estelas... Un recorrido en espiral cuadrangular y con una pendiente casi inapreciable (...) paréntesis de tiempo en un silencio de contemplación precisa, en un plano horizontal de polvo de arcilla que muestra la huella que deja al pasar cada visitante..."²

¹ Retirado do discurso de recepção do Prémio Pritzker de Sverre Fenh "Every Man is an Architect" 1997
² Retirado de <http://www.tonigirones.com/ca-sero-ca>

³ FRAMPTON, Kenneth (1989) - For Dimitris Plakionis. In JOHNSON, Pamela - Dimitris Plakionis, Architect 1887-1968 : A sentimental topography. Trad. Kay Cicellis, Iliona Outram e Yorgos Simeoforidis. Londres : The Architectural Association. p. 6-9.
⁴ Publicado em Arts Magazine Abril 1973
⁵ Retirado de Vernon W. Gras, Marguerite Gras, Peter Greenaway: Interviews, Univ. Press of Mississippi, 2000, p. 161

01. LUGAR

«1. Espaço ocupado ou que pode ser ocupado por um corpo.
2. Situação, circunstâncias.»

Passando o principal intuito desta investigação por perceber como intervir num património arqueológico existente, moldado e descontextualizado pelo tempo, considera-se fundamental partir do conhecimento profundo e detalhado do lugar de intervenção, nomeadamente o território onde se insere a AGZ.

Apenas partindo do entendimento e da leitura dos elementos e dos tempos que fundam o lugar será possível transformá-lo num espaço que promova experiência da visita, a interpretação e divulgação de uma realidade e espacialidade que se expõem fora da sua época.

Assim, este capítulo apresenta uma análise do lugar, a nível físico e histórico, procurando reconhecer a sua especificidade. Essencialmente, no sentido de constituir tentativa atenta de “ver e ouvir a paisagem” para não lhe impor nada que não aceite como desenho, e de encontrar ferramentas e motivações que permitam uma proposição projectual e orientada para um programa “experiencial” do lugar.

Deste modo, conhecer o território da AGZ, decretado monumento nacional, passa por perceber genericamente e sumariamente o contexto da sua origem.

Numa primeira fase deste capítulo procura-se enquadrar, brevemente, o conceito de megalitismo e sintetizar a sua materialização/expressão arquitectónica.

Posteriormente, numa escala mais aproximada, localizam-se as manifestações ainda existentes deste fenómeno no concelho de Évora, região fértil deste tipo de legado. E, faz-se, ainda, uma referência às possíveis condições geográficas que levaram ao seu surgimento em tão grande número no concelho de Évora, apoiando-se esta parte em estudos realizados no campo da arqueologia.

Finalmente, analisa-se o território onde se insere a AGZ, no sentido de identificar detalhadamente a sua condição actual e as necessidades concretas do lugar.

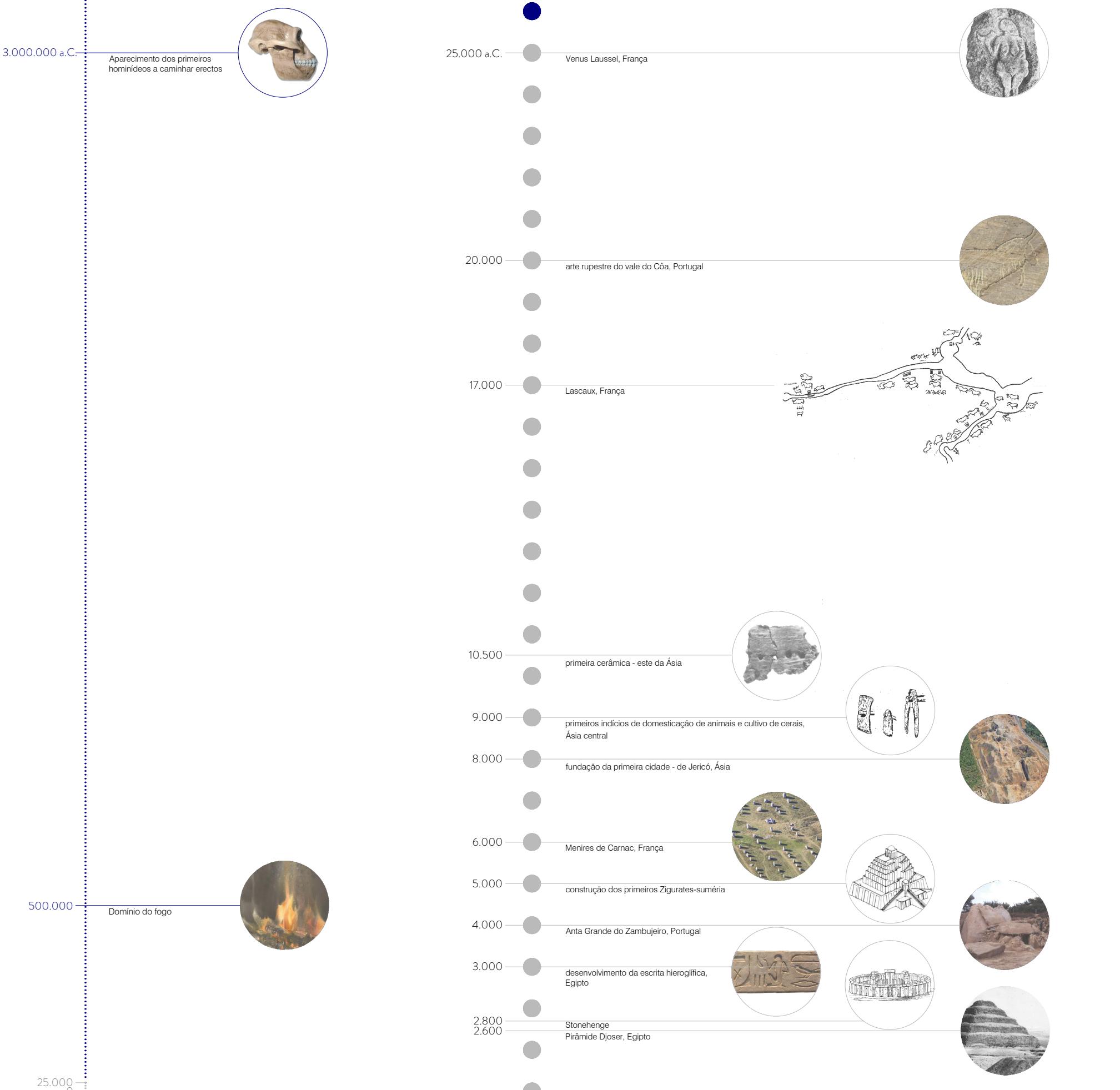


FIG. 7 | cronograma onde se assinalam alguns acontecimentos significativos relacionados com o surgimento do fenômeno do Megalitismo

1.1. AS ORIGENS,

Megalitismo - do fenômeno cultural à expressão arquitectónica

1.1.1. CONTEXTO

«A prática do megalitismo ultrapassa as dimensões de um simples costume regional, eventualmente produzido por uma conjuntura de acaso. Trata-se efectivamente do produto de um momento na evolução das estruturas simbólicas da Humanidade»

(Gonçalves, V. S., 1992, citado por Oliveira C., 2001, p.33)

O megalitismo refere-se a um fenômeno associado a determinados ritos e processos mágico-religiosos que fundam a edificação de monumentos construídos com grandes pedras - como sugere a etimologia da palavra, do grego mega+lithos - sob a forma de recintos sagrados (menires, cromeleques, alinhamentos) e também sepulcros - que reflectem crenças e práticas rituais de uma cultura.

Ainda que, inicialmente, o termo megalitismo tivesse sido utilizado para referir (...) Uma corrente cultural monogenética relacionada com a edificação de monumentos pré-históricos feitos de grandes pedras, o termo sofreu uma evolução no seu significado, sendo hoje, genericamente, aceite pra designar, na Europa, um conjunto de culturas pré-históricas que desde o Sul da Escandinávia até à Península Ibérica, e entre o Neolítico Médio e os inícios da Idade do Bronze. (Parreira, 1991, p. 455)

Actualmente, reporta-se a um fenômeno de larga escala, quer a nível temporal quer espacial/geográfico.

Porém, mais do que procurar identificar a sua origem associada a determinada população ou grupos difusores, os pré-historiadores têm-se dedicado a compreender o que está na origem da ideia/"corrente cultural" megalítica, quais as condições ou sistemas antropológicos e socioeconómicos modelares, que tenham levado à sua propagação. No fundo, perceber quais as condicionantes e contextos que levaram ao desenvolvimento e sacralização de determinados rituais e espaços.

Parece ser consensual que este fenômeno está associado à implementação e progresso da agricultura e da pastorícia, que vieram responder à necessidade de alimentar um crescente número de indivíduos. Esta situação terá levado progressivamente à fixação das populações a um território, potenciando propagação do povoamento neolítico. O aumento da população e o surgimento de novas actividades associadas ao cultivo da terra, despoletaram a necessidade de controlo e distribuição das mesmas, de modo a evitar a discordia e descoordenação sociais.

É neste contexto de alteração social que terão surgido os megalitos, como forma de vínculo das comunidades a um local, implicando um trabalho em comunidade. Ainda que a sua construção envolvesse enormes esforços energéticos humanos e dispêndio de tempo, que não eram direcionado para a produção de alimentos, mas que era empregado para a constituição de um bem comum, formalizava a apropriação colectiva de um território e desenvolvia relações de cooperação entre os grupos, contribuindo para sua coesão, e consequente, organização social.

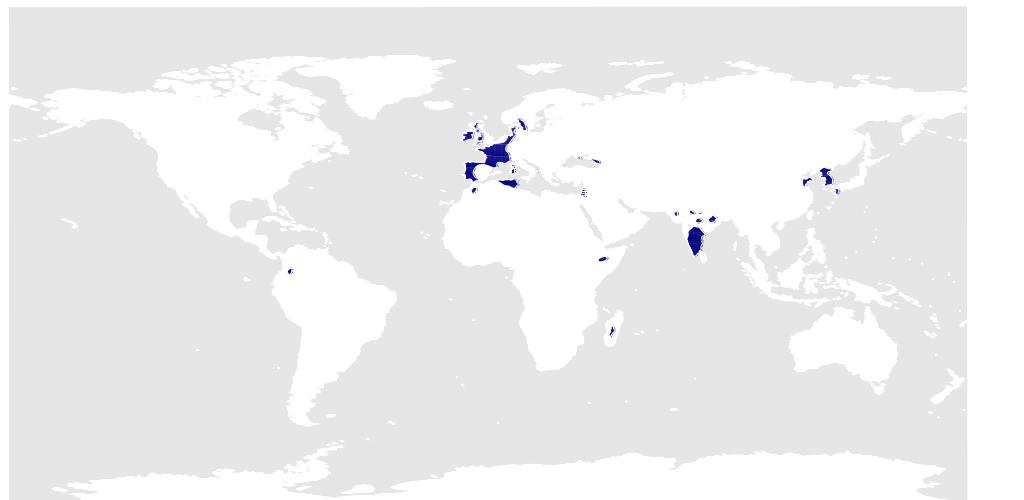


FIG. 8 | O "fenómeno megalítico" no Mundo

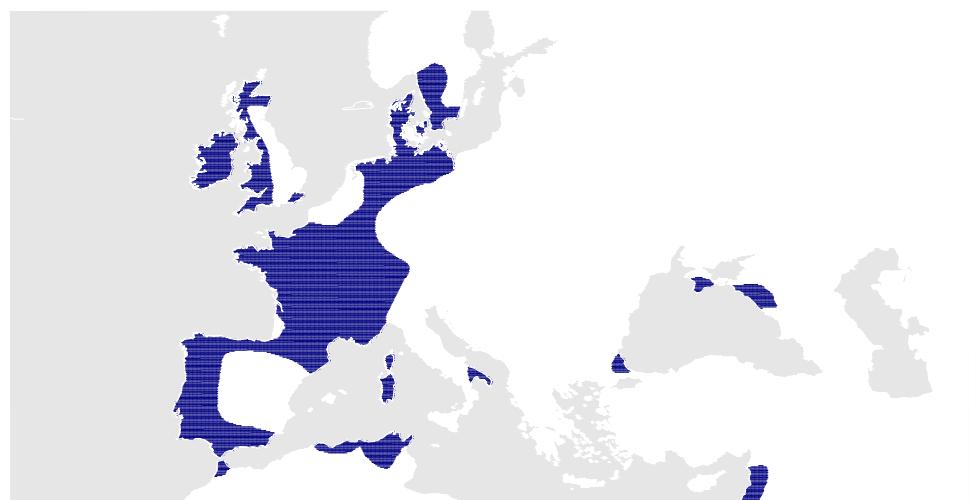


FIG. 9 | O "fenómeno megalítico" na Europa

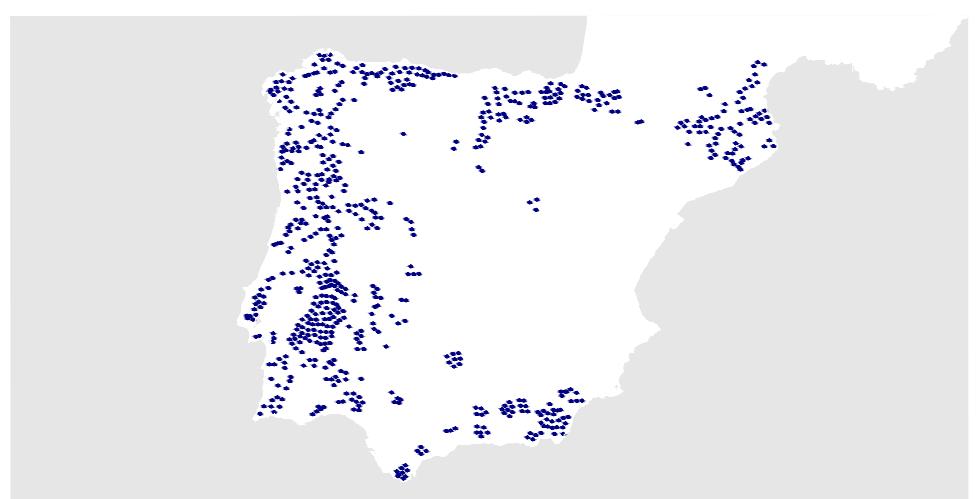


FIG. 10 | O "fenómeno megalítico" na Península Ibérica

1.1.2. DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Correspondendo a diferentes épocas de construção, a presença do fenômeno megalítico está assinalada em regiões tão distintas como a Península Ibérica, África do Norte e Madagáscar, Cáucaso, a Índia, o continente americano, o Extremo Oriente, nomeadamente na Coreia e no Japão.

As manifestações e vestígios do fenômeno megalítico, encontram-se dispersos um pouco por todo o mundo, correspondendo a diversas épocas de construção.

Presentes na Europa, África do Norte, Madagáscar, Cáucaso e Índia, representado esta última um dos maiores núcleos megalíticos do Mundo, situa-se cronologicamente entre o séc. II a. C. e primeira metade do séc. I a. C.. E ainda, no, Extremo Oriente, particularmente na Coreia e no Japão - persistindo um milénio, entre o séc. II a.C. e o séc. VII d.C.

As variadas localizações em diferentes épocas de construção apontam para existência de vários fenômenos megalíticos, resultantes de sociedades e culturas independentes.

Contudo, é na fachada atlântica europeia - uma vasta região costeira que inclui Portugal, Espanha, França, Holanda, Alemanha, Dinamarca, Suécia, Grã-Bretanha e Irlanda - que o fenômeno megalítico se manifesta com maior riqueza e multiplicidade, quer em número quer pela diversidade das soluções arquitectónicas.

Em determinadas zonas de França e Portugal, respectivamente, na Bretanha e no Alto Alentejo, remonta a meados do quinto milénio a.C., permitindo afirmar que trata da mais antiga arquitectura de pedra do mundo.

No território actualmente português, o megalitismo deve ser compreendido no contexto de práticas funerárias de enterramento colectivo nas sociedades do 4º e 3º milénios a. C. (Oliveira, 2001)

1.1.3. EXPRESSÃO ARQUITECTÓNICA

Em cada tempo, a Arquitectura vai reflectindo as correntes sociais, culturais, religiosas e as contingências económicas e é fruto da evolução do conhecimento tecnológico e científico de cada sociedade na sua época. Aquela que permanece, é resultado de todos esses factores, dos génios contemporâneos que então despontaram e das acções do tempo que lhes sucedeu.

Os monumentos megalíticos são, talvez, a primeira expressão construída, a primeira intenção arquitectónica, e também eles foram produto de todas essas condicionantes, que tanto se modificaram ao longo dos tempos e das sociedades, originando modelos arquitectónicos tão distintos, mas raramente dissociados do contexto em surgiram.

No que se refere ao megalitismo, apesar do contexto cultural, ou melhor, dos vários contextos culturais equivalentes¹⁶ em que se manifestou, as soluções arquitectónicas produzidas por diferentes sociedades foram em todas muito semelhantes¹⁷.

Com efeito, o que define a originalidade e unidade do megalitismo, ainda que a origem das ideias não fosse a mesma, é o espaço contido pelos monumentos megalíticos. Ou seja, a uniformidade da arquitectura megalítica constitui-se pela função dos seus monumentos, concebidos para um determinado efeito e com base nos mesmos princípios, ainda que apresentando soluções formais aparentemente adaptadas de região para região ou de comunidade para comunidade.

Por outro lado, o megalitismo trata-se de um fenômeno que se perpetua ao longo de um amplo intervalo de tempo - do Neolítico Médio aos inícios da Idade do Bronze -, o que originou diversas tendências evolutivas.

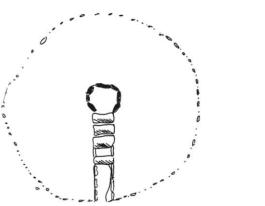
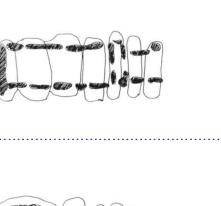
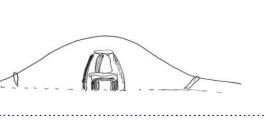
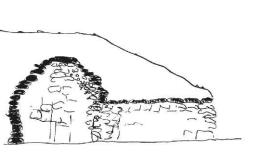
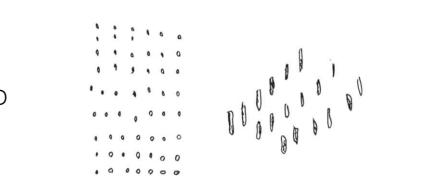
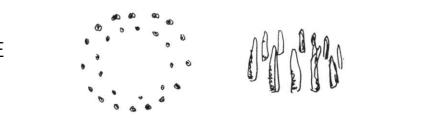
Num esforço de categorizar essas tendências cronologicamente, os pré-historiadores têm tentado ordenar no tempo as diferentes variações de sepulcros. Contudo, esses resultados verificaram-se pouco consensuais, uma vez que, para muitos pré-historiadores essa seriação não pode ser definida de forma linear nem generalizada, por existirem demasiadas contingências e condicionalismos, em muitos casos, endémicos das próprias comunidades, dos seus recursos, etc.

No território hoje português, o megalitismo parece poder hoje situar-se em parâmetros cronológicos e culturais bem precisos. Assim, aos conjuntos com cerâmicas impressas e incisas do Neolítico Antigo sucedem, aparentemente, sem rupturas, conjuntos com cerâmicas lisas. E os objectos são tão semelhantes que parece terem as comunidades neolíticas evolucionado paralelamente por todo o Centro e Sul do território. Porém, pelo 5º milénio a. C. manifestou-se entre algumas dessas comunidades um fenômeno surpreendente: a adopção de uma arquitectura funerária megalítica. Julga-se poder distinguir neste megalitismo do Centro e Sul de Portugal uma fase mais antiga com sepulcros pequenos, considerados individuais, construídos com pequenos esteios, mas durante a qual teriam sido igualmente edificadas as antas de corredor curto de inumação colectiva: a predominância de um ou outro tipo sepulcral parece dever-se a diferenças regionais e não cronológicas. Uma fase mais recente é caracterizada pelo grande dólmen de câmara poligonal e corredor longo, coberto por uma mamoia. (Parreira, 1991, p. 455)

¹⁶Actualmente, uma grande parte dos pré-historiadores contemporâneos propõe uma evolução poligenética deste fenômeno, ou seja, uma origem em pólos diferentes geograficamente, mas com contextos semelhantes, ao invés da sua difusão a partir de um polo original.

¹⁷ Em todo o caso, há que referir que apesar das diferentes culturas e contextos, não poderão deixar de ser atribuídas a condicionalismos históricos semelhantes e ao contacto entre diferentes sociedades, possivelmente, veiculado através do comércio de longa distância.
(Parreira, 1991)

FIG. 11 | Quadro síntese dos vários tipos de expressões arquitectónicas associadas ao Megalitismo

FUNCIONALIDADE	CARÁCTER	TIPOLOGIA	MORFOLOGIA
		GRUTA	
		CÂMARA	
		CORREDOR	
FUNERÁRIO	FECHADO	ANTA ou dólmen	
		THOLOS ou monumento de falsa cúpula	
		ISOLADO	
NÃO FUNERÁRIO	ABERTO	MENIR	
		ALINHAMENTO	
		CROMELEQUE	

Forma e função

De forma geral, os monumentos megalíticos dividem-se em duas categorias: uma de carácter funerário, sepulcros, em regra, de enterramento colectivo, designados de dólmens ou antas, incluindo ainda os tholoi e grutas, todas estas variações podem ser coexistentes cronológica, formal e funcionalmente; e uma outra de carácter não funerário, os menires, que podem apresentar-se isolados ou associados, em alinhamentos ou em recintos circulares - cromeleques.

Os monumentos de carácter funerário podem apresentar algumas variedades formais:

- antas ou dólmens, são normalmente compostas por uma câmara poligonal, trapezoidal ou subcircular - formada por esteios -, coberta por uma pedra maior - a "tampa" ou "chapéu" -, e por um corredor coberto, sendo o comprimento deste corredor variável, em certos casos sendo inexistente. Este conjunto de elementos, seriam cobertos por camadas terra e pedra formando uma topografia artificial, designada por mamoas;

- tholoi, também designados de monumentos de falsa cúpula, na maior parte das vezes são providos de câmara e corredor tal como os dólmens, diferem destes, por se constituírem por uma câmara circular, construída pela sobreposição de pequenas lajes de xisto ou de pedra ígnea formando uma cúpula cónica.

- grutas artificiais, que são integralmente escavadas na rocha, geralmente no calcário.

No entanto, independentemente, da solução formal adoptada para o espaço funerário, seja sob a forma de uma anta, de tholos ou de sepulcro escavado na rocha, os princípios espaciais manifestados são transversais a todos, sendo constituídos basicamente por uma câmara e, geralmente, por uma galeria de acesso à mesma, revestindo-se de características de autêntica gruta artificial.

Os menires, são constituídos por grandes pedras, normalmente associados à forma fálica, embutidas na vertical no solo. Ainda que no plano das hipóteses, são associados a símbolos do culto da fertilidade /fecundidade, sinais de orientação e marcos territoriais. (Oliveira, 2001) Estes terão sido a primeira representação da arquitectura megalítica, no V milénio a. C., antecessores da maioria das sepulturas megalíticas. Terão funcionado como marcos aquando os primeiros desbravamentos dos territórios ainda inexplorados, constituindo uma primeira fase de ocupação. (Calado, 1997) As antas terão surgido posteriormente, num momento de maior estabilidade, em que o domínio e a presença no território ocorrem através da perpetuação da memória dos antepassados através do culto.

Apesar da ocupação megalítica dos territórios se ter vindo perspectivar sobretudo a partir dos vestígios da morte, os do quotidiano também estão presentes, ainda que em menor escala. Eventualmente, não terão sido construídos para serem perenes ou para marcar a paisagem da mesma forma que os anteriores.

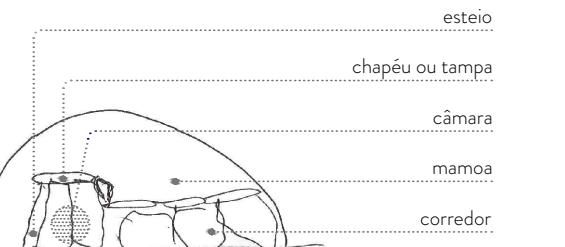


FIG. 12 | Esquema de uma anta em corte e planta

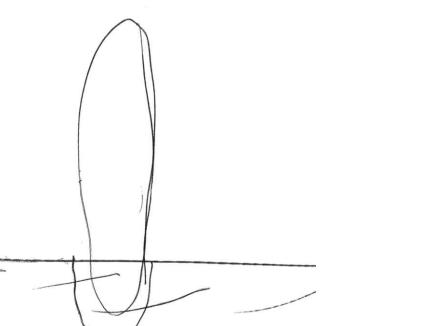


FIG. 13 | Esquema de um menir em corte

Simbologia

Para além da questão funcional de espaço de enterramento, a arquitectura funerária megalítica encerra uma enorme carga simbólica.

Quer enquanto elemento estruturante social, pois os monumentos materializavam a afirmação da própria comunidade como tal, conferindo-lhe uma existência palpável e visível. Na medida em que o parentesco funcionava como elemento estruturante da sociedade, aceita-se que os sepulcros colectivos tenham revestido um carácter familiar. Numa época em que, no seio das comunidades, se começava a estabelecer uma hierarquia de direitos sobre a terra e sobre os produtos, e também uma estratificação dos poderes religiosos e políticos, surgiram elites cuja proeminência se baseava na estrutura do parentesco e na proximidade genealógica relativamente a um antepassado comum. O papel de redistribuição da riqueza assumido pelos membros dessas elites era aceite e como tal legitimado - pelos restantes membros das comunidades. É, pois, natural que pelo menos uma parte dos sepulcros megalíticos, sobretudo em épocas tardias, tenha sido utilizada em benefício dos estratos que usufruía de uma situação privilegiada no todo social. Desde a sua construção pelo colectivo à sua utilização como espaço sagrado e privilegiado, acessível apenas a alguns, os megálitos legitimaram hierarquias estabelecidas e consolidaram a estrutura social. (Parreira, 1991, p. 456)

Quer como veículo de perpetuação de memória colectiva. De facto, tudo parece indicar que, pelo menos, algumas sepulturas megalíticas foram construídas sob habitats mais antigos. Esta continuidade de ocupação do mesmo espaço, primeiramente pelos vivos e posteriormente pelos mortos ocorre demasiadas vezes para ser compreendida como ocasional. A simbologia de um local, provavelmente relacionada com a apropriação de um território pelos antepassados do grupo, continuada pela sobreposição de uma sepultura com toda a carga simbólica que naturalmente encerra, continuamente visitada, transformaria esse local num arquivo onde a memória de um grupo se perpetuaría. (Oliveira J. M., 1997, pp. 428,430)

A arquitectura funerária megalítica parece ter uma forte intenção de se afirmar e eternizar no tempo, a sua dimensão e solidez, tornam-na claramente visível e perene - revestindo-se o megalitismo como um fenómeno de marcação na paisagem e na memória social.

No entanto, é ainda de referir que, em qualquer uma das categorias em que, genericamente, se agrupa a arquitectura megalítica - funerária ou não funerária -, segundo o professor arqueólogo Jorge de Oliveira, se pode associar aos monumentos megalíticos um simbolismo relacionado com ritos de fertilidade.

Com efeito, em tempos em que as comunidades dependiam do que a natureza lhes proporcionava para sua subsistência, a fertilidade dos solos assumia um papel de fundamental importância para estas populações. Neste sentido, erigiam os seus monumentos numa tentativa de que transmitissem a um rito de fecundidade simbólica para que se tornassem mais férteis. É por isso, bastante sugestivo que a arquitectura megalítica remeta, a nível da forma, para antropomorfização dos ritos e símbolos de reprodução humanos.

Note-se a forma fálica dos menires embutidos no solo, ou a forma alegórica de ventre das mamoas, acentuada ainda, pela orientação em planta dos corredores das antas, normalmente orientados a nascente e ainda pela disposição dos corpos, depositados em posição fetal e com o crânio dirigido à entrada da câmara, aludindo a um ventre fecundado.



FIG. 14 | FOTO AÉREA DO CONCELHO

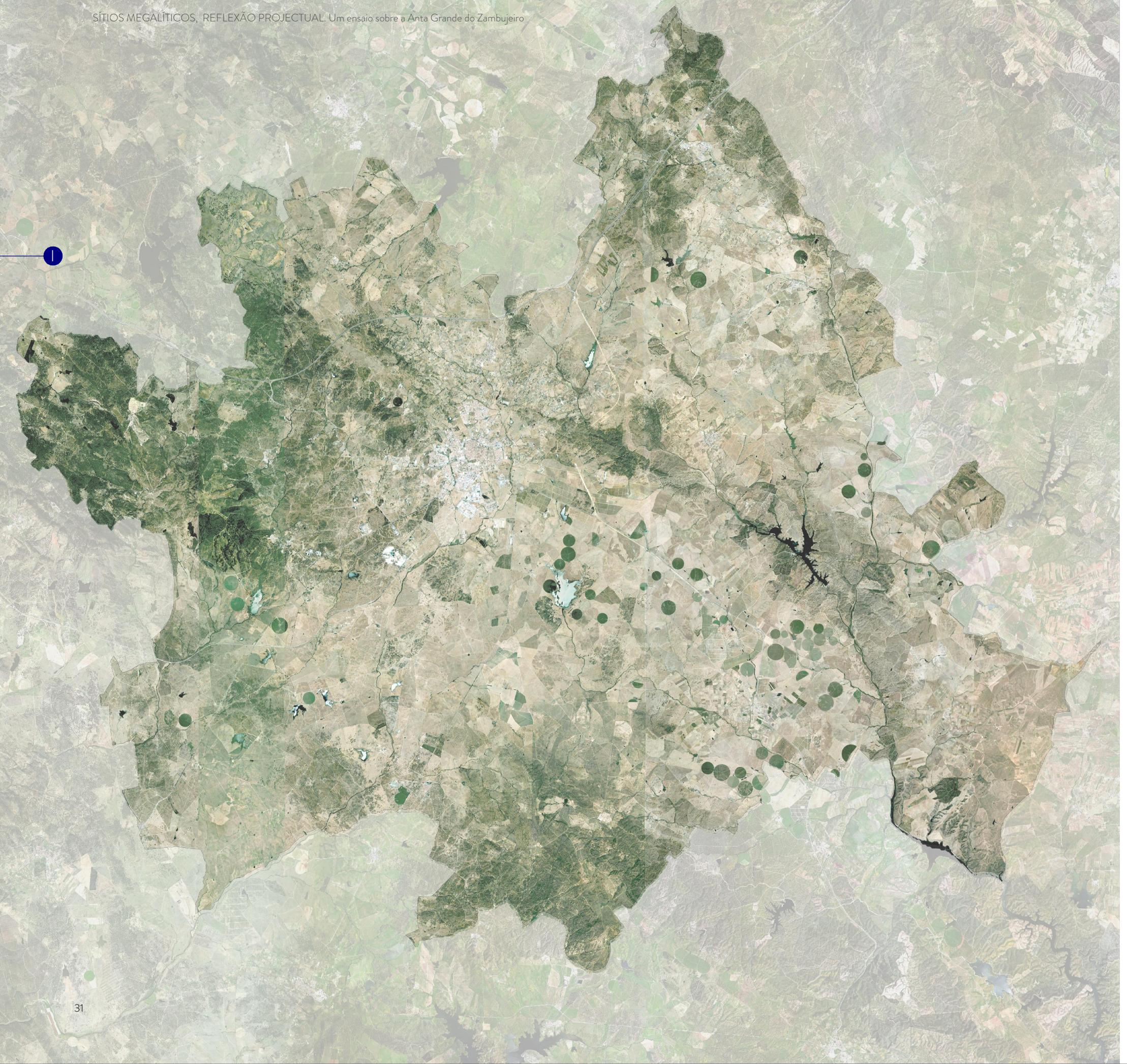


FIG. 15 | LOCALIDADES E EIXOS VIÁRIOS

- eixos viários principais
- localidades

FIG. 16 | TOPOGRAFIA

- curvas de nível
- △ marcos geodésicos

FIG. 17 | HIDROGRAFIA

- linhas de água principais
- albufeiras

FIG. 18 | BACIAS HIDROGRÁFICAS

- bacia hidrográfica do Tejo
- bacia hidrográfica do Sado
- bacia hidrográfica do Guadiana

FIG. 19 | CARTA ARQUEOLÓGICA DO CONCELHO DE ÉVORA (pré-história)

- anta
- esteio
- mamoia
- △ menir
- ⊕ necrópole
- ▲ par de menires
- ◆ pedra com covinhas
- recinto megalítico
- ⊗ recinto/ habitat
- sepultura proto-megalítica

0 0,5 2 5 km

1.2. CARACTERÍSTICAS DE UM TERRITÓRIO

- "Uma encruzilhada muito especial"¹⁸

1.2.1. VESTÍGIOS DO MEGALITISMO NA REGIÃO DE ÉVORA

Os dados actualmente disponíveis são particularmente expressivos quanto à riqueza arqueológica do território concelhio de Évora.

A situação geográfica de Évora representa, possivelmente, o factor explicativo mais importante da riqueza do seu património megalítico, denunciador de uma densidade populacional muito considerável, ao longo do Neolítico, sensivelmente entre 6000 e 3000 anos a.C..

A zona envolvente à cidade de Évora, constitui uma das paisagens megalíticas mais diversificadas e extraordinárias a nível peninsular.

Com efeito, verifica-se uma evidente relação entre a densidade e a dimensão dos vestígios megalíticos eborenses e a posição singular deste território, fundamentalmente associada à sua transitabilidade natural.

De assinalar que, é nos arredores da cidade que se localiza o único ponto em que as bacias hidrográficas dos três maiores rios do Sul do país - o Tejo, o Sado e o Guadiana - se cruzam.

Esta situação, marca a estreita relação do território de Évora e os estuários do Tejo e do Sado, cujas populações daí oriundas parecem ter estado profundamente envolvidas na neolitização do interior Sul e na construção dos primeiros monumentos megalíticos.

Este factor fisiográfico preponderante terá levado à ocupação deste território, uma vez que, representou uma função estruturante nas redes viárias primitivas, desempenhada pelas linhas de água e pelos festos. (Calado, 1997)

Do ponto de vista arqueológico, a fase da Pré-história recente (época do megalitismo) é uma das que mais se destaca na região de Évora.

São conhecidos mais de dez recintos megalíticos, mais de cem menires isolados, cerca de oitocentas antas e perto de quatrocentas e cinquenta povoações megalíticas. Para além destes, existem cerca de cem pedras com covinhas, cuja funcionalidade ainda é desconhecida.

É de salientar, o carácter singular dos monumentos menirícios eborenses, no contexto peninsular, bem como, a sua importância no panorama das grandes províncias megalíticas da Europa atlântica. E ainda, elevada a densidade de estruturas dolménicas, constituindo-se a AGZ um dos mais excepcionais exemplares deste tipo.

Além disso, trabalhos prospecção mais recentes, ampliam ainda uma densa rede de sítios de habitat, de que se destacam os do Neolítico Antigo, representando actualmente uma das maiores concentrações dos primeiros povoados de pastores e agricultores do nosso país.

"Estes indícios são especialmente sugestivos, dado que, até recentemente, se considerava que esse tipo de vestígios era exclusivo do litoral e porque, por outro lado, se localizam no mesmo contexto geográfico que os recintos megalíticos, permitindo responder a uma das questões que, a propósito deles, se levantava: onde viviam os construtores desses monumentos?". (Calado, Santos, & Carvalho, Arqueologia do concelho de Évora: um ponto da situação, 2007-2008)

Constata-se, deste modo, que a privilegiada situação do território de Évora, terá sido determinante para a monumentalidade excepcional do megalitismo, bem como, terá contribuído para o estabelecimento e continuidade interrupta, durante milénios, da presença humana nesta região, produzindo o seu reflexo na paisagem e nas relações dos homens com o território, como atestam os vestígios arqueológicos de consecutivas épocas.



FIG. 14 | FOTO AÉREA DO CONCELHO



FIG. 15 | LOCALIDADES E EIXOS VIÁRIOS

- eixos viários principais
- localidades

FIG. 16 | TOPOGRAFIA

- curvas de nível
- ▲ marcos geodésicos

FIG. 17 | HIDROGRAFIA

- linhas de água principais
- albufeiras

FIG. 18 | BACIAS HIDROGRÁFICAS

- bacia hidrográfica do Tejo
- bacia hidrográfica do Sado
- bacia hidrográfica do Guadiana

FIG. 19 | CARTA ARQUEOLÓGICA DO CONCELHO DE ÉVORA (pré-história)

- anta
- ◇ esteio
- mamoia
- △ menir
- + necrópole
- ▲ par de menires
- ◆ pedra com covinhas
- recinto megalítico
- ⊗ recinto/ habitat
- sepultura proto-megalítica

1.2. CARACTERÍSTICAS DE UM TERRITÓRIO

- "Uma encruzilhada muito especial"¹⁸

1.2.1. VESTÍGIOS DO MEGALITISMO NA REGIÃO DE ÉVORA

Os dados actualmente disponíveis são particularmente expressivos quanto à riqueza arqueológica do território concelhio de Évora.

A situação geográfica de Évora representa, possivelmente, o factor explicativo mais importante da riqueza do seu património megalítico, denunciador de uma densidade populacional muito considerável, ao longo do Neolítico, sensivelmente entre 6000 e 3000 anos a.C..

A zona envolvente à cidade de Évora, constitui uma das paisagens megalíticas mais diversificadas e extraordinárias a nível peninsular.

Com efeito, verifica-se uma evidente relação entre a densidade e a dimensão dos vestígios megalíticos eborenses e a posição singular deste território, fundamentalmente associada à sua transitabilidade natural.

De assinalar que, é nos arredores da cidade que se localiza o único ponto em que as bacias hidrográficas dos três maiores rios do Sul do país - o Tejo, o Sado e o Guadiana - se cruzam.

Esta situação, marca a estreita relação do território de Évora e os estuários do Tejo e do Sado, cujas populações daí oriundas parecem ter estado profundamente envolvidas na neolitização do interior Sul e na construção dos primeiros monumentos megalíticos.

Este factor fisiográfico preponderante terá levado à ocupação deste território, uma vez que, representou uma função estruturante nas redes viárias primitivas, desempenhada pelas linhas de água e pelos festos. (Calado, 1997)

Do ponto de vista arqueológico, a fase da Pré-história recente (época do megalitismo) é uma das que mais se destaca na região de Évora.

São conhecidos mais de dez recintos megalíticos, mais de cem menires isolados, cerca de oitocentas antas e perto de quatrocentas e cinquenta povoações megalíticas. Para além destes, existem cerca de cem pedras com covinhas, cuja funcionalidade ainda é desconhecida.

É de salientar, o carácter singular dos monumentos menirícios eborenses, no contexto peninsular, bem como, a sua importância no panorama das grandes províncias megalíticas da Europa atlântica. E ainda, elevada a densidade de estruturas dolménicas, constituindo-se a AGZ um dos mais excepcionais exemplares deste tipo.

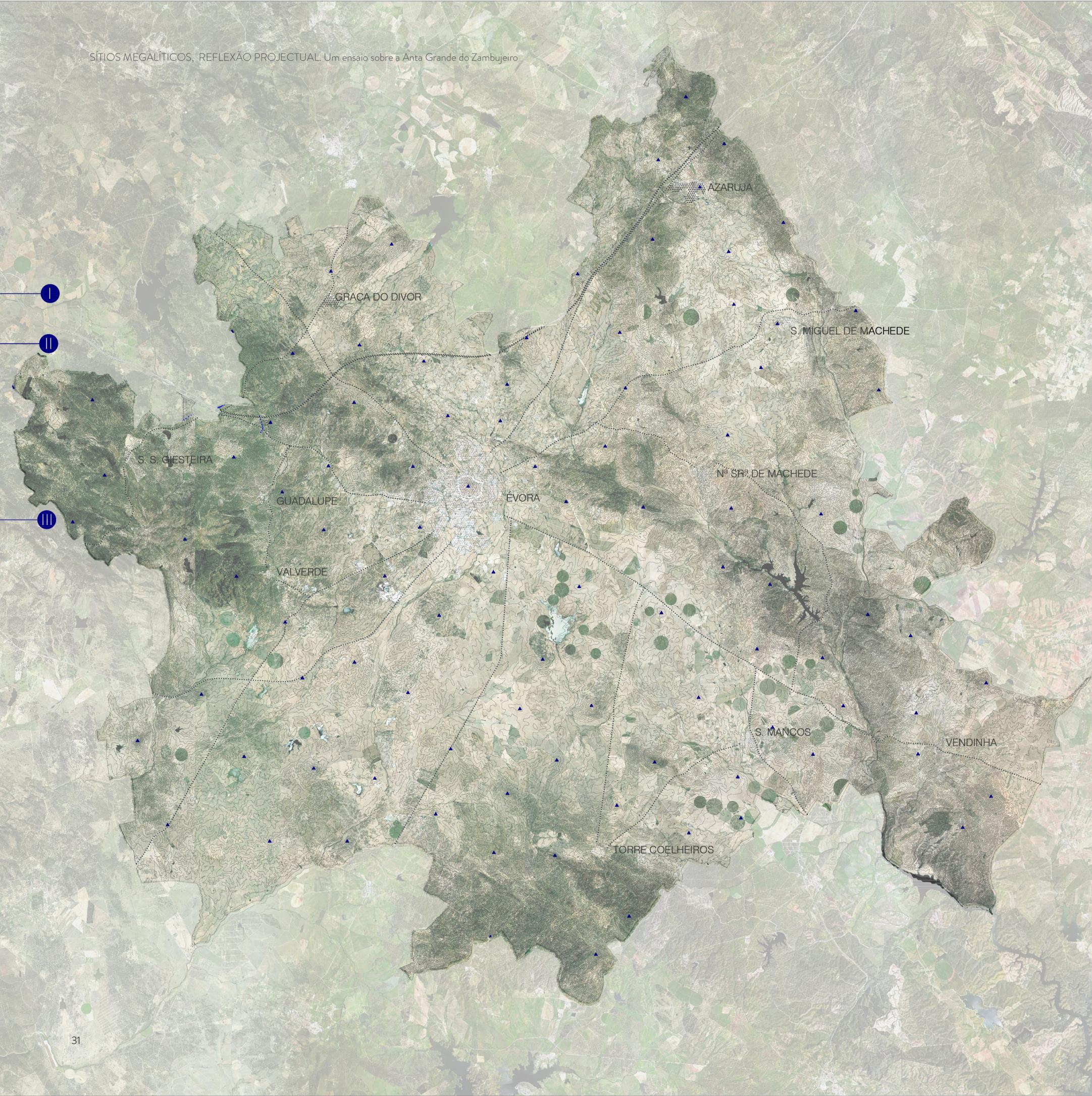
Além disso, trabalhos prospecção mais recentes, ampliam ainda uma densa rede de sítios de habitat, de que se destacam os do Neolítico Antigo, representando actualmente uma das maiores concentrações dos primeiros povoados de pastores e agricultores do nosso país.

"Estes indícios são especialmente sugestivos, dado que, até recentemente, se considerava que esse tipo de vestígios era exclusivo do litoral e porque, por outro lado, se localizam no mesmo contexto geográfico que os recintos megalíticos, permitindo responder a uma das questões que, a propósito deles, se levantava: onde viviam os construtores desses monumentos?". (Calado, Santos, & Carvalho, Arqueologia do concelho de Évora: um ponto da situação, 2007-2008)

Constata-se, deste modo, que a privilegiada situação do território de Évora, terá sido determinante para a monumentalidade excepcional do megalitismo, bem como, terá contribuído para o estabelecimento e continuidade interrupta, durante milénios, da presença humana nesta região, produzindo o seu reflexo na paisagem e nas relações dos homens com o território, como atestam os vestígios arqueológicos de consecutivas épocas.



- FIG. 14 | FOTO AÉREA DO CONCELHO**
- FIG. 15 | LOCALIDADES E EIXOS VIÁRIOS**
- eixos viários principais
 - localidades
- FIG. 16 | TOPOGRAFIA**
- curvas de nível
 - ▲ marcos geodésicos
- FIG. 17 | HIDROGRAFIA**
- linhas de água principais
 - albufeiras
- FIG. 18 | BACIAS HIDROGRÁFICAS**
- bacia hidrográfica do Tejo
 - bacia hidrográfica do Sado
 - bacia hidrográfica do Guadiana
- FIG. 19 | CARTA ARQUEOLÓGICA DO CONCELHO DE ÉVORA (pré-história)**
- anta
 - ◇ esteio
 - mamoia
 - △ menir
 - ⊕ necrópole
 - ▲ par de menires
 - ◆ pedra com covinhas
 - recinto megalítico
 - ⊗ recinto/ habitat
 - sepultura proto-megalítica
- 1 0.5 2 5 km



1.2. CARACTERÍSTICAS DE UM TERRITÓRIO

- "Uma encruzilhada muito especial"¹⁸

1.2.1. VESTÍGIOS DO MEGALITISMO NA REGIÃO DE ÉVORA

Os dados actualmente disponíveis são particularmente expressivos quanto à riqueza arqueológica do território concelhio de Évora.

A situação geográfica de Évora representa, possivelmente, o factor explicativo mais importante da riqueza do seu património megalítico, denunciador de uma densidade populacional muito considerável, ao longo do Neolítico, sensivelmente entre 6000 e 3000 anos a.C..

A zona envolvente à cidade de Évora, constitui uma das paisagens megalíticas mais diversificadas e extraordinárias a nível peninsular.

Com efeito, verifica-se uma evidente relação entre a densidade e a dimensão dos vestígios megalíticos eborenses e a posição singular deste território, fundamentalmente associada à sua transitabilidade natural.

De assinalar que, é nos arredores da cidade que se localiza o único ponto em que as bacias hidrográficas dos três maiores rios do Sul do país - o Tejo, o Sado e o Guadiana - se cruzam.

Esta situação, marca a estreita relação do território de Évora e os estuários do Tejo e do Sado, cujas populações daí oriundas parecem ter estado profundamente envolvidas na neolitização do interior Sul e na construção dos primeiros monumentos megalíticos.

Este factor fisiográfico preponderante terá levado à ocupação deste território, uma vez que, representou uma função estruturante nas redes viárias primitivas, desempenhada pelas linhas de água e pelos festos. (Calado, 1997)

Do ponto de vista arqueológico, a fase da Pré-história recente (época do megalitismo) é uma das que mais se destaca na região de Évora.

São conhecidos mais de dez recintos megalíticos, mais de cem menires isolados, cerca de oitocentas antas e perto de quatrocentas e cinquenta povoações megalíticas. Para além destes, existem cerca de cem pedras com covinhas, cuja funcionalidade ainda é desconhecida.

É de salientar, o carácter singular dos monumentos menirícios eborenses, no contexto peninsular, bem como, a sua importância no panorama das grandes províncias megalíticas da Europa atlântica. E ainda, elevada a densidade de estruturas dolménicas, constituindo-se a AGZ um dos mais excepcionais exemplares deste tipo.

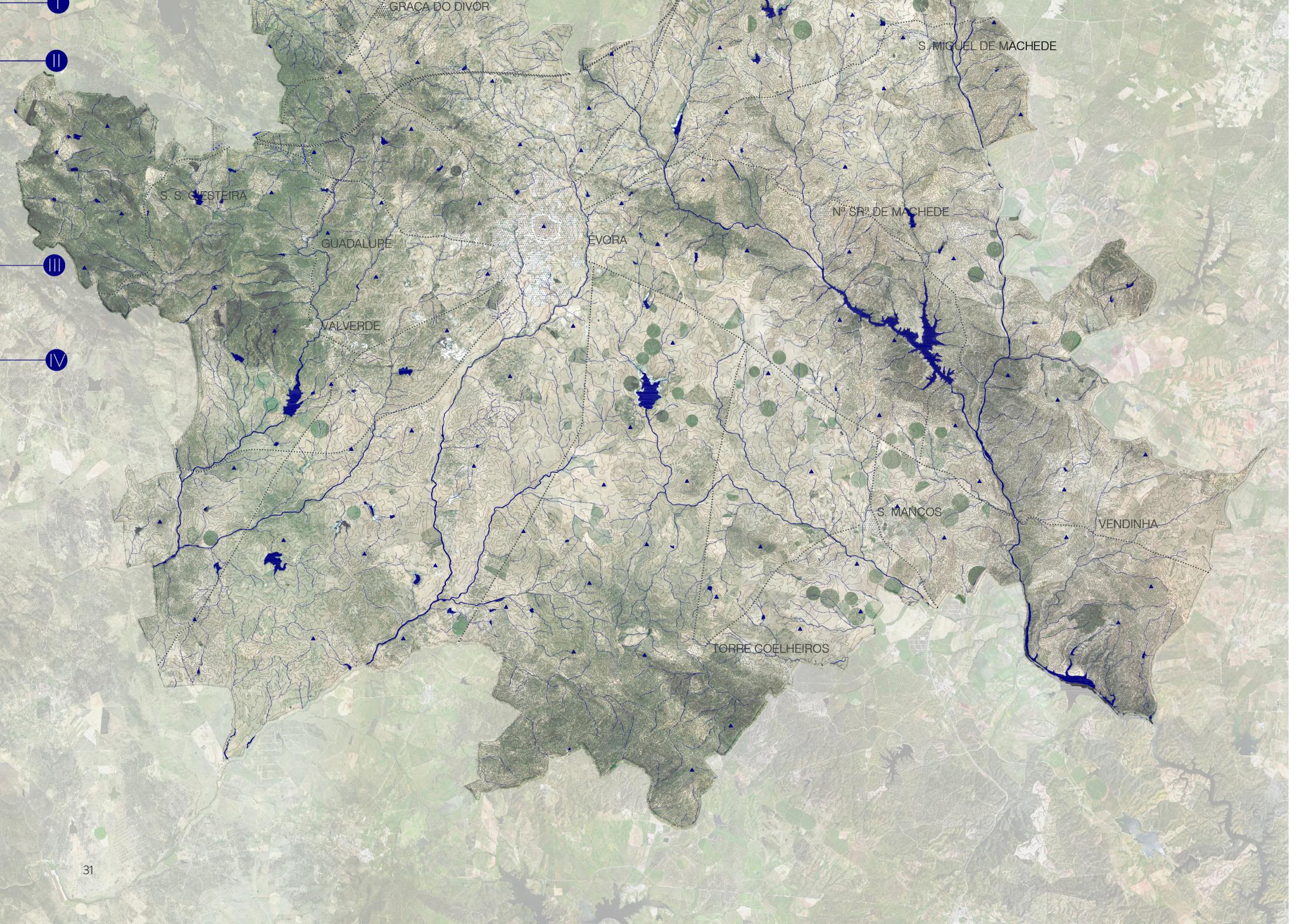
Além disso, trabalhos prospecção mais recentes, ampliam ainda uma densa rede de sítios de habitat, de que se destacam os do Neolítico Antigo, representando actualmente uma das maiores concentrações dos primeiros povoados de pastores e agricultores do nosso país.

"Estes indícios são especialmente sugestivos, dado que, até recentemente, se considerava que esse tipo de vestígios era exclusivo do litoral e porque, por outro lado, se localizam no mesmo contexto geográfico que os recintos megalíticos, permitindo responder a uma das questões que, a propósito deles, se levantava: onde viviam os construtores desses monumentos?". (Calado, Santos, & Carvalho, Arqueologia do concelho de Évora: um ponto da situação, 2007-2008)

Constata-se, deste modo, que a privilegiada situação do território de Évora, terá sido determinante para a monumentalidade excepcional do megalitismo, bem como, terá contribuído para o estabelecimento e continuidade interrupta, durante milénios, da presença humana nesta região, produzindo o seu reflexo na paisagem e nas relações dos homens com o território, como atestam os vestígios arqueológicos de consecutivas épocas.



FIG. 14 | FOTO AÉREA DO CONCELHO



1.2. CARACTERÍSTICAS DE UM TERRITÓRIO

- "Uma encruzilhada muito especial"¹⁸

1.2.1. VESTÍGIOS DO MEGALITISMO NA REGIÃO DE ÉVORA

Os dados actualmente disponíveis são particularmente expressivos quanto à riqueza arqueológica do território concelhio de Évora.

A situação geográfica de Évora representa, possivelmente, o factor explicativo mais importante da riqueza do seu património megalítico, denunciador de uma densidade populacional muito considerável, ao longo do Neolítico, sensivelmente entre 6000 e 3000 anos a.C..

A zona envolvente à cidade de Évora, constitui uma das paisagens megalíticas mais diversificadas e extraordinárias a nível peninsular.

Com efeito, verifica-se uma evidente relação entre a densidade e a dimensão dos vestígios megalíticos eborenses e a posição singular deste território, fundamentalmente associada à sua transitabilidade natural.

De assinalar que, é nos arredores da cidade que se localiza o único ponto em que as bacias hidrográficas dos três maiores rios do Sul do país - o Tejo, o Sado e o Guadiana - se cruzam.

Esta situação, marca a estreita relação do território de Évora e os estuários do Tejo e do Sado, cujas populações daí oriundas parecem ter estado profundamente envolvidas na neolitização do interior Sul e na construção dos primeiros monumentos megalíticos.

Este factor fisiográfico preponderante terá levado à ocupação deste território, uma vez que, representou uma função estruturante nas redes viárias primitivas, desempenhada pelas linhas de água e pelos festos. (Calado, 1997)

Do ponto de vista arqueológico, a fase da Pré-história recente (época do megalitismo) é uma das que mais se destaca na região de Évora.

São conhecidos mais de dez recintos megalíticos, mais de cem menires isolados, cerca de oitocentas antas e perto de quatrocentas e cinquenta povoações megalíticas. Para além destes, existem cerca de cem pedras com covinhas, cuja funcionalidade ainda é desconhecida.

É de salientar, o carácter singular dos monumentos menirícios eborenses, no contexto peninsular, bem como, a sua importância no panorama das grandes províncias megalíticas da Europa atlântica. E ainda, elevada a densidade de estruturas dolménicas, constituindo-se a AGZ um dos mais excepcionais exemplares deste tipo.

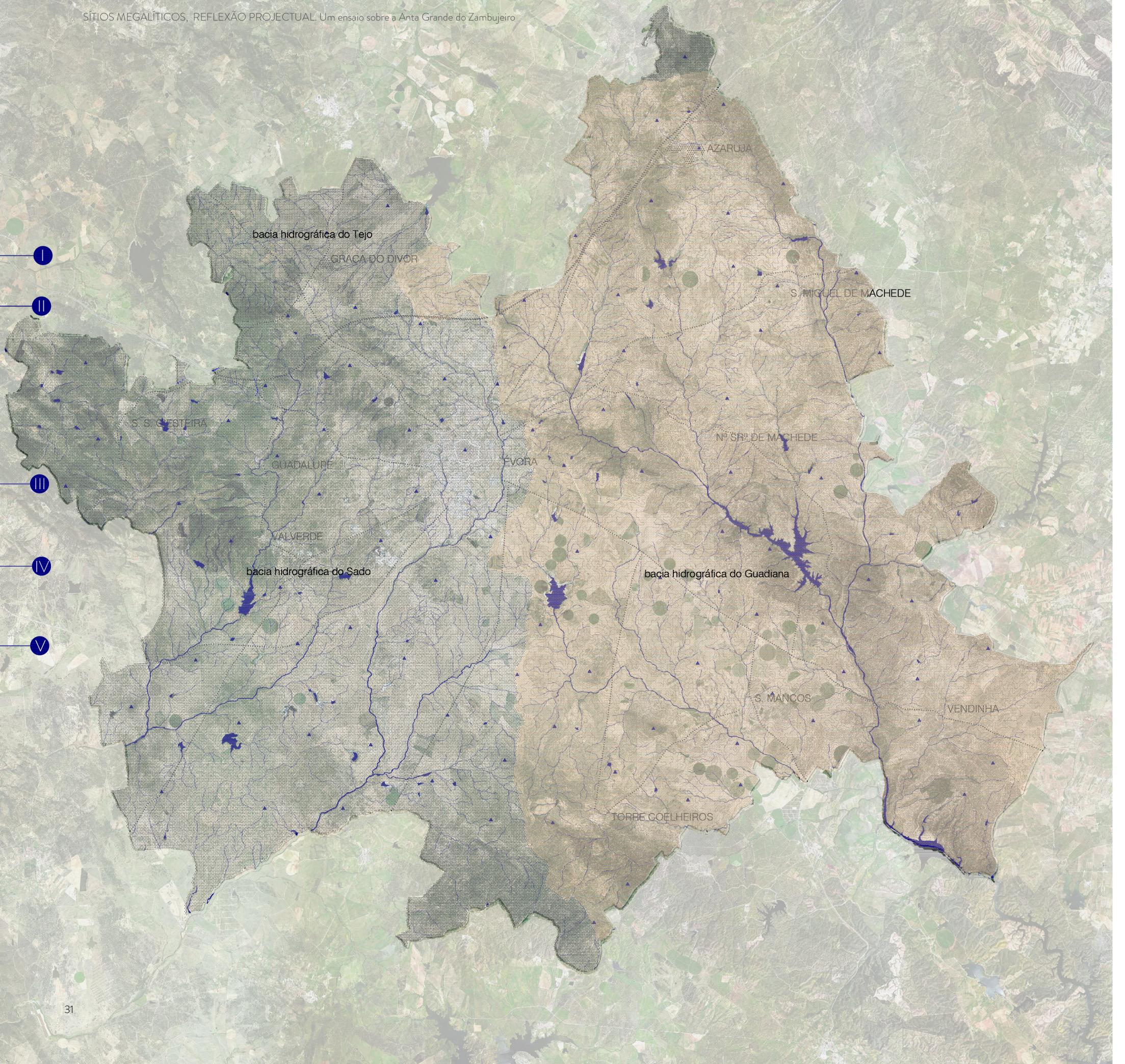
Além disso, trabalhos prospecção mais recentes, ampliam ainda uma densa rede de sítios de habitat, de que se destacam os do Neolítico Antigo, representando actualmente uma das maiores concentrações dos primeiros povoados de pastores e agricultores do nosso país.

"Estes indícios são especialmente sugestivos, dado que, até recentemente, se considerava que esse tipo de vestígios era exclusivo do litoral e porque, por outro lado, se localizam no mesmo contexto geográfico que os recintos megalíticos, permitindo responder a uma das questões que, a propósito deles, se levantava: onde viviam os construtores desses monumentos?". (Calado, Santos, & Carvalho, Arqueologia do concelho de Évora: um ponto da situação, 2007-2008)

Constata-se, deste modo, que a privilegiada situação do território de Évora, terá sido determinante para a monumentalidade excepcional do megalitismo, bem como, terá contribuído para o estabelecimento e continuidade interrupta, durante milénios, da presença humana nesta região, produzindo o seu reflexo na paisagem e nas relações dos homens com o território, como atestam os vestígios arqueológicos de consecutivas épocas.



FIG. 14 | FOTO AÉREA DO CONCELHO



1.2. CARACTERÍSTICAS DE UM TERRITÓRIO

- "Uma encruzilhada muito especial"¹⁸

1.2.1. VESTÍGIOS DO MEGALITISMO NA REGIÃO DE ÉVORA

Os dados actualmente disponíveis são particularmente expressivos quanto à riqueza arqueológica do território concelhio de Évora.

A situação geográfica de Évora representa, possivelmente, o factor explicativo mais importante da riqueza do seu património megalítico, denunciador de uma densidade populacional muito considerável, ao longo do Neolítico, sensivelmente entre 6000 e 3000 anos a.C..

A zona envolvente à cidade de Évora, constitui uma das paisagens megalíticas mais diversificadas e extraordinárias a nível peninsular.

Com efeito, verifica-se uma evidente relação entre a densidade e a dimensão dos vestígios megalíticos eborenses e a posição singular deste território, fundamentalmente associada à sua transitabilidade natural.

De assinalar que, é nos arredores da cidade que se localiza o único ponto em que as bacias hidrográficas dos três maiores rios do Sul do país - o Tejo, o Sado e o Guadiana - se cruzam.

Esta situação, marca a estreita relação do território de Évora e os estuários do Tejo e do Sado, cujas populações daí oriundas parecem ter estado profundamente envolvidas na neolitização do interior Sul e na construção dos primeiros monumentos megalíticos.

Este factor fisiográfico preponderante terá levado à ocupação deste território, uma vez que, representou uma função estruturante nas redes viárias primitivas, desempenhada pelas linhas de água e pelos festos. (Calado, 1997)

Do ponto de vista arqueológico, a fase da Pré-história recente (época do megalitismo) é uma das que mais se destaca na região de Évora.

São conhecidos mais de dez recintos megalíticos, mais de cem menires isolados, cerca de oitocentas antas e perto de quatrocentas e cinquenta povoações megalíticas. Para além destes, existem cerca de cem pedras com covinhas, cuja funcionalidade ainda é desconhecida.

É de salientar, o carácter singular dos monumentos menirícios eborenses, no contexto peninsular, bem como, a sua importância no panorama das grandes províncias megalíticas da Europa atlântica. E ainda, elevada a densidade de estruturas dolménicas, constituindo-se a AGZ um dos mais excepcionais exemplares deste tipo.

Além disso, trabalhos prospecção mais recentes, ampliam ainda uma densa rede de sítios de habitat, de que se destacam os do Neolítico Antigo, representando actualmente uma das maiores concentrações dos primeiros povoados de pastores e agricultores do nosso país.

"Estes indícios são especialmente sugestivos, dado que, até recentemente, se considerava que esse tipo de vestígios era exclusivo do litoral e porque, por outro lado, se localizam no mesmo contexto geográfico que os recintos megalíticos, permitindo responder a uma das questões que, a propósito deles, se levantava: onde viviam os construtores desses monumentos?". (Calado, Santos, & Carvalho, Arqueologia do concelho de Évora: um ponto da situação, 2007-2008)

Constata-se, deste modo, que a privilegiada situação do território de Évora, terá sido determinante para a monumentalidade excepcional do megalitismo, bem como, terá contribuído para o estabelecimento e continuidade interrupta, durante milénios, da presença humana nesta região, produzindo o seu reflexo na paisagem e nas relações dos homens com o território, como atestam os vestígios arqueológicos de consecutivas épocas.



FIG. 14 | FOTO AÉREA DO CONCELHO

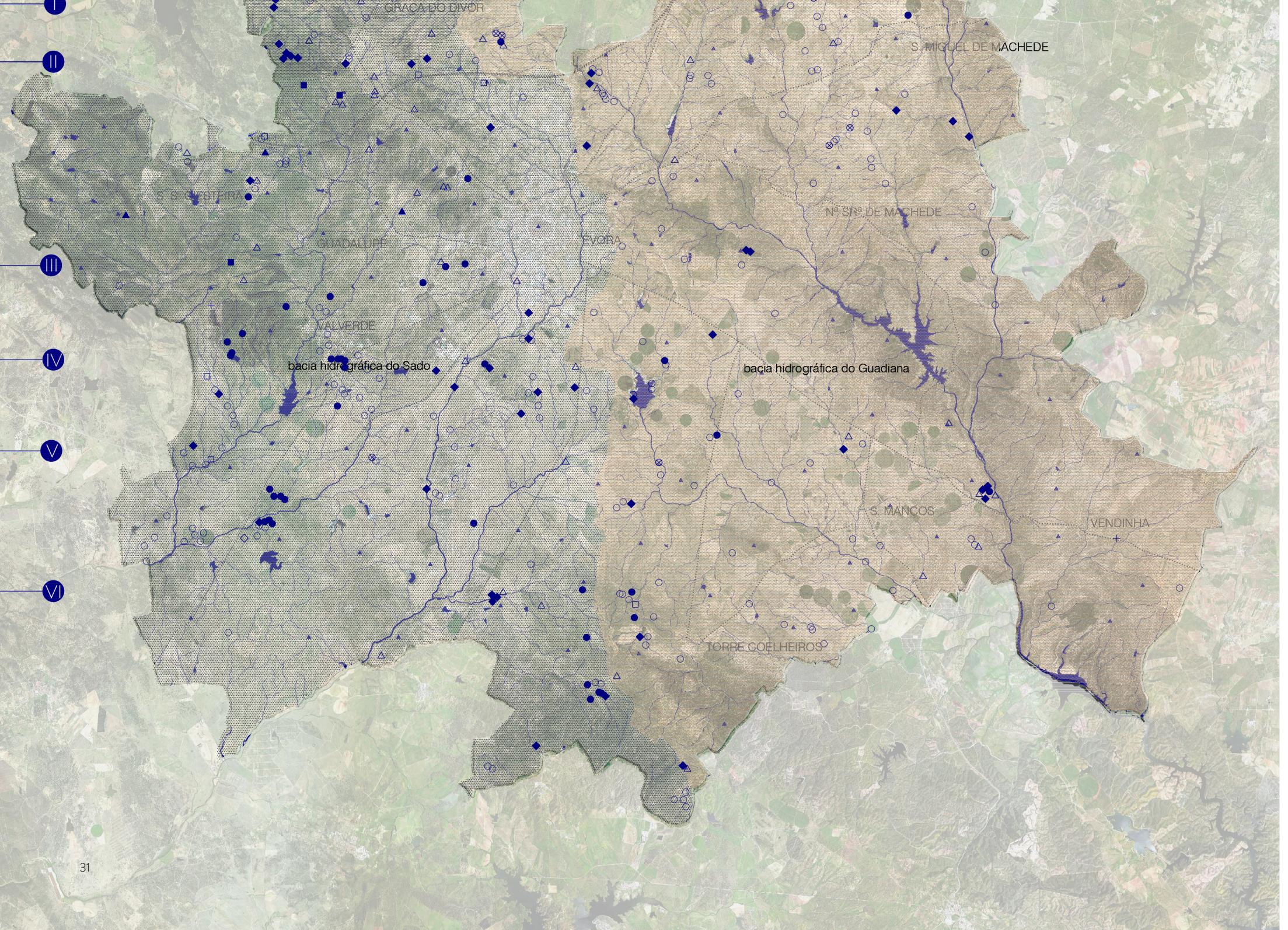


FIG. 15 | LOCALIDADES E EIXOS VIÁRIOS

eixos viários principais
localidades

FIG. 16 | TOPOGRAFIA

curvas de nível
marcos geodésicos

FIG. 17 | HIDROGRAFIA

linhas de água principais
albufeiras

FIG. 18 | BACIAS HIDROGRÁFICAS

bacia hidrográfica do Tejo
bacia hidrográfica do Sado
bacia hidrográfica do Guadiana

FIG. 19 | CARTA ARQUEOLÓGICA DO CONCELHO DE ÉVORA (pré-história)

anta
esteio
mamoa
menir
necrópole
par de menires
pedra com covinhas
recinto megalítico
recinto/ habitat
sepultura proto-megalítica

0 0,5 2 5 km

1.2. CARACTERÍSTICAS DE UM TERRITÓRIO

- "Uma encruzilhada muito especial"¹⁸

1.2.1. VESTÍGIOS DO MEGALITISMO NA REGIÃO DE ÉVORA

Os dados actualmente disponíveis são particularmente expressivos quanto à riqueza arqueológica do território concelhio de Évora.

A situação geográfica de Évora representa, possivelmente, o factor explicativo mais importante da riqueza do seu património megalítico, denunciador de uma densidade populacional muito considerável, ao longo do Neolítico, sensivelmente entre 6000 e 3000 anos a.C..

A zona envolvente à cidade de Évora, constitui uma das paisagens megalíticas mais diversificadas e extraordinárias a nível peninsular.

Com efeito, verifica-se uma evidente relação entre a densidade e a dimensão dos vestígios megalíticos eborenses e a posição singular deste território, fundamentalmente associada à sua transitabilidade natural.

De assinalar que, é nos arredores da cidade que se localiza o único ponto em que as bacias hidrográficas dos três maiores rios do Sul do país - o Tejo, o Sado e o Guadiana - se cruzam.

Esta situação, marca a estreita relação do território de Évora e os estuários do Tejo e do Sado, cujas populações daí oriundas parecem ter estado profundamente envolvidas na neolitização do interior Sul e na construção dos primeiros monumentos megalíticos.

Este factor fisiográfico preponderante terá levado à ocupação deste território, uma vez que, representou uma função estruturante nas redes viárias primitivas, desempenhada pelas linhas de água e pelos festos. (Calado, 1997)

Do ponto de vista arqueológico, a fase da Pré-história recente (época do megalitismo) é uma das que mais se destaca na região de Évora.

São conhecidos mais de dez recintos megalíticos, mais de cem menires isolados, cerca de oitocentas antas e perto de quatrocentas e cinquenta povoações megalíticas. Para além destes, existem cerca de cem pedras com covinhas, cuja funcionalidade ainda é desconhecida.

É de salientar, o carácter singular dos monumentos menirícios eborenses, no contexto peninsular, bem como, a sua importância no panorama das grandes províncias megalíticas da Europa atlântica. E ainda, elevada a densidade de estruturas dolménicas, constituindo-se a AGZ um dos mais excepcionais exemplares deste tipo.

Além disso, trabalhos prospecção mais recentes, ampliam ainda uma densa rede de sítios de habitat, de que se destacam os do Neolítico Antigo, representando actualmente uma das maiores concentrações dos primeiros povoados de pastores e agricultores do nosso país.

"Estes indícios são especialmente sugestivos, dado que, até recentemente, se considerava que esse tipo de vestígios era exclusivo do litoral e porque, por outro lado, se localizam no mesmo contexto geográfico que os recintos megalíticos, permitindo responder a uma das questões que, a propósito deles, se levantava: onde viviam os construtores desses monumentos?". (Calado, Santos, & Carvalho, Arqueologia do concelho de Évora: um ponto da situação, 2007-2008)

Constata-se, deste modo, que a privilegiada situação do território de Évora, terá sido determinante para a monumentalidade excepcional do megalitismo, bem como, terá contribuído para o estabelecimento e continuidade interrupta, durante milénios, da presença humana nesta região, produzindo o seu reflexo na paisagem e nas relações dos homens com o território, como atestam os vestígios arqueológicos de consecutivas épocas.

¹⁸ "Os arredores de Évora funcionaram, no neolítico, como uma encruzilhada muito especial..." (Calado, Vale Maria do Meio e as Paisagens Culturais do Neolítico Alentejano, 1997)

«Pelo norte fecha o panorama, a breve distância de Montemuro. O cabeço mais oriental da serra tem um aspecto, um feito que o diferencia dos outros; a grande distância, à vista um tanto educada se revela haver ali alteração da curva natural da serra; é um castelo, uma altura fortificada por grande trincheira de que restam vestígios importantes; um castelo pré-histórico, mas ainda conhecido em tempos medievais; (...) a breve distância da egreja da Tourega fica o dolmen; um pouco mais e nas margens da ribeira de Peramanca se encontram vestígios d'outras antas, e duas bem conservadas na herdade de Valverde. Estamos pois em paiz pré-histórico.»

Pereira, Gabriel, Estudos Eborenses, 1891



FIG. 20 | PLANTA TERRITORIAL DA ZONA DE VALVERDE

0 100 500 1000m

1.2.2. EM REDOR DA AGZ

Como se constatou, a região de Évora foi ocupada pelo homem desde tempos remotos. Em particular, a zona a oeste da cidade, nomeadamente a área envolvente a Valverde - onde se localiza a AGZ - é testemunho dessa presença ancestral, bem como sua continuidade até aos nossos dias.

Atestando a diversificada ocupação ao longo dos tempos encontra-se, actualmente, nesta paisagem, um considerável legado de vestígios. Desde as inúmeras antas dispersas no território, passando pelas ruínas do Castelo do Giraldo, até a construções mais recentes, como a Quinta do Paço de Valverde.

No que se refere, à presença megalítica, está identificado nesta área um significativo número de monumentos funerários, ainda que, de épocas de construção e de dimensões distintas. Sendo a grande maioria de dimensões modestas, destaca-se, entanto, um pela sua monumentalidade, a AGZ. Esta poderá ter servido de epicentro ao outro conjunto de megálitos, de menores dimensões, que se situam nas redondezas, e que terão sido utilizados entre cerca de 3550 a.C e 2900 a.C.¹⁹.

Neste território, "situado em um conspícuo esporão, num ponto estratégico de convergência de rotas naturais, o local revelando-se ao longo dos tempos atractivo ao povoamento, gozando de óptima visibilidade sobre a planície que à sua frente se espraiia" (Maloto, 1999) encontra-se, ainda, o Castelo do Giraldo, "atalaia medieval com níveis arqueológicos pertencentes ao Calcolítico e idade do Bronze onde é ainda reconhecível o exterior de uma muralha de pedra solta, de forma circular" (Sarantopoulos, 1997).

Num horizonte temporal menos longínquo, outro marco importante que assinala a ocupação deste território é a herdade da Mitra, limitada a Norte e Oeste pelas ribeiras de Valverde e de Peramanca, a Este pela Herdade da Alfarrobeira e a Sul pela Herdade do Barrocal.

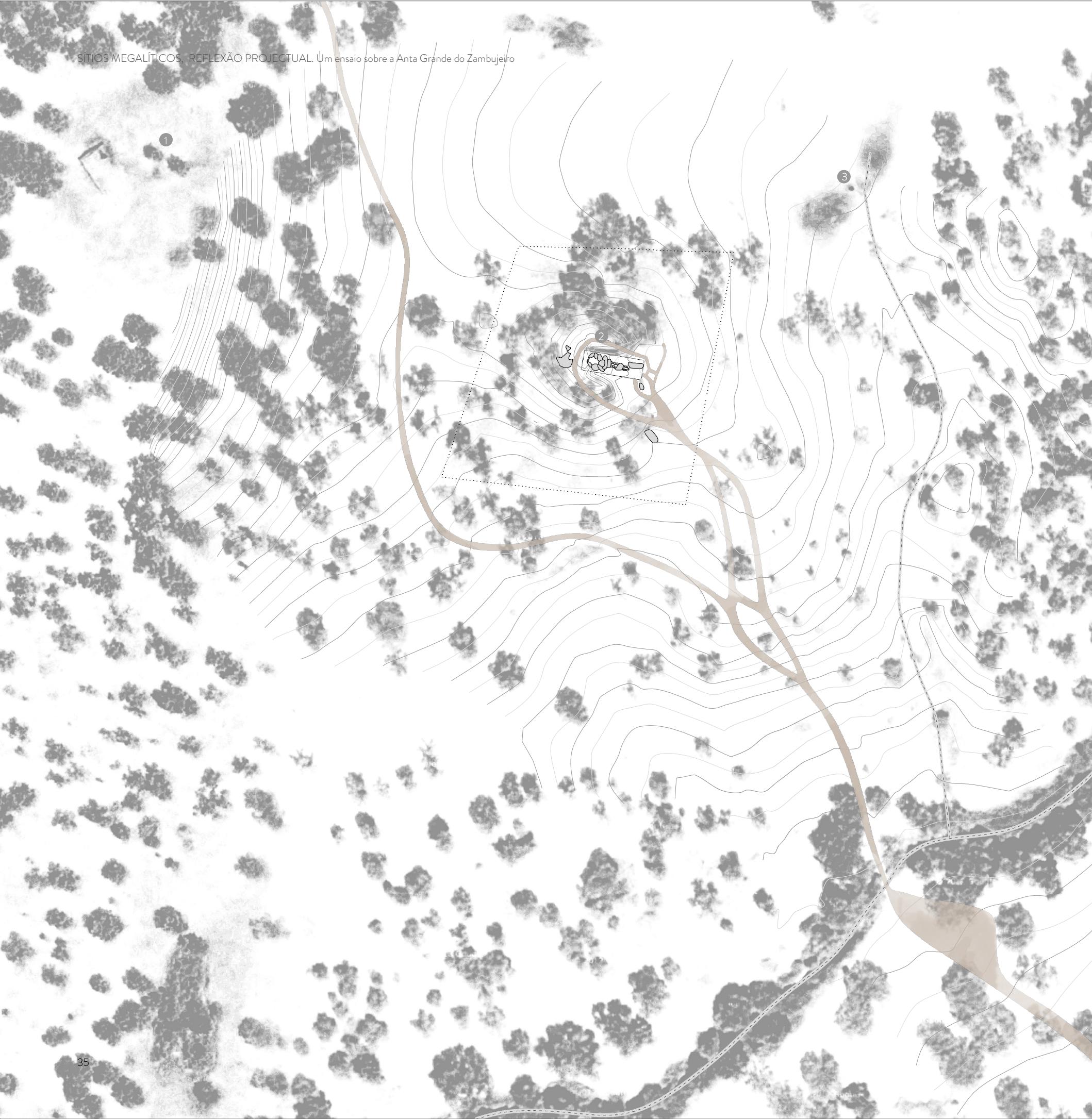
Esta herdade teve origem na Quinta do Paço de Valverde, criada pela diocese - ou mitra - de Évora no início do século XVI, três décadas depois foi edificado Convento do Bom Jesus de Valverde.

A capela e o claustro do Convento do Bom Jesus de Valverde estão classificados como Imóveis de Interesse Público, alargando-se, recentemente, a classificação à Quinta do Paço de Valverde, mata, várias pequenas capelas, Jardim de Jericó e lago, aqueduto, edificado no século XVII, todo o sistema hídrico, casa da água, jardim de buxo, horta e todos os muros e muretes que dividem e estruturam o sítio, enquanto parte integrante do convento, capela e claustro.

Actualmente, a Herdade Experimental da Mitra, em conjunto com o Colégio da Mitra e o Colégio do Bom Jesus de Valverde, integra o Polo da Mitra da Universidade de Évora. (Simões, 2014)



¹⁹ Segundo Jorge de Oliveira, "esta perenidade e a coexistência espacial de vários tipos de arquitectura funerária, caracterizada, essencialmente pela presença de estruturas de menor dimensão satelizando uma monumento volumetricamente mais destacado" sugere a diferenciação social dos tumulados. (Oliveira, 1997)



1.3. "DESENCRYPTANDO" A AGZ

1.3.1. ENQUADRAMENTO

A AGZ localiza-se numa área de topografia suave, da margem direita da ribeira de Peramanca, afluente da ribeira de Valverde.

O monumento foi construído entre o início do quarto e a metade do terceiro milénio aC, entre o Neolítico Final e os períodos Calcolítico, num período de transição entre uma economia recolectora para uma economia de produção, que começava a surgir com desenvolvimento da agricultura e pastorícia, bem como com o aperfeiçoamento de novas tecnologias, com o trabalho em pedra polida e com descoberta dos metais.

Trata-se de um dos maiores monumentos megalíticos da Península Ibérica, estruturalmente complexo e dimensões excepcionais.

Identificado e escavado, de 1964 a 1968 por Henrique Leonor Pina, quando descoberto monumento encontrava-se praticamente coberto na totalidade, apenas os topos dos esteios surgiam da mamoia, com cerca de 50-60 m de diâmetro máximo na base. Das escavações, cujos métodos repetidamente são postos em causa pelos especialistas, resultaram a destruição zona da colina tumular que estava em contacto com a estrutura pétreia do monumento e a recolha de um importante espólio arqueológico, actualmente, arquivado no Museu de Évora.

Além de ter sido um lugar para a celebração de rituais religiosos, a AGZ representa um marco significante na paisagem que, outrora, terá materializado e perpetuado o vínculo entre um grupo pertencente a um território e os seus ancestrais.

Actualmente, a AGZ encontra-se classificada como monumento nacional²¹.

1.3.2. CONJUNTO ARQUITECTÓNICO²²

"(...) disse-me ele, chamam-lhe o cabeço da Anta, mas não é anta nenhuma, há um chapéu, mas não vejo nenhuma anta. Eu, quando cheguei lá, fiquei com os olhos em bico. Passámos a ribeirinha de Valverde, subimos, fomos ver aquilo, depois viemos atrás, ver a entradinha. Aqui está uma Anta, sim, mas tem... dez metros de altura!"

E teve a certeza, desde o início, que era uma anta?

Tive a certeza. Primeiro, aquilo era um monte artificial. Passados alguns dias, eu pedi ao Galopim de Carvalho que passasse por lá e identificasse qual daqueles montes não era um monte natural. Ele chegou aí a uns cinquenta metros e confirmou logo aquele como um monte artificial.²³

Se à altura da escavação um olhar destreinado não teria destreza para identificar o lugar da AGZ como tal, hoje em dia, essa dúvida dissipar-se com facilidade.

Actualmente, são visíveis a sepultura, composta pela câmara funerária e corredor, grande parte da colina tumular e sobre esta o monólito de cobertura da câmara fragmentado e deslocado da sua posição original. E, ainda, duas estelas-menir (I e II) localizadas junto à "entrada" do corredor.

²⁰Trata-se de um monumento megalítico com planta complexa, composta por dois monumentos construídos de forma sequencial: a uma sepultura proto-megalítica é adossada uma pequena anta de corredor curto. A 1^a câmara (sepultura) de planta sensivelmente retangular tem cerca de 2m de comprimento e 7 esteios in situ. O de cabeceira possui um reforço pelo exterior e a tampa encontra-se caída a Oeste. A 2^a câmara, de planta poligonal, tem cerca de 2,20m de comprimento e 7 esteios in situ. Falta-lhe um, o de cabeceira, uma vez que se liga, nesta área, à 1^a câmara. O corredor possui 1,5m de comprimento e tem 2 esteios in situ de cada lado, implantados de forma oblíqua (espinha). Também a nível da morfologia dos esteios se nota/evidencia as diferenças entre os dois monumentos: os da 1^a câmara são mais estreitos e alongados; os da 2^a são mais espessos e curtos, sobretudo os do corredor. Junto ao Monte do Zambujeiro, no topo de uma colina.(DGPC: Direção Geral do Património Cultural, 2015)

²¹Decreto n.º 516/71, DG, 1.ª série, n.º 274 de 22 Novembro 1971 e Zona "non aedificandi" - Decreto n.º 5/2015, DR, 1.ª série, n.º 63 de 31 Março 2015.

²²Um dos estudos, mais actualizados e detalhados, acerca do monumento encontra-se publicado com o título "AGZ - arquitectura e poder Intervenção arqueológica do MAEDS, 1985-87" (Soares & Silva, 2010), representou a base fundamental para a caracterização, que seguidamente se apresenta, do conjunto arquitectónico.

²³em A AGZ na memória do arqueólogo Henrique Leonor Pina , entrevista de António Alegria e Carla Magro Dias

LEGENDA:

- ① Anta Pequena do Zambujeiro²⁰
- ② Anta Grande do Zambujeiro
- ③ poço das Víboras
- curva de nível (0.5 m em 0.5 m)
- linha de água
- vedação existente - limite classificado em D.L.

FIG. 22 | PLANTA DA ZONA ENVOLVENTE À AGZ



SEPULTURA

A sepultura - composta por uma câmara funerária de planta poligonal e por um corredor baixo e longo -está orientado no sentido do nascer do sol nos equinócios ($108,5^\circ$).

① CÂMARA FUNERÁRIA - A cripta funerária é conformada por sete esteios e pela pedra de padieira (esteio peculiar porque se apoia sobre a primeira laje de cobertura do corredor) dando origem a uma planta poligonal, de comprimento máximo 5,70m e largura máxima de 5,50m (ao nível do solo) e de pé direito de 5m.

De referir que a nível estrutural pedra de padieira descarrega sobre a primeira laje de cobertura do corredor, que por sua vez, se apoia sobre os esteios e ainda sobre 4 pilares do interior do corredor.

② CORREDOR - Consideravelmente mais baixo que a câmara, cerca de seis vezes menor, e mais estreito - 2,8m largura máxima e 1,7 mínima. É delimitado por dezasseis esteios e era coberto por lajes transversais, das quais restam no local apenas três. Encontra-se dividido a meio numa extensão de 6 m, o que corresponde a uma complexificação da tipologia dos corredores.

COLINA TUMULAR

③ MAMOA - é aproximadamente circular com cerca de 30 m de raio e nove de altura, sendo que a parte que contactava directamente com a estrutura de pedra foi removida aquando a escavação de Henrique Leonor Pina, revelando a base de uma anel perimetral.

De referir que, a impressionante laje de cobertura **④** com cerca de 7 m de diâmetro, jaz fragmentada sobre a mamoia, a pender na vertente ocidental.

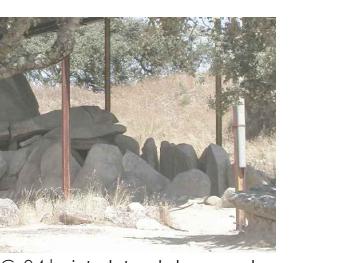
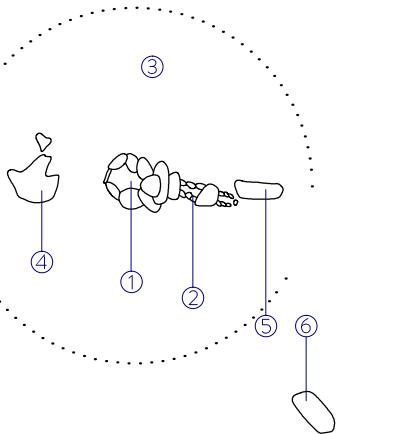
ÁREA VESTIBULAR DE ACESSO À SEPULTURA - Mais recentemente, descobriu-se que o anel perimetral se descontinuava junto ao início do corredor, para dar origem a uma área vestibular descoberta permitindo, assim, o acesso ao monumento.

ESTELAS-MENIR

Inicialmente, considerava-se a hipótese de que monólitos tombados junto à entrada do corredor pudessem ser esteios não utilizados.

No entanto, segundo estudos mais actualizados, confirmou-se que, se tratam de duas estelas-menir. Este facto, constitui-se como uma particularidade que distingue "um grupo restrito de sepulcros, no quadro dos grandes dólmenes de corredor." (Soares & Silva, 2010)

⑤ ESTELA-MENIR I - Marcava, o início do corredor, do flanco norte, e provavelmente estava orientada a nascente.



⑥ ESTELA-MENIR II - Demarcava a periferia sudeste da colina tumular. A função original do monólito foi confirmada através da identificação da estrutura onde estava implantada - alvóolo base.

Em ambos os casos é de referir "a morfologia sub-paralelepípedica dos menires da AGZ, pouco comum na região, bem como, o carácter antropomórfico de um deles. Apesar do trabalho de regularização realizado através de bujardagem, conservam ainda um carácter bruto ou natural que, associado ao gigantismo, lhes confere poderosa força e sentido de perenidade telúrica." (Soares & Silva, 2010)

1.3.3. ESPÓLIO VOTIVO

A AGZ trata-se de um monumento de carácter sepulcral, onde terão sido praticados rituais fúnebres de inumação colectiva que eram geralmente acompanhada por depósitos de artefactos com um significado mágico-religioso perante à morte.

No espólio votivo exumado, encontraram-se elementos com significado utilitário no quotidiano daquelas comunidades, como vasos de cerâmica, pontas de seta, lâminas, machados e enxós que, no entanto, não apresentavam sinais de utilização e ostentavam motivos decorativos. E ainda, objectos de valor exclusivamente simbólico, como placas de xisto e báculos, os primeiros eram colocados sobre o corpo e segundo uma marca de poder. Foi encontrada também uma placa de ouro, um exemplar precioso pré-histórico bastante raro, com decoração geométrica semelhante à que figurava nas placas de xisto e cerâmico deste período. (Roberts, 2012)

1.3.4. ESTADO DE CONSERVAÇÃO

Actualmente, o monumento apresenta-se estruturalmente instável, uma vez que, a ausência parcial da mamoia, diminui consideravelmente a estabilidade estrutural e a "atmosfera" protectora dos esqueleto pétreo da anta.

No sentido de minimizar estes danos, em 1983, foi instalada uma cobertura provisória e estabilizaram-se alguns pontos mais sensíveis da estrutura, até uma recuperação mais definitiva do monumento. (DGPC: Direção Geral do Património Cultural, 2015)

O monumento, a cuja estrutura, durante a escavação, se retirou o sólido apoio da mamoia, encontra-se agora em risco acentuado de degradação, dado o peso da sua estrutura. Há cerca de uma década, encontra-se coberto por ridícula estrutura metálica, de boa intenção, mas absolutamente incompatível com uma envolvência equilibrada. Alguns esteios apresentam fracturas profundas. Alguns pilares, cristalização de sais." (Santos, 2013)



FIG. 30 | Alçado sul

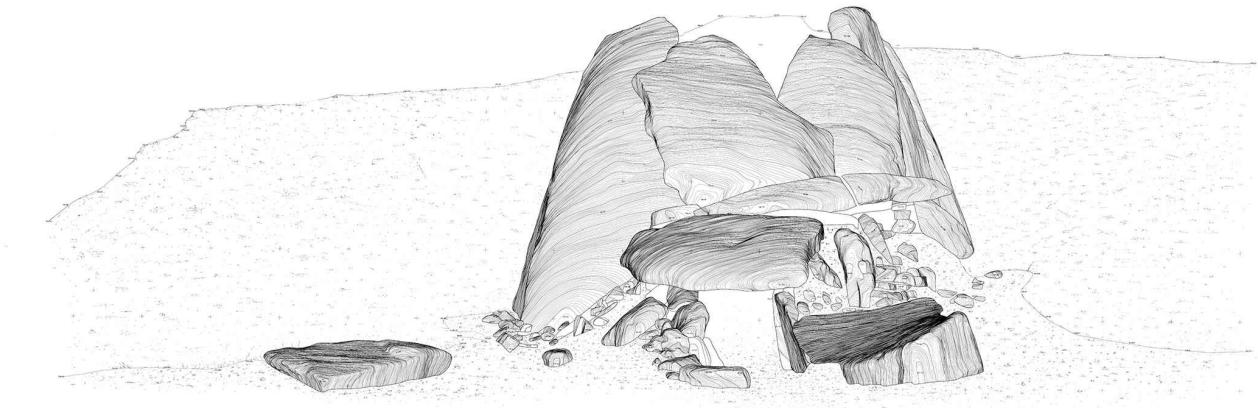
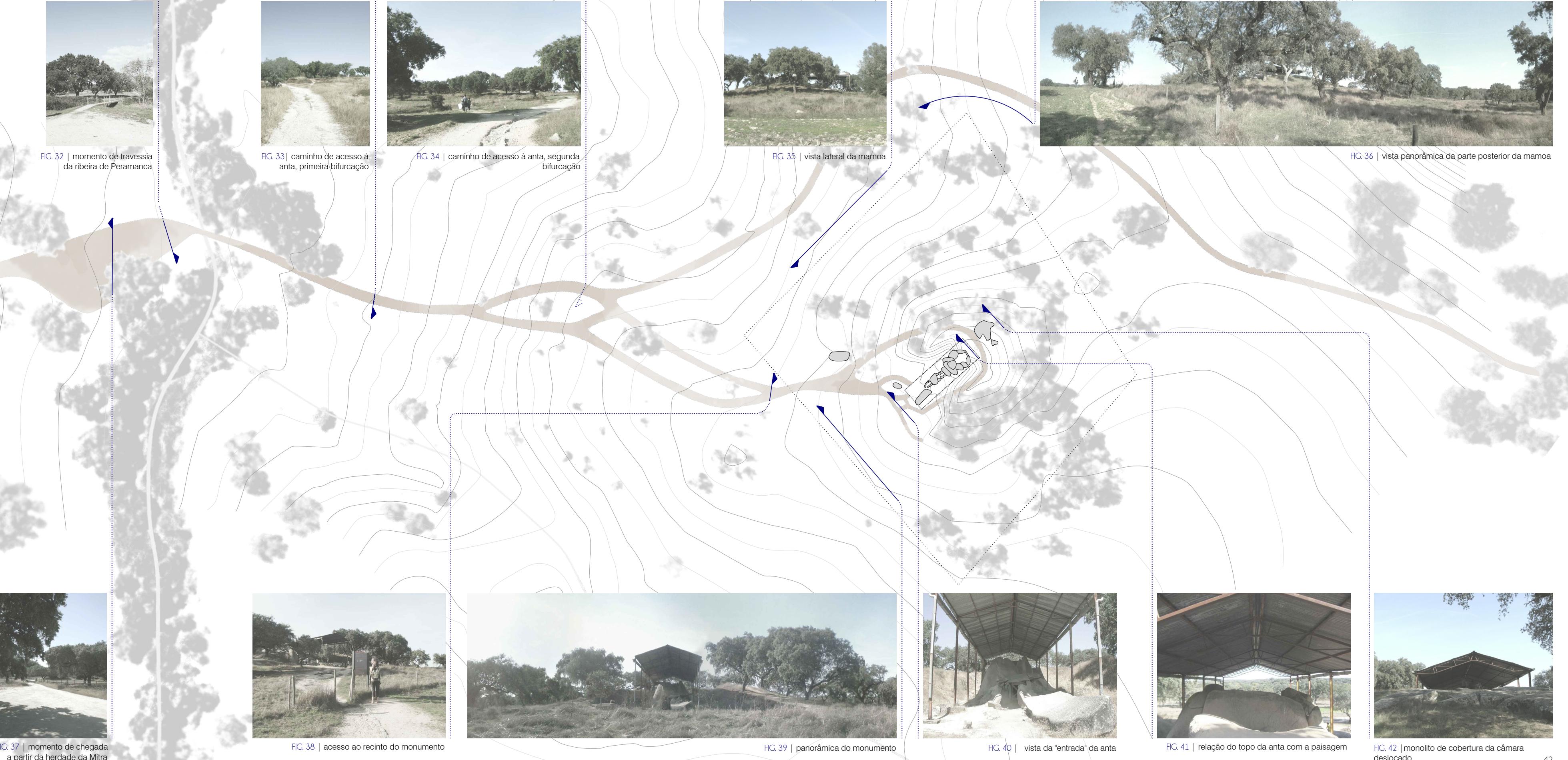


FIG. 31 | Alçado nascente



1.3.5. INTUIÇÕES

A primeira vez que se visitou a AGZ, coincidiu com o início deste trabalho de investigação. Na altura o conhecimento sobre megálitos era praticamente inexistente, desconheciam-se as origens e motivações dos seus construtores, e muito menos o propósito destas construções.

Chegou-se até ao local de automóvel, seguindo a partir do Pólo da Mira por um caminho rural, através do qual se foi avançando lentamente, dadas as condições do piso. Porém, a demora foi preparando e ambientando para aquela atmosfera bucólica de calma e introspecção.

O caminho terminava numa clareira na qual desembocava uma pequena ponte, não se podia avançar mais de automóvel, mas a anta não se avistava ainda... Decidiu-se seguir pela ponte, sem saber exactamente a distância a que se encontrava o monumento. O corpo impelia para frente, uma vez que não havia outra direcção possível... Seguiu-se pelo caminho parcialmente limitado por uma linha de calçada, grande parte dela deslocada da sua posição original pela escorrência das chuvas, mas que foi guiando pelo trilho sem fazer hesitar na primeira bifurcação que surgiu... O percurso decorreu expectante pela descoberta da anta, mas descontraído - não se ouvia nada, nem se avistou ninguém para além da natureza - povoando o espírito de um sentimento telúrico...

Depressa se despertou desse alheamento introspectivo, quando se avistou ao longe o perfil da anta, que impulsionou a apressar o passo... O monumento era de uma escala impressionante e esmagadora, contrastando com a precária e desadequada cobertura...

Subindo a mamoia, avistava-se de topo a câmara funerária de dimensões excepcionais, conformada por pedras imensas e aterradoras para a tecnologia construtiva disponível na época... o pensamento desvia-se, imaginam-se que convicções e impulsos terão dotado aqueles Homens construtores de força de gigantes...

Sacudiu-se a cabeça e olhou-se em frente, do cimo da mamoia descobria-se planície de montado até onde a vista alcançava... o sentimento foi de pequenez e transitoriedade... mas a anta permanecia ali, imensa e perene...

Uma experiência individual e ímpar visitar a AGZ. Voltou-se ali outras vezes ao longo do trabalho, com mais conhecimento... naturalmente, que os sentimentos de descoberta e surpresa não voltaram a ser os mesmos, o estado de desconhecimento e o consequente poder imaginário sobre o monumento também não... mas ficou a certeza que cada visita àquele lugar é uma experiência acrescida à anterior, é um despertar para coisas novas e simples que não estavam lá da última vez, ou que passaram despercebidas... é uma experiência interior e ascética, de um sítio onde a noção de tempo sobreposto é uma constante se se estiver desperto para tal.

1.3.6. UM BALANÇO

Após ter sido apresentada a análise histórica e física o monumento e de percorrido, várias vezes, o lugar em estudo constata-se que o sítio da AGZ se apresenta actualmente bastante degradado e em condições precárias, num estado quase desrespeitoso para património com tamanha importância.

Porém, esta situação não se refere exclusivamente ao monumento ou à sua estrutura de protecção, mas também a todo o espaço envolvente - a pequena ponte que atravessa a ribeira, os caminhos afectados pela escorrência das águas pluviais, o precário painel de informação que assinala o momento de entrada no recinto de protecção.

Efectivamente, além do estado de degradação e de aparente abando do local, é de assinalar também a manifesta desarticulação entre o monumento e todo a área que o circunda, funcionando o espaço envolvente, como um veículo precário para chegar até à anta, alheado de toda a carga simbólica e paisagística que encerra.

Na sequência da identificação destas problemáticas, definem-se agora, concretamente, as carências intrínsecas a este lugar, e que se pretende, com a proposta de projecto, que sejam supridas ou minimizadas, tanto quanto possível. Objectivando-se a necessidade de:

1. Substituir elementos em mau estado e desadequados - a ponte e a cobertura.
2. Apetrechar o lugar de capacidade de receber e acolher o visitante - criar um momento de chegada apropriado (parque de estacionamento) e momentos de pausa.
3. Promover uma maior articulação entre o monumento e paisagem envolvente - numa óptica de comunicação.

É a partir desta conclusões que se estabelecerá um programa e proposta de projecto adequados, tendo sempre em vista a valorização do lugar.

02. REFERÊNCIAS

- «1. Ponto de contacto ou relação que uma coisa tem com outra.
- 2. Conjunto de qualidades ou características tomado como modelo.»

Neste capítulo, apresenta-se o estudo de casos práticos que fundamentam teoricamente hipóteses de abordagem, e que de alguma forma estão relacionados com a estratégia de projecto proposta.

2.1. UMA QUESTÃO DE EXPERIÊNCIA

Apesar da AGZ se tratar de uma estrutura arqueológica, este trabalho não se refere exclusivamente ao âmbito da arqueologia.

Efectivamente, o que se propõe relaciona-se com uma abordagem integrada da questão experiencial do lugar, através do desenvolvimento de uma proposta do âmbito da arquitectura e do território.

Por isso, torna-se extremamente relevante considerar casos do foro da praxis de projecto. Para, assim, se constituírem referências que possibilitem a reflexão e uma tomada de posição acerca das formas de intervir em estruturas, arqueológicas ou não, que contenham vestígios significantes que sejam importantes perpetuar e que informem acerca do processo de relação existente/antigo e proposto/novo. Mas que, fundamentalmente, remetam para ideia de experiência e onde se possam identificar categorias transversais, como:

- a formalização de um momento de chegada/início;
- desenvolvimento de um percurso e criação;
- enquadramento de pontos de vista sobre momentos excepcionais.

Neste sentido, seleccionaram-se três casos de estudo que reflectem estas questões, o projecto de musealização do núcleo arqueológico da praça Nova do castelo S. Jorge, do arquitecto Carrilho da Graça, os projectos de acesso ao espaço natural e arqueológico e de adaptação das Ruínas Romanas de Can Tacó, do arquitecto Toni Gironés, e o projecto para o Museu da Mina de zinco, do arquitecto Peter Zumthor.

Além do mais, o que relaciona a selecção de todos os projectos é o facto de todos se desenvolverem em espaço aberto e, em todos, haver uma contribuição pontual (através da relação de diferentes pontos no território) para a interpretação e experiência do lugar.

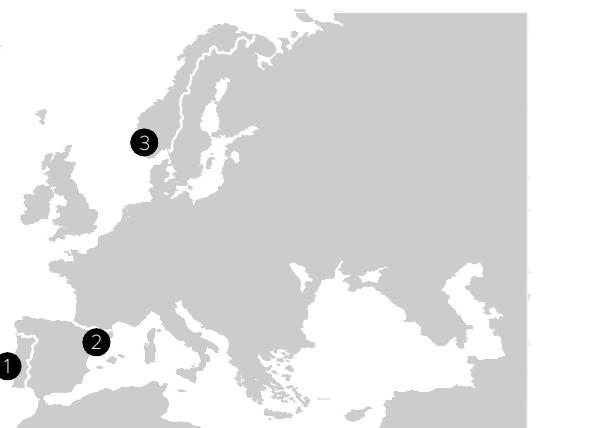


FIG. 43 | localização dos casos de estudo

1 MUSEALIZAÇÃO DO NÚCLEO ARQUEOLÓGICO DA PRAÇA NOVA DO CASTELO S. JORGE

Lisboa, Portugal
2010
arq. J. L. Carrilho da Graça



FIG. 44 | ortofotomapa de localização

2 VALORIZAÇÃO E ACESSO AO ESPAÇO NATURAL E ARQUEOLÓGICO DE CAN TACÓ

Montmeló, Montornès del Vallès, Barcelona, Espanha
2012
arq. Toni Gironés



FIG. 45 | ortofotomapa de localização

3 PROJECTO PARA O MUSEU DAS MINAS DE ZINCO

Allmannajuvet, Sauda, Noruega
2003 - ...
arq. Peter Zumthor

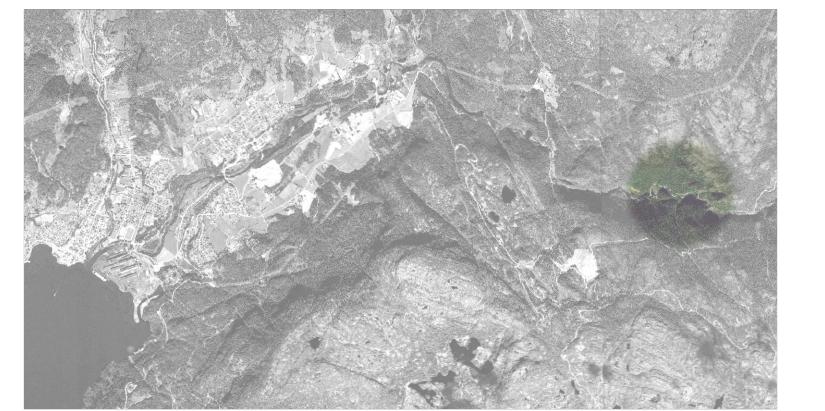


FIG. 46 | ortofotomapa de localização

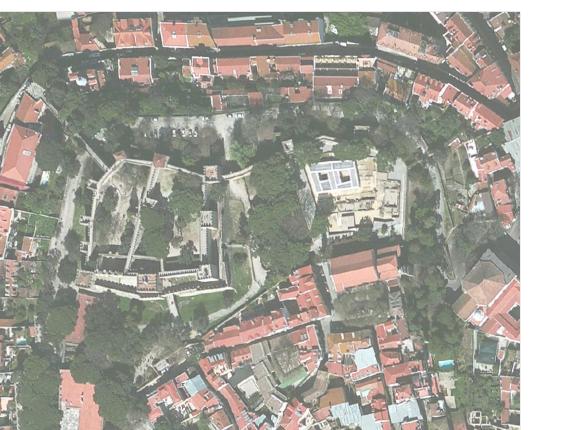
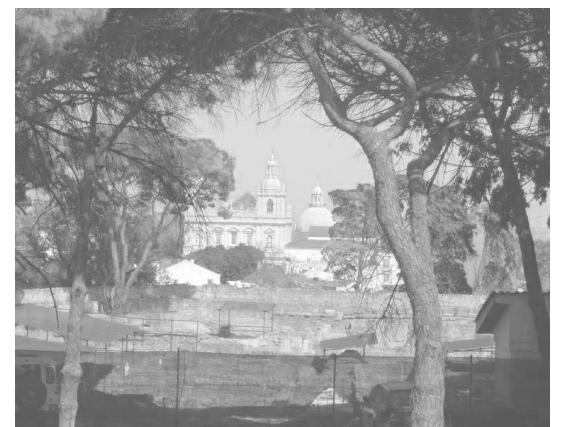
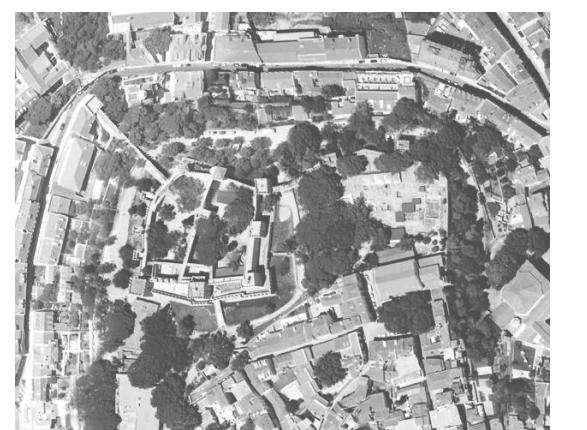


FIG. 47 e 48 | Núcleo arqueológico antes da intervenção

49

FIG. 49 e 50 | Núcleo arqueológico actualmente

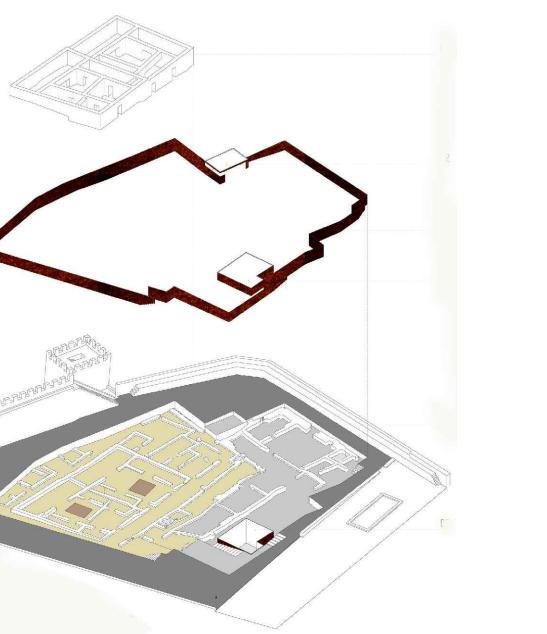


FIG. 51 | axonometria síntese da estratégia de projecto

2.2. CASOS DE ESTUDO

2.2.1. MUSEALIZAÇÃO DO NÚCLEO ARQUEOLÓGICO DA PRAÇA NOVA DO CASTELO S. JORGE

A colina actualmente ocupada pelo Castelo de São Jorge representa o primeiro sítio com ocupação humana - datada da Idade do Ferro -, que pela sua posição estratégica entre o estuário do Tejo e o território interior, deu origem à cidade de Lisboa.

No conjunto amuralhado, a Praça Nova do Castelo ocupa um promontório intramuros. Delimitado por estruturas defensivas a Norte e a Oeste, e pela Igreja da Santa Cruz a Sul, com um domínio visual, sobre as muralhas a Este, que se estende pela malha urbana até ao horizonte do estuário.

Em 1986, iniciou-se uma extensa escavação arqueológica neste lugar, que expôs vestígios dos sucessivos períodos de ocupação - povoamento da Idade do Ferro, habitações muçulmanas medievais e um palácio do século XV. O espólio encontra-se actualmente em exposição no Museu do Castelo, ficando, na altura, o núcleo arqueológico a aguardar uma intervenção de protecção e musealização, que viria a ter início em 2008. (Helm, 2012)

Ao arquitecto Carrilho da Graça foi “pedido a protecção e musealização de três áreas distintas, dispersas por entre a topografia do campo arqueológico: um conjunto de estruturas habitacionais da Idade do Ferro, os restos das paredes e pavimentos de duas casas do período de ocupação muçulmana e uma superfície pavimentada de um palácio do século XV”. (Graça, 2010) Resultando “numa intervenção que aborda os temas da protecção, revelação e leitura do palimpsesto que qualquer escavação arqueológica representa, com o manifesto intuito pragmático de clarificar o carácter palindrómico que as estruturas expostas sugerem espacialmente”. (Helm, 2012)

A estratégia de intervenção poderá definir-se em três momentos, um primeiro de delimitação do recinto de escavação, a organização de um percurso de visita e a criação de estruturas/momentos, que protegem e permitem a descodificação das diferentes espacialidades e temporalidades dos vestígios.

Efectivamente, o que se pretende retirar deste projecto é a ideia de construção de dispositivos que oferecem experiências e que convocam uma percepção espaço-temporal dos vestígios.



FIG. 52 | planta de implantação

1 PONTO DE INFORMAÇÃO E PERCRUSOS

É o primeiro elemento informativo com que o visitante se depara na chegada ao local e que permite a contextualização espacial e histórica. No fundo, marca o início da visita e possibilita um pré-organização mental do percurso pelos espaços museológicos.

"No interior da área de escavação as circulações estabelecem-se pelos percursos originais. Revestidos a saibro, garantem a infiltração das águas pluviais no solo. Pontualmente, soleiras e lances em lioz, regularizam pavimentos, resolvem ressaltos e estabelecem pequenas contenções." (Graça, 2010) Estes "elementos, inscritos no sítio, permitem a confortável deriva do visitante - degraus, patins e bancos, marmóreos e perenes." (Helm, 2012)



FIG. 53

2 COBERTURA SOBRE MOSAICOS SÉC. XV/XVI

Os vestígios de um pavimento do Palácio dos Bispos de Lisboa são um marco do último período de ocupação deste lugar.

Sobre estes levita uma estrutura em consola que os protege, mas que simultaneamente, os dá a conhecer através de um espelho negro, que esta cobertura reveste na parte inferior, permitindo ao visitante observar os mosaicos reflectidos na sua superfície, de outra forma inalcançáveis ao olhar.

"Para os pavimentos aproximação, propôs-se um tecto levemente inclinado em tela tensionada preta, brilhante, espelhada, imatérica, cujo reflexo nos oferece uma outra forma de olhar." (Graça, 2010)

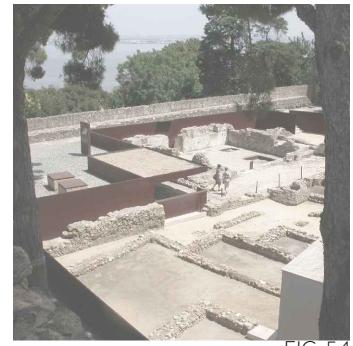


FIG. 54

3 ESTRUTURA DE PROTEÇÃO - RUÍNAS DE CASAS ISLÂMICAS

A protecção dos vestígios das estruturas domésticas islâmicas do século XI, faz-se através recriação sua volumetria, que apesar de ser uma interpretação conjectural, convoca a experiência espacial da escala e da organização formal originais. Os volumes conformam-se em torno de dois patios, que à semelhança da sua função inicial, permitem a iluminação e ventilação do espaço.

Esta reconstituição/reinterpretação, assume-se como uma peça abstracta que se adossa aos vestígios remanescentes, levitando sobre eles com duplo objectivo, de marcar a diferença entre o existente e o proposto e encenar e recuperar uma espacialidade até então dissipada pelo tempo.



FIG. 55

4 COBERTURA NÚCLEO IDADE DE FERRO

As estruturas habitacionais da Idade do Ferro, localizadas numa cota mais baixa relativamente ao nível de circulação, são protegidas por um volume de carácter um tanto introspectivo e, no discurso do arquitecto "massivo, dramático, que se desenvolve a partir dos muros em corten e se desenha numa quase espiral, sugerindo um movimento de circulação em seu torno. Um rasgo horizontal abre-se nas suas superfícies, convidando a um olhar mergulhante sobre os vestígios abrigados mais abaixo, no seu interior." (Graça, 2010)



FIG. 56

5 PERÍMETRO DA ÁREA ARQUEOLÓGICA

"À semelhança do 'campo operatório' das cirurgias (uma abertura no selo anti-microbiano, destinada a ser posicionada em torno do local da operação), procurou-se estabelecer com rigor o limite da área das escavações.

Um conjunto de muros de contenção revestidos a aço corten definem todo o perímetro da área de escavações, demarcando com precisão o "campo" e aprisionando no seu interior, a uma cota mais baixa, as escavações e as ruínas postas a descoberto.

Exteriormente, a uma cota mais alta, os muros de aço corten, sustêm um percurso periférico, que circunda todo o conjunto arqueológico, promovendo os acessos e mediando a relação com as muralhas, com a igreja, com a cidade e com o rio." (Graça, 2010)



FIG. 57

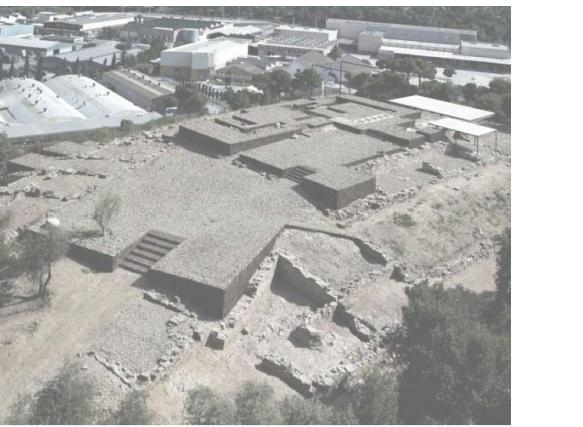


FIG. 61 e 62 | Núcleo arqueológico antes da intervenção

FIG. 63 e 64 | Núcleo arqueológico actualmente

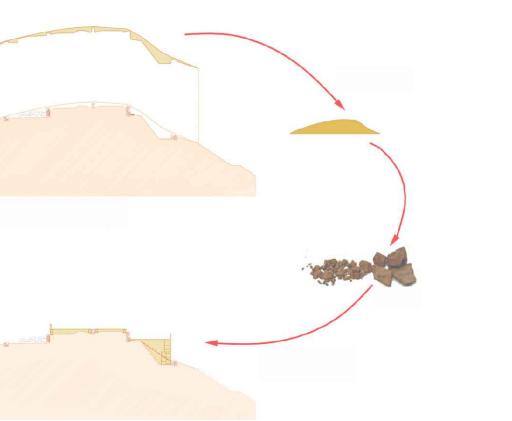
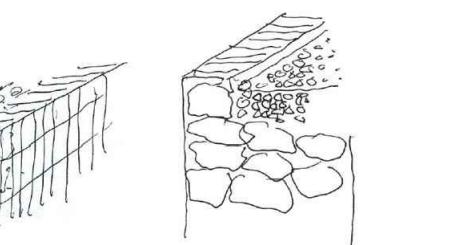


FIG. 65 e 66 | esquemas síntese da estratégia de projecto

2.2.2. VALORIZAÇÃO E ACESSO AO ESPAÇO NATURAL E ARQUEOLÓGICO DE CAN TACÓ

O sítio arqueológico romano de Can Tacó (s. II a.C.), localiza-se, especificamente, na colina de Roina. Esta colina insere-se no conjunto montanhoso Tres Creus (Três cruzes), que representa uma paisagem estruturante de biodiversidade num território extremamente fragmentado e humanizado, pelo que se têm desenvolvido esforços para recuperar tanto o património natural como arqueológico.

O lugar foi construído por sucessivas terraplanagens, grande parte constituídas com pedra do local. outrora teria sido um assentamento prévio à construção da Vía Agusta, na actualidade é um miradouro natural para os municípios de Vallés.

A intervenção desenvolve-se a partir da reconversão do solo, que com o tempo soterrou os vestígios de um palácio romano e que se acumulou no exterior do recinto, produto da escavação arqueológica. Desta modo, se revela o conteúdo (o espaço) e reforça-se o "contentor" (as antigas paredes). Este solo, assim como os cascalhos e as rochas da antiga pedreira (supostamente romana), foram seleccionados e organizados, com uma disposição renovada, ganhando um novo significado.

Uma malha de aço contém novas pedras, e estas, por sua vez, suportam a terra e cascalho, que em conjunto reproduzem o piso onde os romanos transitavam à cota original.

Assim, as pré-existências são reinterpretadas e "reutilizadas", para valorizar o lugar, numa lógica de activação e incorporação em vez de eliminação. (Gironés, CAN TACÓ (XII BEAU / FAD)

Não obstante, o conjunto montanhoso onde se insere Cana Tacó representa uma situação natural, que para além do valor arqueológico/histórico encerra também grande interesse natural/paisagístico.

Assim, no sentido de valorizar não só núcleo arqueológico mas também a paisagem envolvente, surge a necessidade de projectar alguns momentos precedentes à chegada ao recinto, que simultaneamente informem do elevado valor patrimonial dos vestígios arqueológicos, mas que permitam também convocar o carácter bucólico da montanha como elemento que estrutura a biodiversidade. (Gironés, CAN TACÓ PABELLONES)

Se na zona de escavação o arquitecto trabalha com a Terra e com a História, nestas peças complementares, utiliza a Topografia e a Natureza como estratégia para fazer conviver as pequenas infra-estruturas com o meio envolvente.

De novo a pedra, a malha de aço, os materiais em bruto são utilizados para conformar espaço, são ainda incorporados materiais vivos e naturais no projecto, os grandes pinheiros, azinheiras e carvalhos, configuram-se elementos do programa. (Vizcarro, 2013)

O grande objectivo é intervir minimamente e, através da interpretação dos contextos existentes, transformar as circunstâncias naturais em lugares habitados pela experiência, potenciando o intercâmbio entre do utilizador/visitante e o lugar. Este projecto sustenta-se muito mais na vivência do lugar mais do que, propriamente, na acção de construir. (Gironés, CAN TACÓ PABELLONES)

"Aqui natureza marca as pauta e a arquitecta, unicamente, as interpreta." (Vizcarro, 2013)



FIG. 67 | planta de implantação

1 PONTO DE INFORMAÇÃO*

Um pequeno ponto de informação polivalente orientado a Este é escavado na pendente natural, a malha de aço e a pedra envolvem o espaço, constituindo um contínuo do solo pedregoso da encosta. (Vizcarro, 2013)



FIG. 68



FIG. 69

2 MIRADOURO*

O plano de cobertura que encerra o volume do ponto de informação converte-se num miradouro quando se muda de cota.



FIG. 70



FIG. 71

3 AULA DO BOSQUE*

Dois conjuntos de azinheiras e carvalhos sobre a plataforma cravada no bosque, constroem sombra com o melhor dos materiais, proporcionando uma espaço de encontro e de pausa. (Gironés, CAN TACÓ PABELLONES)

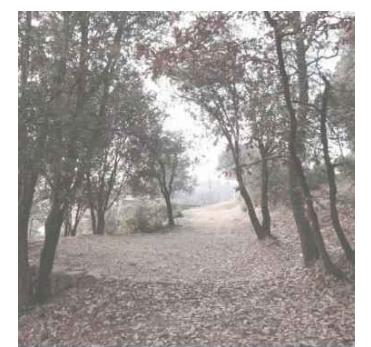


FIG. 72



FIG. 73

4 AULA ARQUEOLÓGICA*

Este momento define-se apenas por um grande pinheiro com sombra permanente a poente sobre um hemicírculo em anfiteatro. (Gironés, CAN TACÓ PABELLONES)

*[Todos estes lugares/momentos são elementos que organizam o espaço, contêm o tempo, controlam a temperatura e transmitem energia... Lugares distintos que, quando relacionados, reconhecem e valorizam as características fundamentais deste lugar. (Gironés, CAN TACÓ

5 RECINTO ARQUEOLÓGICO

Para chegar a Can Tacó, percorre-se um pequeno bosque, submergindo na massa de carvalhos e azinheiras, descobre-se o recinto arqueológico, no final de um trilho tranquilo e sinuoso. É aí que surge o que resta de um palácio romano onde se identifica a geometria clara dos espaços que o constituíam, com zonas de grande interesse em valorizar. (Gironés, CAN TACÓ (XII BEAU / FAD)

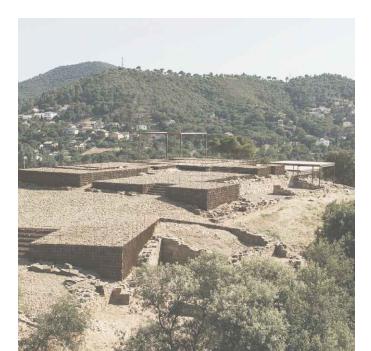


FIG. 75



FIG. 76



FIG. 77 | maquete do projecto



FIG. 78 | edifícios construídos actualmente

2.2.3. PROJECTO²⁴ PARA O MUSEU DAS MINAS DE ZINCO

²⁴Nos últimos 12 anos, Zumthor tem trabalhado no conjunto de edifícios museu que levam a uma mina de zinco abandonada, actualmente o projecto ainda não está totalmente concluído.

A Mina de zinco do fiorde de Almanna em Sauda, Noruega, surgiu em 1882 sob condições extremamente precárias.

Num trilho que serpenteava até à saída do desfiladeiro, as mulas carregavam o minério pela mina acima até o topo do penhasco, daí era arremessado para o fundo do vale de modo ser quebrado em pedaços menores.

Depois era lavado e transportado cerca de dez km até ao porto de Sauda.

A mina encerrou em 1899.

Perto do local onde o minério era lavado e onde também se localizavam as casernas dos mineiros havia um afloramento rochoso. Actualmente, existe nesse local uma área de descanso da estrada nacional 520, que pertence à rota rodoviária turística da Noruega.

Esta rede abrange 1880 km de estradas de norte a sul do país. Ao longo da sua extensão existem, frequentemente, à disposição dos visitantes locais de paragem assinaláveis para disfrutarem da excelência da paisagem ou de lugares com interesse histórico.

Foi para um desses locais que este projecto foi encomendado pela administração de estradas públicas da Noruega, no sentido de reconvocar a quase esquecida história da Mina de zinco e de reactivar este lugar.

São inúmeras as marcas da história mineira no vale, que não passarão despercebidas a um olhar mais atento: o trilho de transporte de minério até entrada da mina e o corte da encosta com paredes de suporte e pontes, as fundações da plataforma de madeira por onde o mineiro era lançado e vestígios de fundações para estruturas de madeira simples que desapareceram desde então.

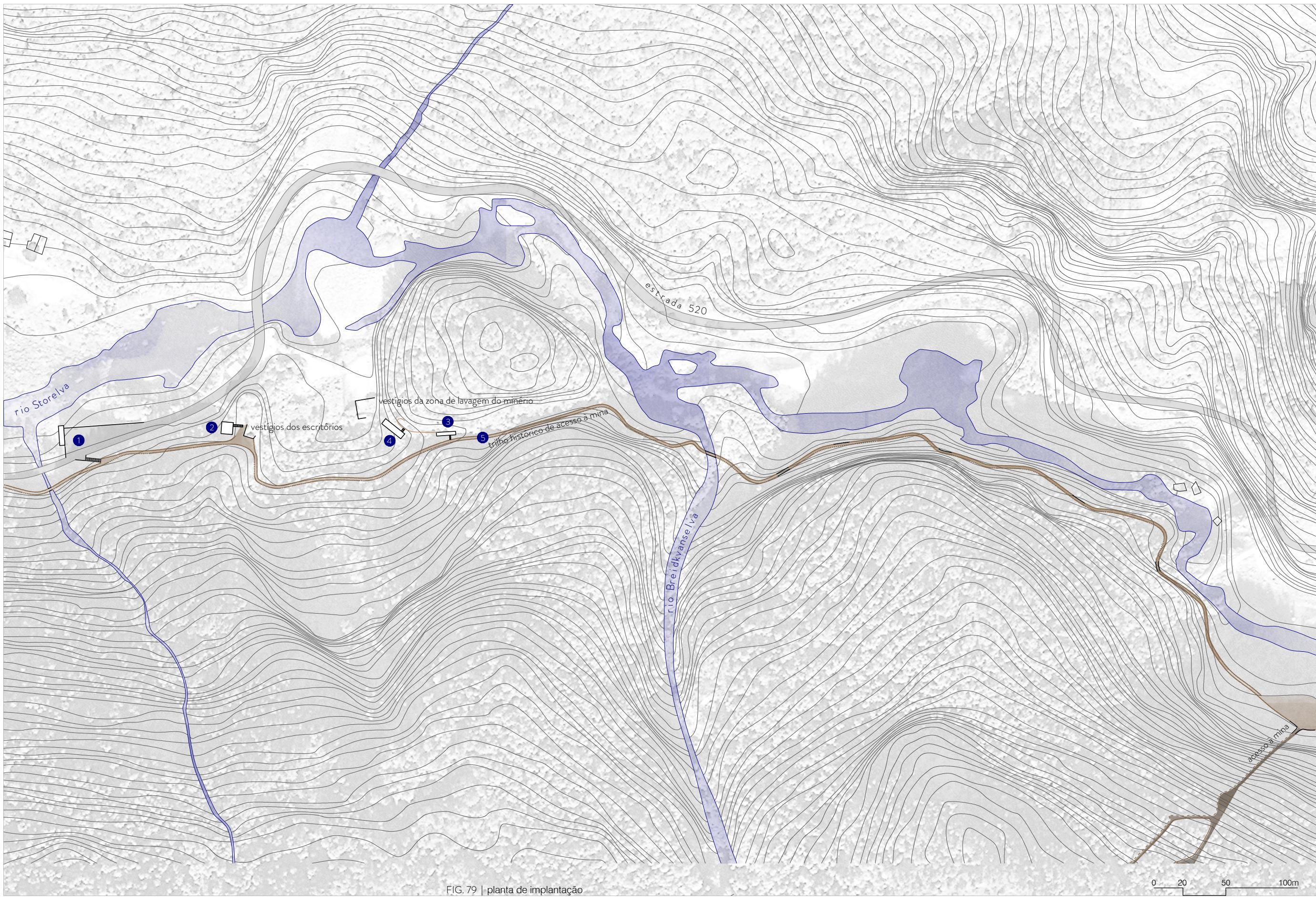
Foi com estes elementos, que o arquitecto desenvolveu este projecto, propondo uma família de quatro estruturas, ao longo do antigo percurso até à mina. (Zumthor, 2014)

Todos os edifícios têm coberturas de zinco onduladas e aseentam em estruturas de madeira, como caixas que parecem suspensas.

Na paisagem de granito, coberto de musgo, cravejado com bétulas e pinheiros, os edifícios pousam na encosta da montanha íngreme, num feito complexo de engenharia estrutural que resulta em enquadramentos dramáticos e vertiginosas.

Ainda que as quatro estruturas se situem afastadas dos vestígios arqueológicos da mina, estes fantasmas ecoam numa alusão à primitiva arquitectura industrial.

Efectivamente, o arquitecto terá afirmado que queria que parecesse que os edifícios estiveram sempre ali, e terá descrito o projecto como uma espécie de monumento aos trabalhadores que ali viveram e morreram. Um dos seus objectivos é tirar as pessoas dos carros e criar momentos de pausa que despertem um sentido de história e lugar. (Turner, 2014)



1 EDIFÍCIO DE SERVIÇOS, ESTACIONAMENTO E ESCADA DE ACESSO

O espaço museológico ao ar livre inicia-se com o desenho da paragem junto à estrada. Aqui surge o primeiro membro da pequena família, o edifício de serviços. À Frente da zona de descanso propõem um novo lance de escadas de pedra que leva até ao antigo trilho de extração. (Zumthor, 2014)



FIG. 80

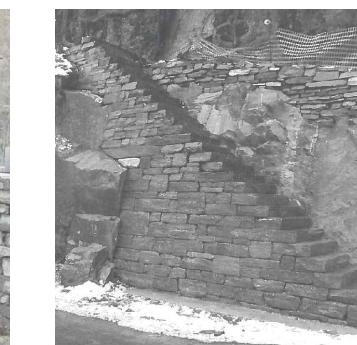


FIG. 81

2 CAFÉ

Percorrendo o trilho, um pouco mais à frente chega-se ao café, que deverá, maioritariamente, funcionar para turistas no Verão, mas poderá também ser usado para pequenos eventos durante todo o ano pelos residentes de Sauda e arredores. (Zumthor, 2014)



FIG. 82

3 PONTO DE ENCONTRO / REUNIÃO

Depois da torção do caminho, encontra-se um abrigo, um ponto encontro, onde aos visitantes que pretendam fazer uma visita guiada através da mina será dado um capacete com uma lanterna. Ao lado desta, os visitantes sobem, até ao museu da mina. (Zumthor, 2014)



FIG. 83

4 MUSEU DA MINA

O museu da Mina é o quarto, e último, membro da família de edifícios, situa-se à direita da escarpa onde o minério era atirado.

Com a ajuda de um residente local, que tem vindo recolher informação sobre a mina, reuniram-se todos os documentos possíveis para integrar o museu. (Zumthor, 2014)



FIG. 84

5 TRILHO HISTÓRICO DE ACESSO À MINA



FIG. 85

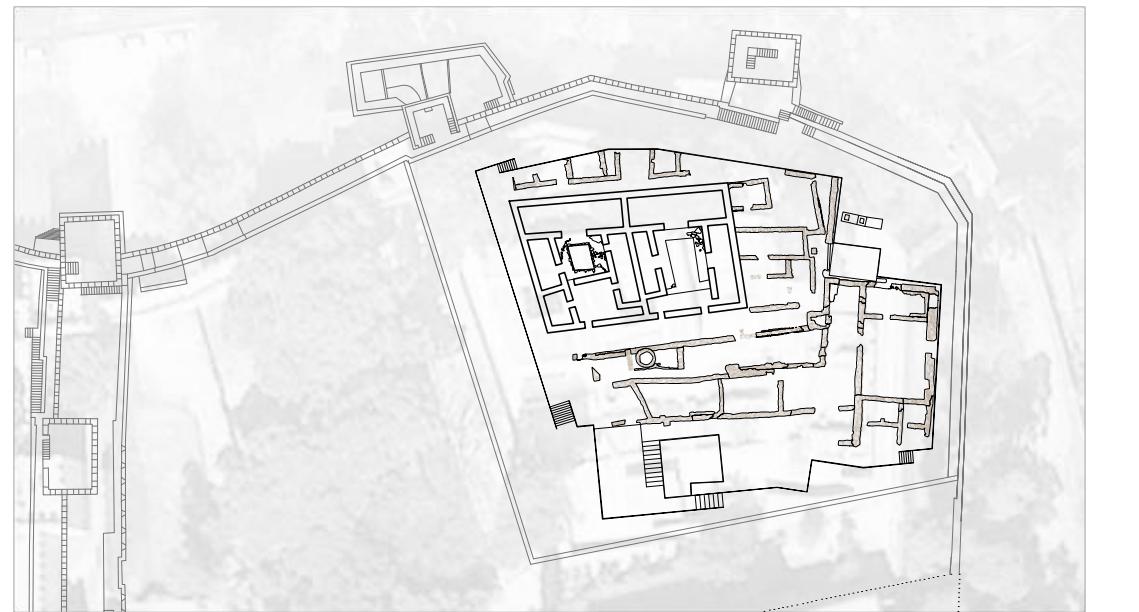


FIG. 86 | Musealização do núcleo arqueológico da praça nova do castelo S.Jorge

0 5 25 m Ⓢ



FIG. 87 | Valorização e acesso ao espaço natural e arqueológico de can tacó

0 5 25 m Ⓢ



FIG. 88 | Projecto para o museu das minas de zinco)

0 25 75 100m Ⓢ

2.3. RELEXÃO

RELAÇÃO COM AS PRÉ-EXISTÊNCIAS

Ainda que, os casos estudados apresentem, naturalmente, diferenças inerentes a cada um, é possível, através de uma leitura e análise mais atentas, retirar conclusões transversais a todos.

O contexto em que cada projecto se implanta é totalmente distinto:

- Urbano, no projecto do Castelo de S. Jorge;
- Um pequeno nicho campestre inserido em ambiente industrial, nas ruínas de Can Tacó;
- Uma paisagem natural muito pouco humanizada, no caso da Mina de zinco.

Os dois primeiros com vestígios marcadamente arqueológicos, e o último de carácter talvez mais histórico (do que propriamente arqueológico).

No entanto, independentemente dos contextos tão diversificados e do carácter das pré-existências, as três intervenções apresentam intenções de projecto muito semelhantes, ainda que a sua materialização adopte formas e materialidades diversas.

Na realidade, todas resultam de uma leitura atenta e de uma postura integradora e dialogante com os vestígios/ pré-existências.

Em todos os projectos estudados, se verifica um enorme cuidado e atenção dedicado ao existente, o que "resta" no lugar é tomado como ponto de partida para o desenvolvimento do projecto, no sentido, de reconvocar espacial ou simbolicamente o que terá existido.

ESTRATÉGIA

No que se refere ao projecto do arquitecto Carrilho da Graça, evocação acontece sobretudo pela recriação espacial dos vestígios e da apresentação de perspectivas que oferecem ao visitante novas leituras e maneiras de olhar para o passado.

Por sua vez, em Can Tacó, o desenvolvimento do projecto a partir dos elementos existentes no lugar, ocorre de forma quase literal, na realidade, o arquitecto reordena os materiais que o sítio oferece para recriar novas percepções. O solo que soterrava as ruínas e que foi usado para as revelar, a topografia "criou" um abrigo, alguns elementos específicos vegetação passaram a configurar momentos de pausa.

O arquitecto Peter Zumthor, materializa a relação com as pré-existências ao implantar os novos edifícios junto ao trilho histórico de acesso á mina. O percurso existente integra, além da memória do quotidiano da mina, elementos construídos concretos daquele tempo, passagens, pontes, etc. Alcança também um carácter evocativo, através das características arquitectónicas dos elementos construídos, que se integram perfeitamente na paisagem e convocam espacialidades associadas à mina que se perderam.

De salientar, que independentemente do sistema ou da estratégia utilizados por cada um dos arquitectos para dialogar com os vestígios existentes ou reconvocar significados perdidos e dissipados no tempo, existe uma clara intenção de convocação do sentido de experiência do lugar, seja numa dialéctica temporal ou espacial.



FIG. 86 | Musealização do núcleo arqueológico da praça nova do castelo S.Jorge

0 5 25 m Ⓢ

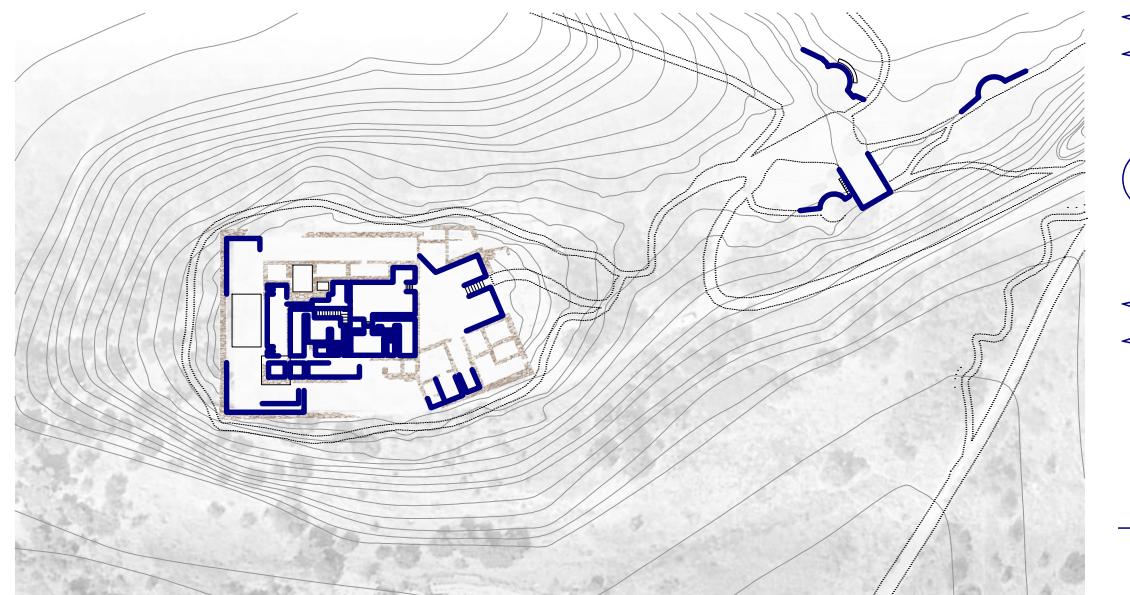


FIG. 87 | Valorização e acesso ao espaço natural e arqueológico de can tacó

0 5 25 m Ⓢ

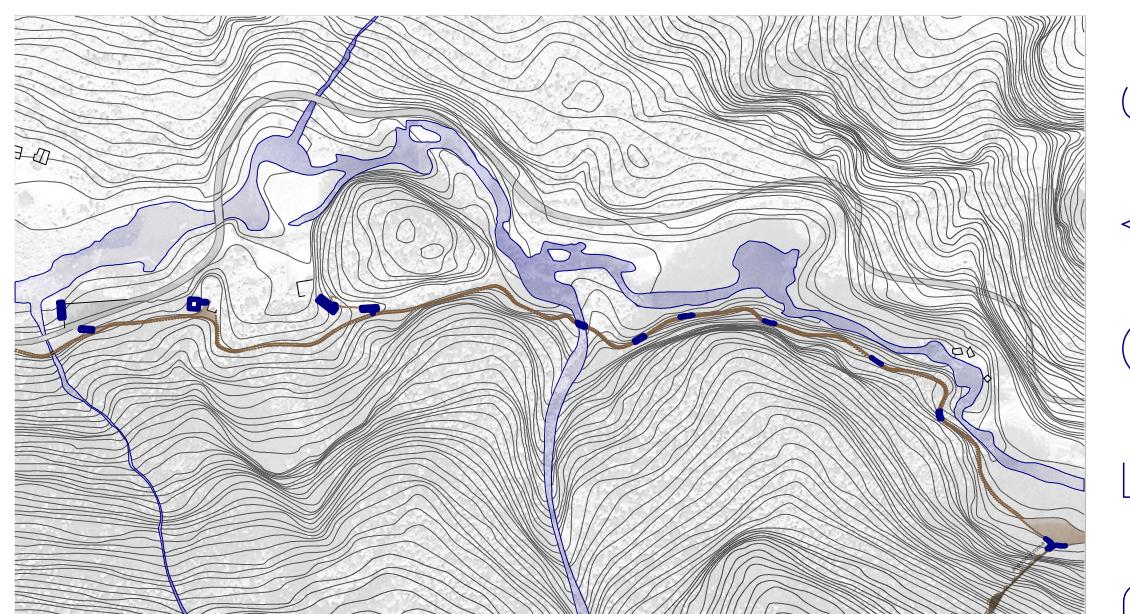


FIG. 88 | Projecto para o museu das minas de zinco)

0 25 75 100m Ⓢ

2.3. RELEXÃO

RELAÇÃO COM AS PRÉ-EXISTÊNCIAS

Ainda que, os casos estudados apresentem, naturalmente, diferenças inerentes a cada um, é possível, através de uma leitura e análise mais atentas, retirar conclusões transversais a todos.

O contexto em que cada projecto se implanta é totalmente distinto:

- Urbano, no projecto do Castelo de S. Jorge;
- Um pequeno nicho campestre inserido em ambiente industrial, nas ruínas de Can Tacó;
- Uma paisagem natural muito pouco humanizada, no caso da Mina de zinco.

Os dois primeiros com vestígios marcadamente arqueológicos, e o último de carácter talvez mais histórico (do que propriamente arqueológico).

No entanto, independentemente dos contextos tão diversificados e do carácter das pré-existências, as três intervenções apresentam intenções de projecto muito semelhantes, ainda que a sua materialização adopte formas e materialidades diversas.

Na realidade, todas resultam de uma leitura atenta e de uma postura integradora e dialogante com os vestígios/ pré-existências.

Em todos os projectos estudados, se verifica um enorme cuidado e atenção dedicado ao existente, o que "resta" no lugar é tomado como ponto de partida para o desenvolvimento do projecto, no sentido, de reconvocar espacial ou simbolicamente o que terá existido.

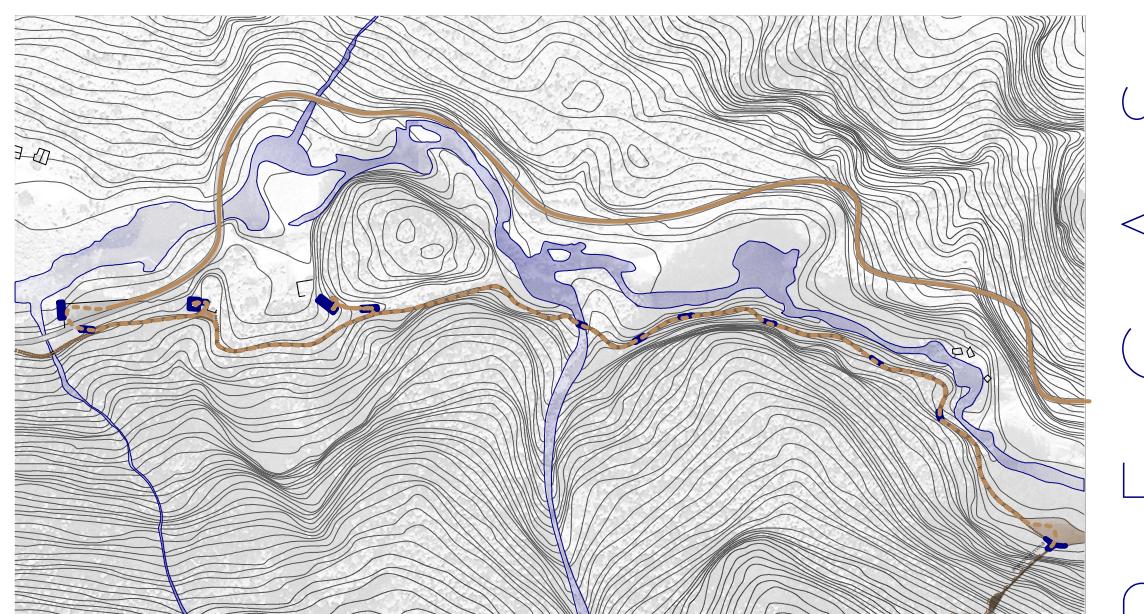
ESTRATÉGIA

No que se refere ao projecto do arquitecto Carrilho da Graça, evocação acontece sobretudo pela recriação espacial dos vestígios e da apresentação de perspectivas que oferecem ao visitante novas leituras e maneiras de olhar para o passado.

Por sua vez, em Can Tacó, o desenvolvimento do projecto a partir dos elementos existentes no lugar, ocorre de forma quase literal, na realidade, o arquitecto reordena os materiais que o sítio oferece para recriar novas percepções. O solo que soterrava as ruínas e que foi usado para as revelar, a topografia "criou" um abrigo, alguns elementos específicos vegetação passaram a configurar momentos de pausa.

O arquitecto Peter Zumthor, materializa a relação com as pré-existências ao implantar os novos edifícios junto ao trilho histórico de acesso á mina. O percurso existente integra, além da memória do quotidiano da mina, elementos construídos concretos daquele tempo, passagens, pontes, etc. Alcança também um carácter evocativo, através das características arquitectónicas dos elementos construídos, que se integram perfeitamente na paisagem e convocam espacialidades associadas à mina que se perderam.

De salientar, que independentemente do sistema ou da estratégia utilizados por cada um dos arquitectos para dialogar com os vestígios existentes ou reconvocar significados perdidos e dissipados no tempo, existe uma clara intenção de convocação do sentido de experiência do lugar, seja numa dialéctica temporal ou espacial.



S
O
N
E
L
U
W
O
M
O
W

FIG. 86 | Musealização do núcleo arqueológico da praça nova do castelo S.Jorge
0 5 25 m Ⓢ

R
D
D

FIG. 87 | Valorização e acesso ao espaço natural e arqueológico de can tacó
0 5 25 m Ⓢ

S
A
C
U
E

FIG. 88 | Projecto para o museu das minas de zinco)
0 25 75 100m Ⓢ

2.3. RELEXÃO

RELAÇÃO COM AS PRÉ-EXISTÊNCIAS

Ainda que, os casos estudados apresentem, naturalmente, diferenças inerentes a cada um, é possível, através de uma leitura e análise mais atentas, retirar conclusões transversais a todos.

O contexto em que cada projecto se implanta é totalmente distinto:

- Urbano, no projecto do Castelo de S. Jorge;
- Um pequeno nicho campestre inserido em ambiente industrial, nas ruínas de Can Tacó;
- Uma paisagem natural muito pouco humanizada, no caso da Mina de zinco.

Os dois primeiros com vestígios marcadamente arqueológicos, e o último de carácter talvez mais histórico (do que propriamente arqueológico).

No entanto, independentemente dos contextos tão diversificados e do carácter das pré-existências, as três intervenções apresentam intenções de projecto muito semelhantes, ainda que a sua materialização adopte formas e materialidades diversas.

Na realidade, todas resultam de uma leitura atenta e de uma postura integradora e dialogante com os vestígios/ pré-existências.

Em todos os projectos estudados, se verifica um enorme cuidado e atenção dedicado ao existente, o que "resta" no lugar é tomado como ponto de partida para o desenvolvimento do projecto, no sentido, de reconvocar espacial ou simbolicamente o que terá existido.

ESTRATÉGIA

No que se refere ao projecto do arquitecto Carrilho da Graça, evocação acontece sobretudo pela recriação espacial dos vestígios e da apresentação de perspectivas que oferecem ao visitante novas leituras e maneiras de olhar para o passado.

Por sua vez, em Can Tacó, o desenvolvimento do projecto a partir dos elementos existentes no lugar, ocorre de forma quase literal, na realidade, o arquitecto reordena os materiais que o sítio oferece para recriar novas percepções. O solo que soterrava as ruínas e que foi usado para as revelar, a topografia "criou" um abrigo, alguns elementos específicos vegetação passaram a configurar momentos de pausa.

O arquitecto Peter Zumthor, materializa a relação com as pré-existências ao implantar os novos edifícios junto ao trilho histórico de acesso á mina. O percurso existente integra, além da memória do quotidiano da mina, elementos construídos concretos daquele tempo, passagens, pontes, etc. Alcança também um carácter evocativo, através das características arquitectónicas dos elementos construídos, que se integram perfeitamente na paisagem e convocam espacialidades associadas à mina que se perderam.

De salientar, que independentemente do sistema ou da estratégia utilizados por cada um dos arquitectos para dialogar com os vestígios existentes ou reconvocar significados perdidos e dissipados no tempo, existe uma clara intenção de convocação do sentido de experiência do lugar, seja numa dialéctica temporal ou espacial.

Também em todos os projectos analisados, se verifica uma abordagem relativamente semelhante a nível de implantação, na medida em se apropriam do espaço através da implementação de peças independentes que se relacionam entre si e com os vestígios. O conjunto edificado é constituído pelas partes, ao invés de se criar uma peça única que articule todos os vestígios. A relação e o discurso entre as partes acontece através de vários pontos que se relacionam entre si pelo percurso, físico no espaço e mental no tempo.

CATEGORIAS CONSTRUTIVAS

Talvez seja possível categorizar e organizar estas peças construídas, ou estes momentos, em famílias semelhantes nos três projectos:

- Momento de chegada;
- Momentos-construídos-chave que contribuem para a descodificação do lugar;
- Desenvolvimento de um percurso em espaço aberto.

Em todos os projectos analisados existe um momento de chegada, que recebe e prepara o recém-chegado para a visita, seja através de um simples painel explicativo (caso da Praça Nova do castelo de S. Jorge), de uma simples peça polivalente que se insere na topografia (Can Tacó), ou de uma pequena praça que surge do alargamento da estrada, que cria um ponto de paragem utilitário para pessoas e veículos.

Como se referiu, nos projectos apresentados constroem-se de elementos pontuais que contribuem para a interpretação, valorização e “experienciação” do lugar.

No caso da Musealização da Praça Nova do castelo de S. Jorge, evidenciam-se três, cobertura sobre mosaicos séc. XV|XVI , estrutura de protecção - ruínas de casas islâmicas, cobertura núcleo idade de ferro.

Em Can Tacó, individualizam-se a aula do basque, a aula arqueológica e a reconstituição do recinto arqueológico.

Por último, no projecto para o museu das Mina de Zinco, surge o volume do café, do ponto de encontro e do museu.

Todas as peças se relacionam e complementam percursos pedonais pelos lugares, equipados com elementos pontuais que facilitam o deslocamento e o de acesso (escadas, pontes, soleiras, lanchis, passagens, etc.)

São estas três categorias, camadas, que se justapõem ao “substrato” pré-existente numa lógica articuladora e evocativa de significados, e que confere um carácter intensa e intencionalmente experencial a cada uma das propostas.

CHEGADA



MUSEALIZAÇÃO DO NÚCLEO ARQUEOLÓGICO DA PRAÇA NOVA DO CASTELO S. JORGE



FIG. 89

VALORIZAÇÃO E ACESSO AO ESPAÇO NATURAL E ARQUEOLÓGICO DE CAN TACÓ



FIG. 95

PROJECTO PARA O MUSEU DAS MINAS DE ZINCO



FIG. 101

MOMENTOS



FIG. 90



FIG. 91



FIG. 92



FIG. 96



FIG. 97

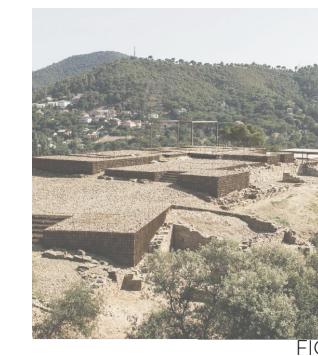


FIG. 98



FIG. 102



FIG. 103



FIG. 104

PERCURSO



FIG. 93



FIG. 94



FIG. 99



FIG. 100

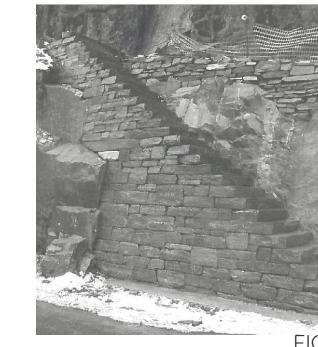


FIG. 105



FIG. 106

03. ENSAIO

«Meio usado para verificar se uma coisa convém ou não ao fim a que é destinada; experiência; prova; teste; em literatura, significa texto de análise e interpretação crítica de determinado assunto.»

Neste capítulo formalizam-se as reflexões realizadas ao longo do trabalho sob a forma de ensaio projectual /proposta de projecto.

Inicialmente, esboça-se uma estratégia para a transformação deste lugar num espaço que promova experiência da visita, a interpretação e divulgação de uma realidade e espacialidade que se expõem fora da sua época.

E apresenta-se um programa para o local,que convoca o sentido e o acto de experienciar a paisagem, promovendo uma leitura da sobreposição dos tempos neste lugar.

Apresenta-se ainda a proposta de projecto, através desenhos, esquemas, fotomontagens.

3.1. PROPOSIÇÃO²⁵

3.1.1. INTENÇÕES

O objectivo desta investigação passa pela apresentação de uma proposta de projecto de arquitectura que vá de encontro às necessidades do território da AGZ é, que o valorize e dignifique, a partir de uma interpretação analítica e crítica do existente

Efectivamente, o que se pretende com o ensaio projectual sobre o sítio da AGZ é, precisamente, conseguir convocar a capacidade de experienciar este lugar.

Neste sentido, encara-se experiência, na perspectiva do geógrafo Yi-Fu Tuan (1983), como "o termo que abrange as maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade"(pg. 9), como "a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar é aprender; significa actuar sobre o que é dado e criar a partir disso"(pg.10), e é nesta lógica que se tentará promover a valorização do sítio.

A valorização reflecte a carga histórica, cultural e patrimonial que monumento encerra, mas também a significados mais subjectivos.

(...) os megalitos não são meros vestígios daqueles que os construíram em tempos idos. No seu ciclo de vida foram mais do que as pedras antigas que os constituem. Os megalitos representam uma variedade de significados em constante mudança, determinada pela luz do conhecimento com que são vistos. As pessoas apreendem estes monumentos na paisagem através da construção de um 'mundo imaginário' em torno deles, tal como os leitores de um texto constroem um 'universo imaginário' durante o processo de leitura.²⁶(Holtorf, C., 1992, citado por Oliveira C., 2001, p.33, tradução nossa)

Assim, pensar em intervir, em desenvolver um ensaio projectual neste lugar, é utilizar projecto como método para reflectir e valorizar o lugar, contribuindo para potenciar o poder do imaginário e a noção de memória no visitante, fundamentalmente através de um programa associado à vivência/experiência.

Tal como que defende Tuan (1983), a experiência espacial é realizada através da vivência física dos lugares mas também do movimento entre eles implicando a dimensão temporal na experiência do espaço (pg. 40)

Por isso, quando se objectivou concretamente, uma proposta de valorização para a AGZ, do ponto de vista da arquitectura, afastaram-se à partida as hipóteses de implementação de uma estação arqueológica, de resto já existente, ou de um museu.

Na realidade, considera-se que uma espacialização da leitura do lugar da AGZ deve ser alcançada dentro do âmbito museológico mas num sentido imaterial, ainda que por via do material e concreto. Ou seja, deve acontecer através de elementos construídos, que busquem resgatar e realçar os valores próprios *in loco*, convocando uma situação experiencial integrada de tempo e espaço, como proposta alternativa à musealização tradicional. O visitante será um explorador.

Efectivamente, o que se pretende com este ensaio é dotar o lugar de meios que levem o visitante a conhecer uma realidade que vai além do monumento em si, que inclui a descoberta do território da AGZ e dos tempos que ele encerra, do mais longínquo ao mais próximo, do mais demorado ao mais fugaz. Criando espacialidades com capacidade de introduzir, induzir, indicar relações entre território e tempo, entre o corpo e espaço, de como se chega, como se pára como se lê e interpreta. De facto, pretende-se que o trabalho comtemple mais um sentido evocativo, associado a um espírito peripatético de descoberta do lugar, do que propriamente apenas explicativo.

O grande desafio passa por encontrar forma de materializar estas intenções, de indicar sem apontar, de sugerir sem impor, de evidenciar o imaginário...

²⁵«[Retórica] Parte de um discurso na qual se expõe o assunto que se pretende provar, estabelecer, discutir, etc.»

²⁶«Megaliths are not mere remains of those who erected them in times long gone by. In their life-history were more than the old stones of which they consist. Megaliths represent a variety of constantly changing meanings, determined by the light in which they are seen. People receive these monuments in the landscape by constructing an 'imaginary world' around them, just like readers of a text construct an 'imaginary universe' during the process of reading.»

3.1.2. ESTRATÉGIA

A estratégia passa por propor soluções que proporcionem a vivência física do lugar, que simultaneamente impliquem o movimento no espaço e que evoquem a leitura de tempos sobrepostos - dilatar o espaço para dilatar o tempo, e assim aumentar a leitura e experiência da paisagem.

Considera-se que esta abordagem se pode manifestar através do estabelecimento de novas relações do território com o monumento e com paisagem que o sustenta. Além do mais, ao propor novas perspectivas de observação sobre o monumento e novos enquadramentos sobre a paisagem acrescentam-se e acentuam-se valências ao sítio, que neste momento se encontram dissimuladas e subvalorizadas.

Na sequência das intenções expostas anteriormente, de convocar um sentido de experiência do lugar através de relações específicas com o mesmo, para evocar significadas latentes, começam-se por identificar os momentos/relações significantes para, posteriormente, se encontrar uma forma de os materializar.

O estabelecimento dessas relações foi o resultado de um extenso processo de dissecação analítica do território que começou pela identificação e individualização das sucessivas camadas/estratos que o constituem, como se verifica seguidamente.

I. CAMADAS

CONCRETAS

ÁGUA

poços (dois) e linhas de água (riveira de Peramanca e uma linha de água temporária)

CAMINHOS

caminhos existentes que conduzem mais ou menos directamente à anta

ELEMENTOS ESPECÍFICOS DE VEGETAÇÃO

árvores que devido à sua localização, dimensão, forma ou relação entre si se destacam

ELEMENTOS CONSTRUÍDOS COM VALOR HISTÓRICO

Anta Pequena do Zambujeiro, Anta Grande do Zambujeiro, poço das Víboras

EVOCATIVAS

EIXOS SÍMBÓLICOS

linhas simbólicas que de alguma forma remetem para relações marcantes no território

- eixo nascente-poente:
determina, de forma geral, o sentido de implantação das antas, com a entrada orientada a nascente e a parte posterior a poente.

- eixo de direcção Valverde -
assinala a dicotomia
antigo/recente, tempo distante |
tempo próximo

LIMITE REPRESENTATIVO DA MAMOA

remete para a reconstituição dos limites originais do monumento/
topografia construída

II. PONTOS

marcam as relações entre as camadas e assinalam e/ou enquadram um momento particular/de exceção no território.

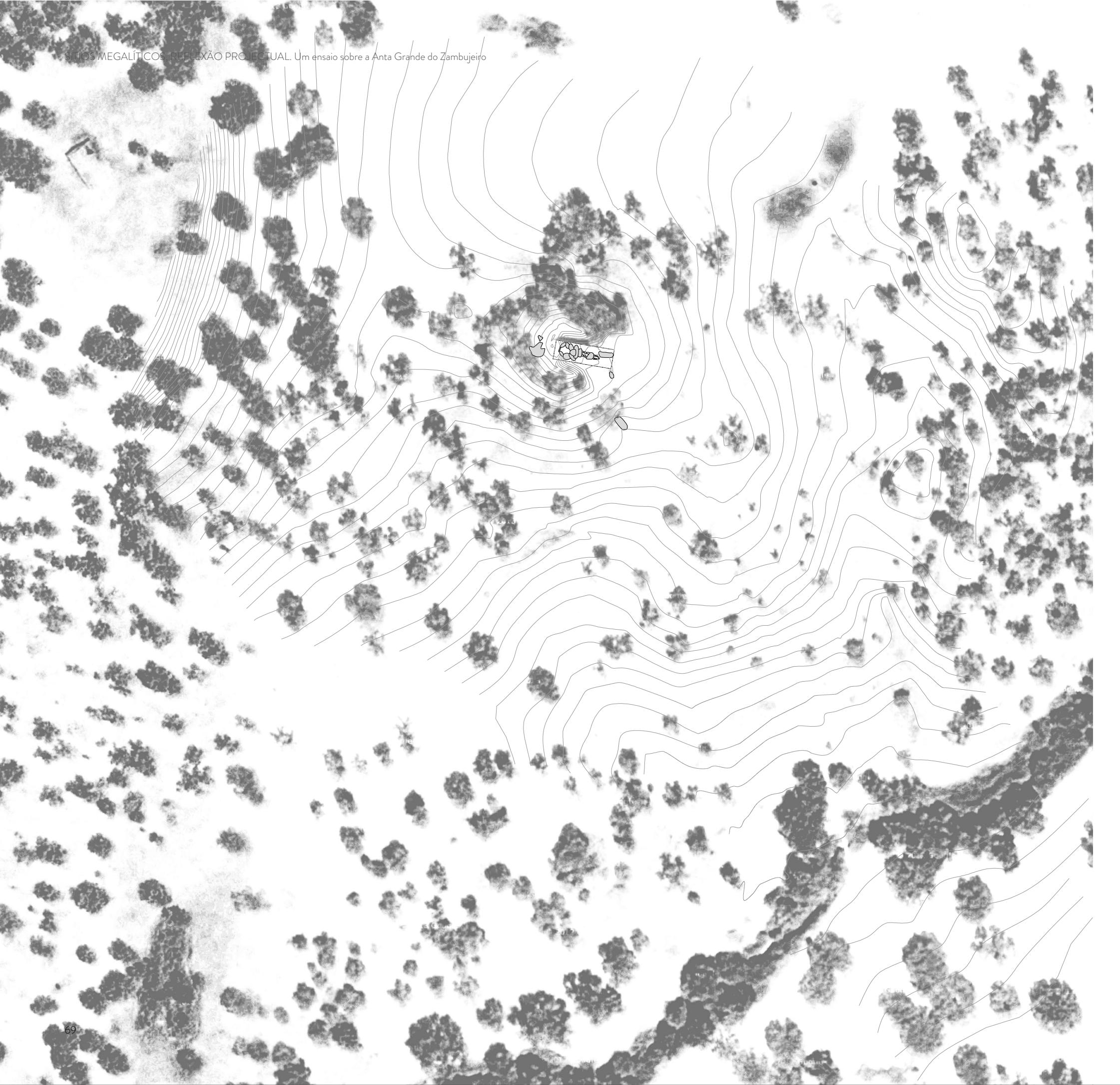


FIG. 107 | Esquemas síntese do processo de análise do território



I. CAMADAS / ESTRATOS

Segundo arquitecto paisagista, João Gomes da Silva, “(...) todos os lugares são assim, camadas sucessivas de história. É por isso que a arquitectura lida sempre com a memória. Um lugar nunca é de um tempo só.” (Canelas, 2015)

Considerando que essas camadas são constituídas por sinais/inscrições, antrópicos e não antrópicos, que se foram sobrepondo ao longo tempo, sistematizou-se a sua identificação através constituição, mais ou menos empírica, de duas categorias genéricas, uma da ordem concreto e outra do evocativo. A primeira relaciona-se com manifestações naturais de ordem física, ou seja, marcas visíveis e impressas no território, como a presença de água, caminhos, vegetação e elementos construídos com valor histórico. A segunda refere-se ao domínio do abstracto, do simbólico, que existe apenas no plano do intelectivo, e compreende marcas imaginárias que de alguma forma remetem para relações e limites relevantes no território. (Procurou-se sintetizar esta leitura nos esquemas que precedentes.)

II. PONTOS EXCEPCIONAIS / MOMENTOS

Da relação dessas camadas identificaram-se pontos singulares no território - momentos -, que assinalam características inerentes a este sítio ou que enquadram um momento particular de exceção na paisagem.

O que se pretende com a marcação destes momentos é que contribuam para a construção de uma percepção espáço-temporal do lugar, criada a partir de relações com o monumento e com paisagem que o sustém, seja através de um carácter funcional, de um carácter de orientação ou ambos. Pois, é da relação do corpo com espaço que se estabelece a qualidade experiencial lugar.

Assim, tendo sido, assinalados os Momentos excepcionais que se consideram de interesse convocar, importa perceber como participam num programa experiencial deste lugar, ou seja, materializam fisicamente.

I. CAMADAS

CONCRETAS

ÁGUA

poços (dois) e linhas de água (ribeira de Peramanca e uma linha de água temporária)

CAMINHOS

caminhos existentes que conduzem mais ou menos directamente à anta

ELEMENTOS ESPECÍFICOS DE VEGETAÇÃO

árvores que devido à sua localização, dimensão, forma ou relação entre si se destacam

ELEMENTOS CONSTRUÍDOS COM VALOR HISTÓRICO

Anta Pequena do Zambujeiro, Anta Grande do Zambujeiro, poço das Viboras

EVOCATIVAS

EIXOS SIMBÓLICOS

linhas simbólicas que de alguma forma remetem para relações marcantes no território

- eixo nascente-poente: determina, de forma geral, o sentido de implantação das antas, com a entrada orientada a nascente e a parte posterior a poente.

- eixo de direcção Valverde - assinala a dicotomia antigo|recente, tempo distante | tempo próximo

LIMITE REPRESENTATIVO DA MAMOA

remete para a reconstituição dos limites originais do monumento/ topografia construída

II. PONTOS

marcam as relações entre as camadas e assinalam e/ou enquadram um momento particular/de exceção no território.

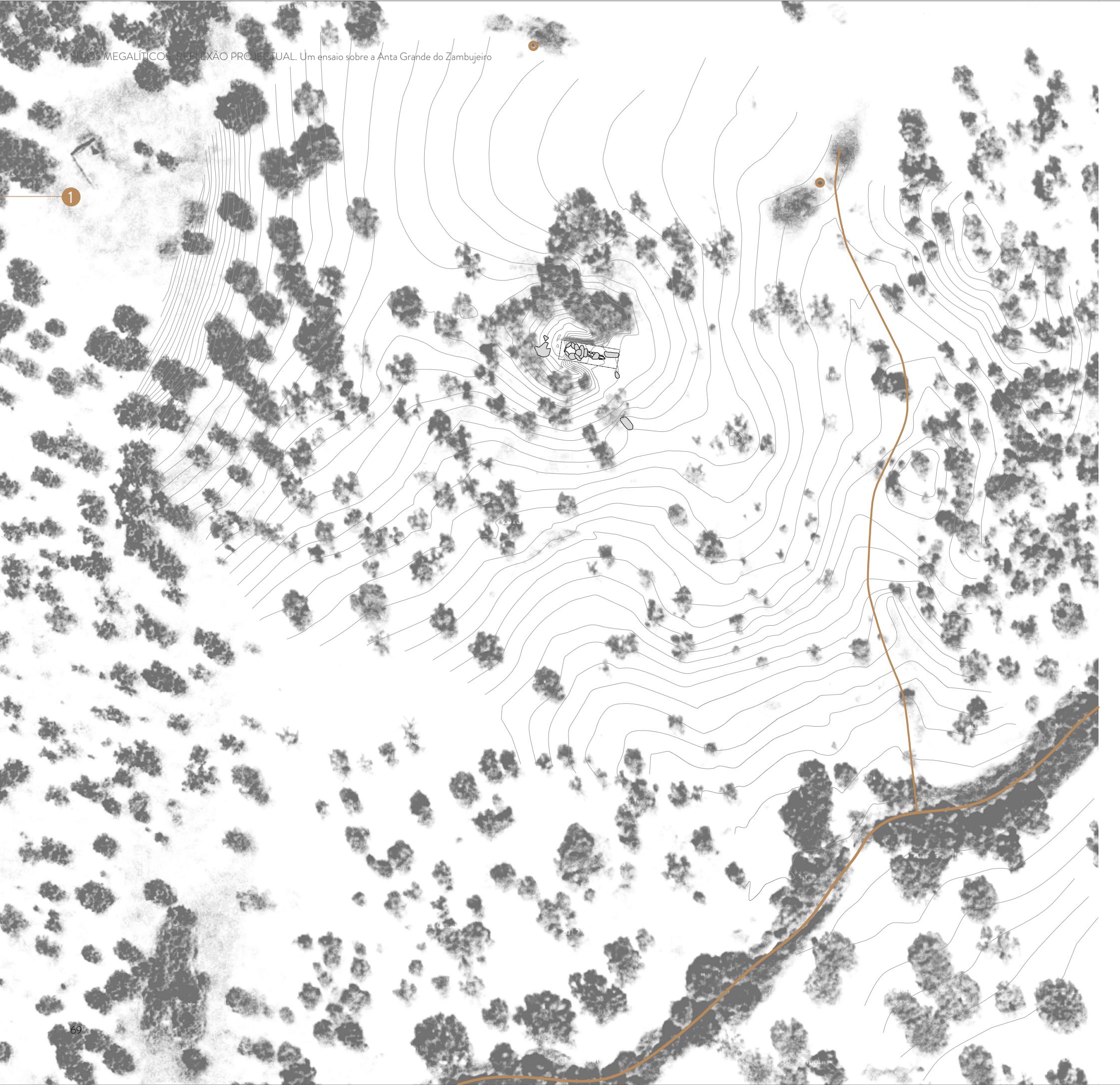
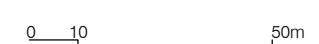


FIG. 107 | Esquemas síntese do processo de análise do território



I. CAMADAS / ESTRATOS

Segundo arquitecto paisagista, João Gomes da Silva, “(...) todos os lugares são assim, camadas sucessivas de história. É por isso que a arquitectura lida sempre com a memória. Um lugar nunca é de um tempo só.” (Canelas, 2015)

Considerando que essas camadas são constituídas por sinais/inscrições, antrópicos e não antrópicos, que se foram sobrepondo ao longo tempo, sistematizou-se a sua identificação através constituição, mais ou menos empírica, de duas categorias genéricas, uma da ordem concreto e outra do evocativo. A primeira relaciona-se com manifestações naturais de ordem física, ou seja, marcas visíveis e impressas no território, como a presença de água, caminhos, vegetação e elementos construídos com valor histórico. A segunda refere-se ao domínio do abstracto, do simbólico, que existe apenas no plano do intelectível, e compreende marcas imaginárias que de alguma forma remetem para relações e limites relevantes no território. (Procurou-se sintetizar esta leitura nos esquemas que precedentes.)

II. PONTOS EXCEPCIONAIS / MOMENTOS

Da relação dessas camadas identificaram-se pontos singulares no território - momentos -, que assinalam características inerentes a este sítio ou que enquadram um momento particular de exceção na paisagem.

O que se pretende com a marcação destes momentos é que contribuam para a construção de uma percepção espaço-temporal do lugar, criada a partir de relações com o monumento e com paisagem que o sustém, seja através de um carácter funcional, de um carácter de orientação ou ambos. Pois, é da relação do corpo com espaço que se estabelece a qualidade experencial lugar.

Assim, tendo sido assinalados os Momentos excepcionais que se consideram de interesse convocar, importa perceber como participam num programa experiencial deste lugar, ou seja, materializam fisicamente.

I. CAMADAS

CONCRETAS

ÁGUA

poços (dois) e linhas de água (riveira de Peramanca e uma linha de água temporária)

CAMINHOS

caminhos existentes que conduzem mais ou menos directamente à anta

ELEMENTOS ESPECÍFICOS DE VEGETAÇÃO

árvores que devido à sua localização, dimensão, forma ou relação entre si se destacam

ELEMENTOS CONSTRUÍDOS COM VALOR HISTÓRICO

Anta Pequena do Zambujeiro, Anta Grande do Zambujeiro, poço das Víboras

EVOCATIVAS

EIXOS SÍMBÓLICOS

linhas simbólicas que de alguma forma remetem para relações marcantes no território

- eixo nascente-poente:
determina, de forma geral, o sentido de implantação das antas, com a entrada orientada a nascente e a parte posterior a poente.

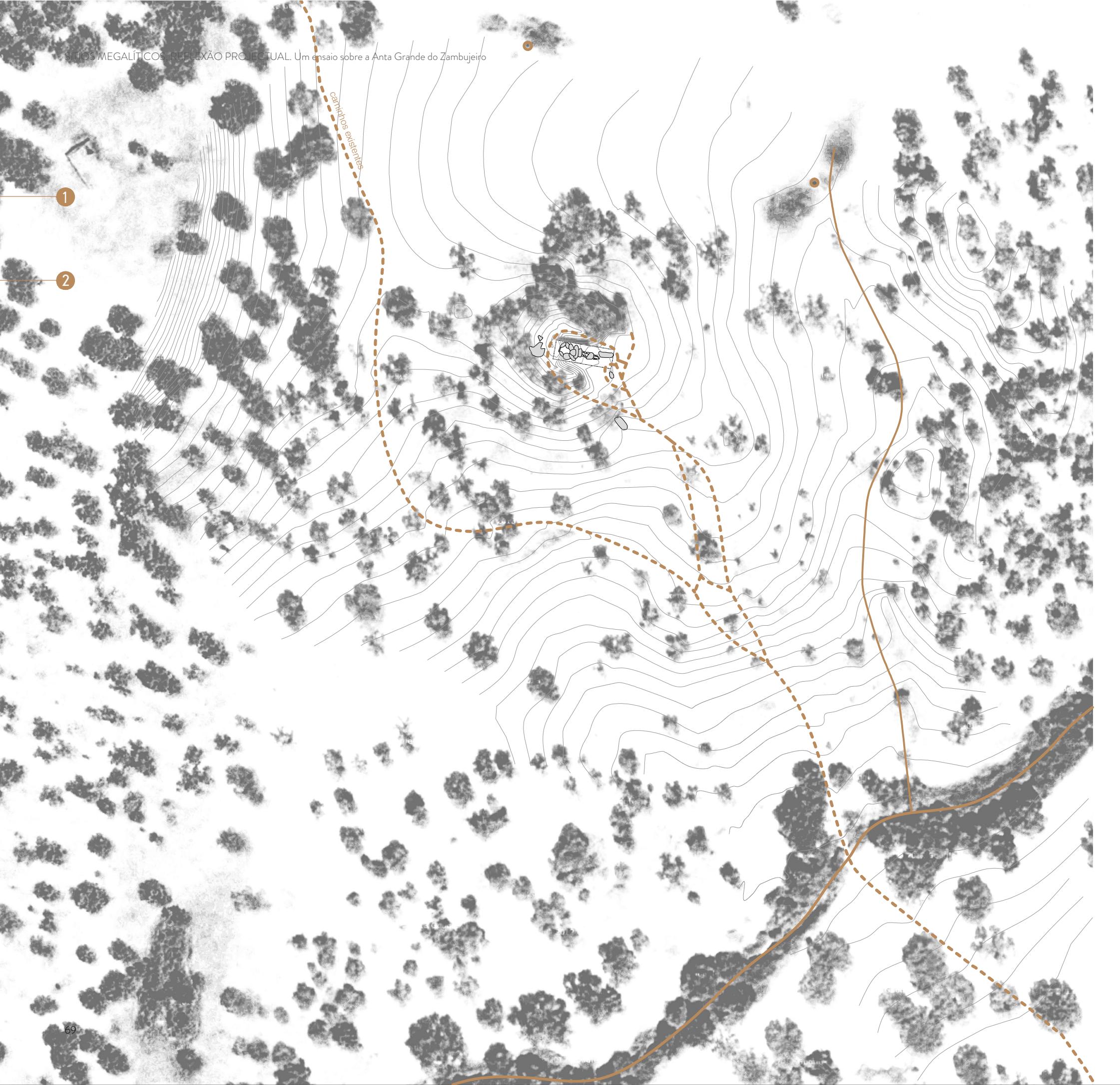
- eixo de direcção Valverde -
assinala a dicotomia
antigo/recente, tempo distante | tempo próximo

LIMITE REPRESENTATIVO DA MAMOA

remete para a reconstituição dos limites originais do monumento/
topografia construída

II. PONTOS

marcam as relações entre as camadas e assinalam e/ou enquadram um momento particular/de exceção no território.



I. CAMADAS / ESTRATOS

Segundo arquitecto paisagista, João Gomes da Silva, “(...) todos os lugares são assim, camadas sucessivas de história. É por isso que a arquitectura lida sempre com a memória. Um lugar nunca é de um tempo só.” (Canelas, 2015)

Considerando que essas camadas são constituídas por sinais/inscrições, antrópicos e não antrópicos, que se foram sobrepondo ao longo tempo, sistematizou-se a sua identificação através constituição, mais ou menos empírica, de duas categorias genéricas, uma da ordem concreto e outra do evocativo. A primeira relaciona-se com manifestações naturais de ordem física, ou seja, marcas visíveis e impressas no território, como a presença de água, caminhos, vegetação e elementos construídos com valor histórico. A segunda refere-se ao domínio do abstracto, do simbólico, que existe apenas no plano do intelectivo, e compreende marcas imaginárias que de alguma forma remetem para relações e limites relevantes no território. (Procurou-se sintetizar esta leitura nos esquemas que precedentes.)

II. PONTOS EXCEPCIONAIS / MOMENTOS

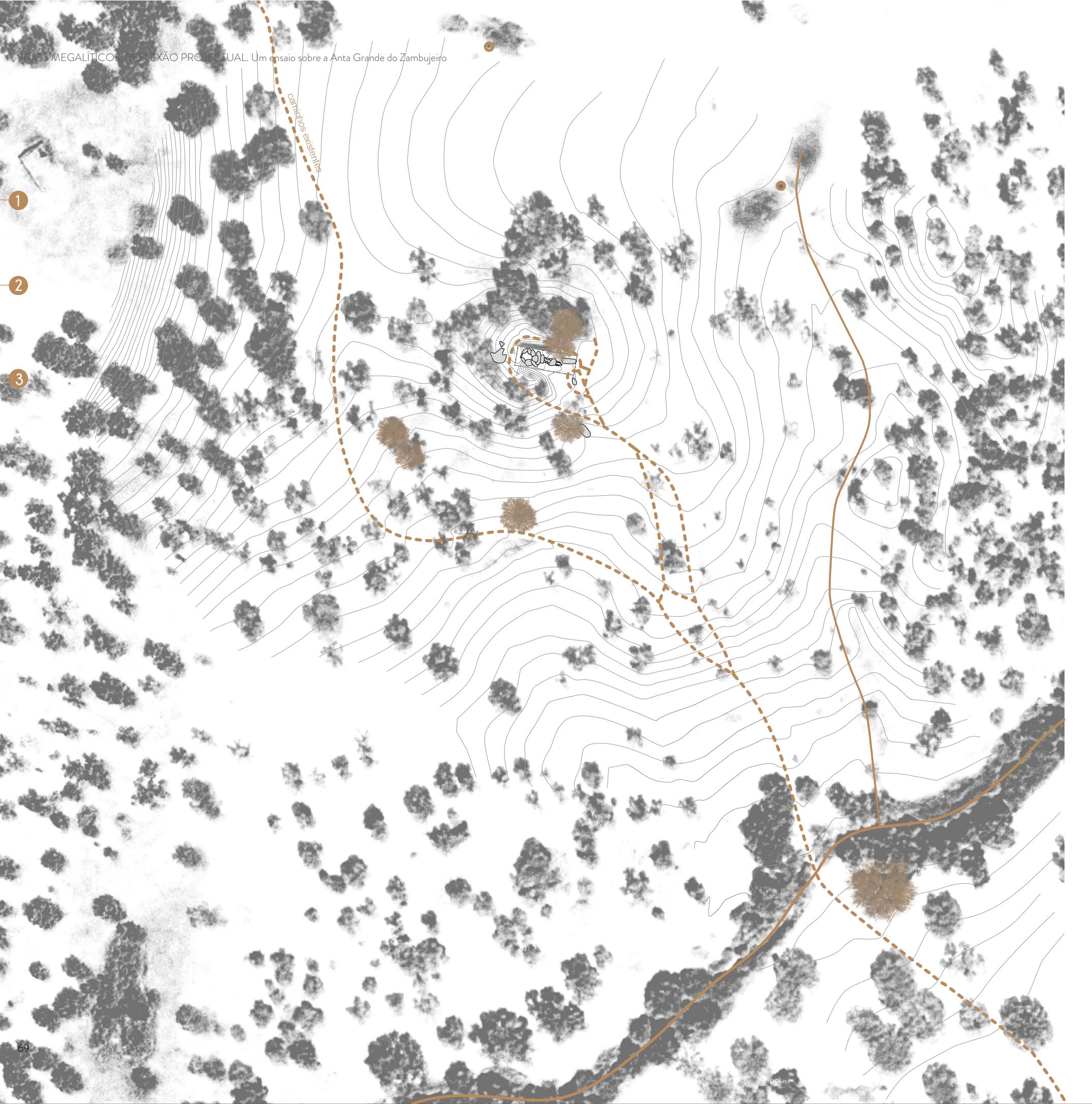
Da relação dessas camadas identificaram-se pontos singulares no território - momentos -, que assinalam características inerentes a este sítio ou que enquadram um momento particular de exceção na paisagem.

O que se pretende com a marcação destes momentos é que contribuam para a construção de uma percepção espáço-temporal do lugar, criada a partir de relações com o monumento e com paisagem que o sustém, seja através de um carácter funcional, de um carácter de orientação ou ambos. Pois, é da relação do corpo com espaço que se estabelece a qualidade experiencial lugar.

Assim, tendo sido, assinalados os Momentos excepcionais que se consideram de interesse convocar, importa perceber como participam num programa experiencial deste lugar, ou seja, materializam fisicamente.

FIG. 107 | Esquemas síntese do processo de análise do território





I. CAMADAS / ESTRATOS

Segundo arquitecto paisagista, João Gomes da Silva, “(...) todos os lugares são assim, camadas sucessivas de história. É por isso que a arquitectura lida sempre com a memória. Um lugar nunca é de um tempo só.” (Canelas, 2015)

Considerando que essas camadas são constituídas por sinais/inscrições, antrópicos e não antrópicos, que se foram sobrepondo ao longo tempo, sistematizou-se a sua identificação através constituição, mais ou menos empírica, de duas categorias genéricas, uma da ordem concreto e outra do evocativo. A primeira relaciona-se com manifestações naturais de ordem física, ou seja, marcas visíveis e impressas no território, como a presença de água, caminhos, vegetação e elementos construídos com valor histórico. A segunda refere-se ao domínio do abstracto, do simbólico, que existe apenas no plano do intelectível, e compreende marcas imaginárias que de alguma forma remetem para relações e limites relevantes no território. (Procurou-se sintetizar esta leitura nos esquemas que precedentes.)

II. PONTOS EXCEPCIONAIS / MOMENTOS

Da relação dessas camadas identificaram-se pontos singulares no território - momentos -, que assinalam características inerentes a este sítio ou que enquadram um momento particular de exceção na paisagem.

O que se pretende com a marcação destes momentos é que contribuam para a construção de uma percepção espáço-temporal do lugar, criada a partir de relações com o monumento e com paisagem que o sustém, seja através de um carácter funcional, de um carácter de orientação ou ambos. Pois, é da relação do corpo com espaço que se estabelece a qualidade experiencial lugar.

Assim, tendo sido, assinalados os Momentos excepcionais que se consideram de interesse convocar, importa perceber como participam num programa experiencial deste lugar, ou seja, materializam fisicamente.

FIG. 107 | Esquemas síntese do processo de análise do território



I. CAMADAS

CONCRETAS

ÁGUA

poços (dois) e linhas de água (riveira de Peramanca e uma linha de água temporária)

CAMINHOS

caminhos existentes que conduzem mais ou menos directamente à anta

ELEMENTOS ESPECÍFICOS DE VEGETAÇÃO

árvores que devido à sua localização, dimensão, forma ou relação entre si se destacam

ELEMENTOS CONSTRUÍDOS COM VALOR HISTÓRICO

Anta Pequena do Zambujeiro, Anta Grande do Zambujeiro, poço das Víboras

EVOCATIVAS

EIXOS SÍMBÓLICOS

linhas simbólicas que de alguma forma remetem para relações marcantes no território

- eixo nascente-poente:
determina, de forma geral, o sentido de implantação das antas, com a entrada orientada a nascente e a parte posterior a poente.

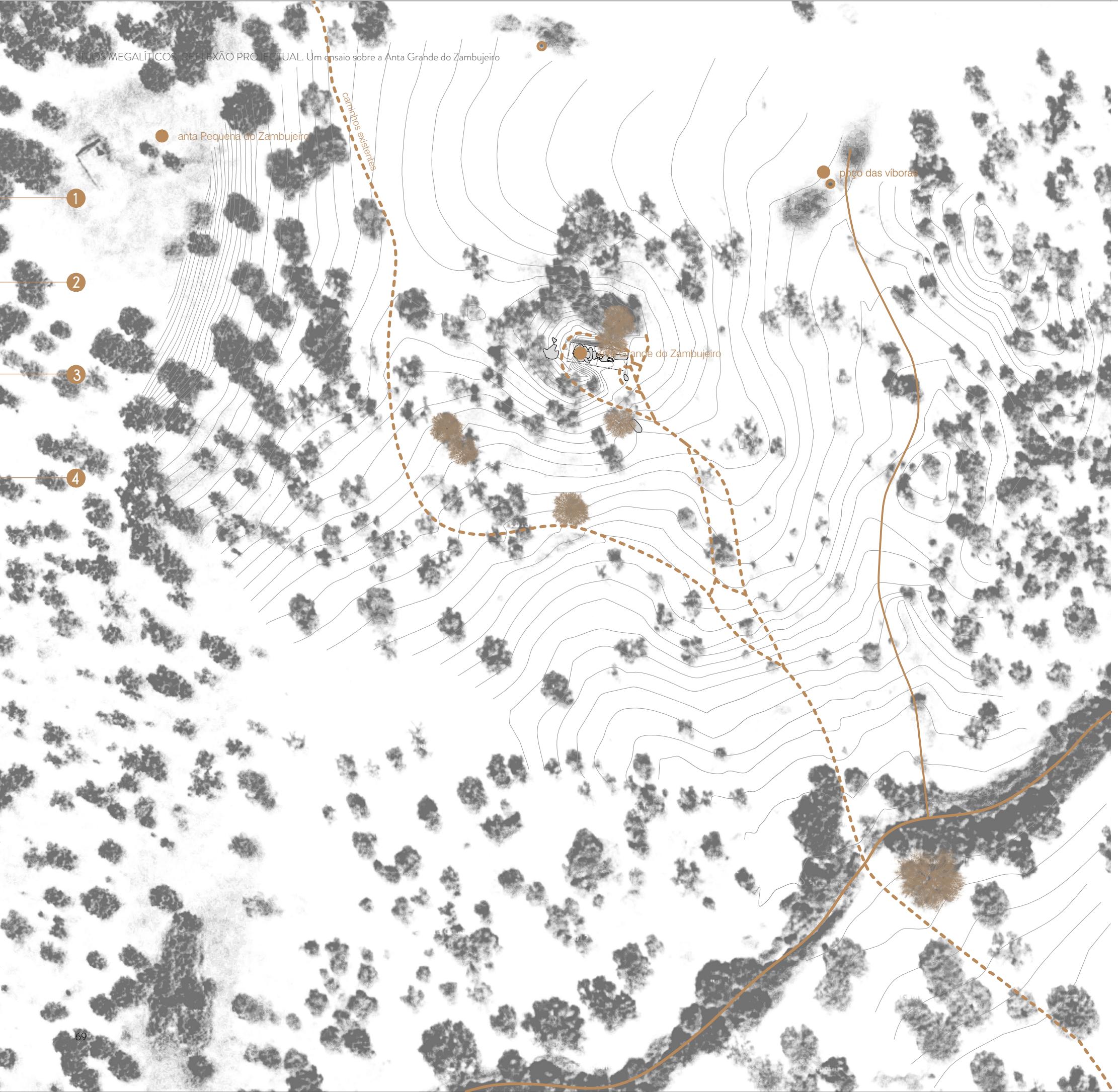
- eixo de direcção Valverde -
assinala a dicotomia
antigo/recente, tempo distante | tempo próximo

LIMITE REPRESENTATIVO DA MAMOA

remete para a reconstituição dos limites originais do monumento/
topografia construída

II. PONTOS

marcam as relações entre as camadas e assinalam e/ou enquadram um momento particular/de exceção no território.



I. CAMADAS / ESTRATOS

Segundo arquitecto paisagista, João Gomes da Silva, “(...) todos os lugares são assim, camadas sucessivas de história. É por isso que a arquitectura lida sempre com a memória. Um lugar nunca é de um tempo só.” (Canelas, 2015)

Considerando que essas camadas são constituídas por sinais/inscrições, antrópicos e não antrópicos, que se foram sobrepondo ao longo tempo, sistematizou-se a sua identificação através constituição, mais ou menos empírica, de duas categorias genéricas, uma da ordem concreto e outra do evocativo. A primeira relaciona-se com manifestações naturais de ordem física, ou seja, marcas visíveis e impressas no território, como a presença de água, caminhos, vegetação e elementos construídos com valor histórico. A segunda refere-se ao domínio do abstracto, do simbólico, que existe apenas no plano do intelectivo, e compreende marcas imaginárias que de alguma forma remetem para relações e limites relevantes no território. (Procurou-se sintetizar esta leitura nos esquemas que precedentes.)

II. PONTOS EXCEPCIONAIS / MOMENTOS

Da relação dessas camadas identificaram-se pontos singulares no território - momentos -, que assinalam características inerentes a este sítio ou que enquadram um momento particular de exceção na paisagem.

O que se pretende com a marcação destes momentos é que contribuam para a construção de uma percepção espáço-temporal do lugar, criada a partir de relações com o monumento e com paisagem que o sustém, seja através de um carácter funcional, de um carácter de orientação ou ambos. Pois, é da relação do corpo com espaço que se estabelece a qualidade experiencial lugar.

Assim, tendo sido, assinalados os Momentos excepcionais que se consideram de interesse convocar, importa perceber como participam num programa experiencial deste lugar, ou seja, materializam fisicamente.

FIG. 107 | Esquemas síntese do processo de análise do território



I. CAMADAS

CONCRETAS

ÁGUA

poços (dois) e linhas de água (riveira de Peramanca e uma linha de água temporária)

CAMINHOS

caminhos existentes que conduzem mais ou menos directamente à anta

ELEMENTOS ESPECÍFICOS DE VEGETAÇÃO

árvores que devido à sua localização, dimensão, forma ou relação entre si se destacam

ELEMENTOS CONSTRUÍDOS COM VALOR HISTÓRICO

Anta Pequena do Zambujeiro, Anta Grande do Zambujeiro, poço das Víboras

EVOCATIVAS

EIXOS SIMBÓLICOS

linhas simbólicas que de alguma forma remetem para relações marcantes no território

- eixo nascente-poente:
determina, de forma geral, o sentido de implantação das antas, com a entrada orientada a nascente e a parte posterior a poente.

- eixo de direcção Valverde -
assinala a dicotomia
antigo/recente, tempo distante | tempo próximo

LIMITE REPRESENTATIVO DA MAMOA

remete para a reconstituição dos limites originais do monumento/
topografia construída

II. PONTOS

marcam as relações entre as camadas e assinalam e/ou enquadram um momento particular/de exceção no território.

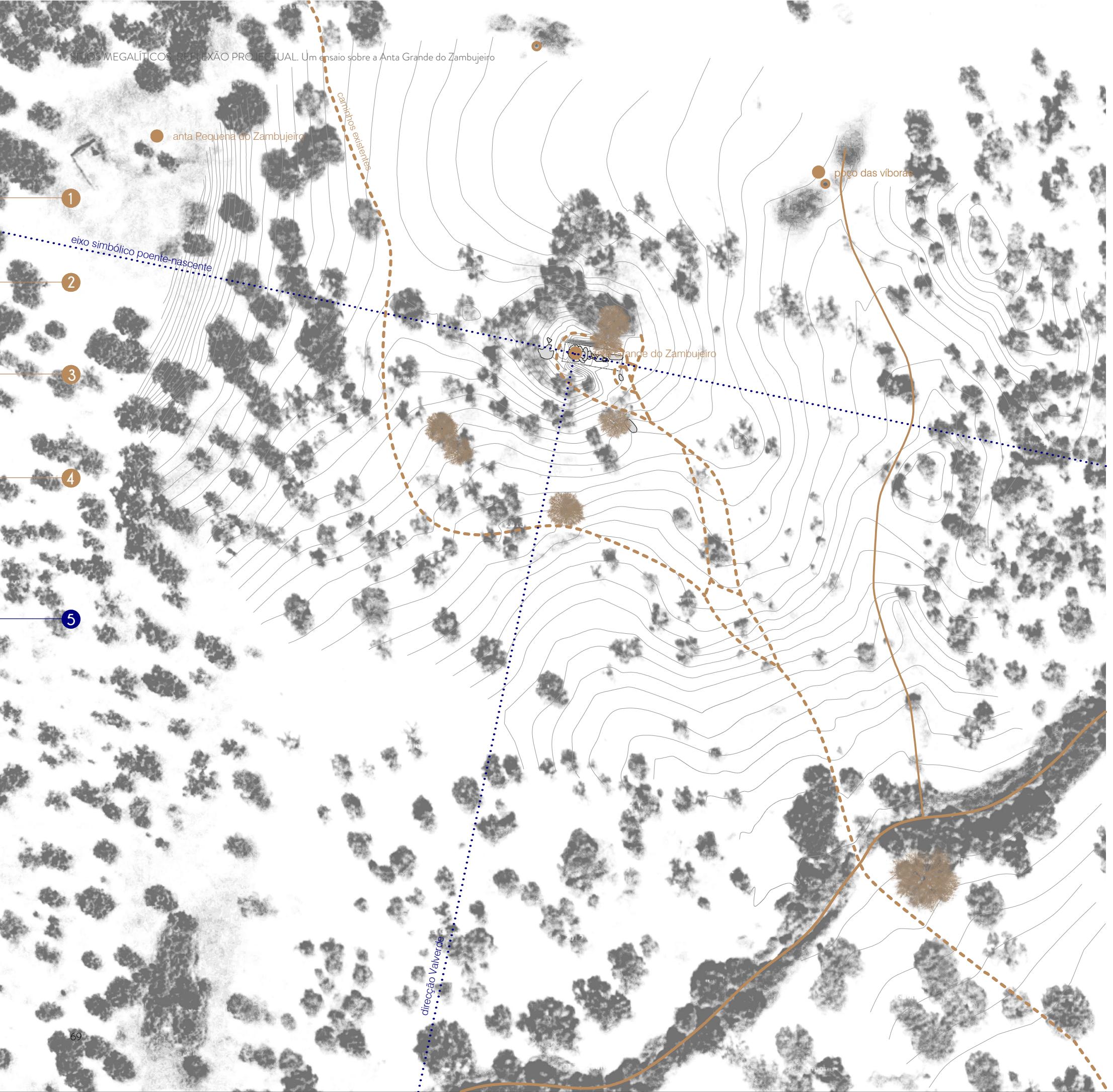


FIG. 107 | Esquemas síntese do processo de análise do território



I. CAMADAS / ESTRATOS

Segundo arquitecto paisagista, João Gomes da Silva, “(...) todos os lugares são assim, camadas sucessivas de história. É por isso que a arquitectura lida sempre com a memória. Um lugar nunca é de um tempo só.” (Canelas, 2015)

Considerando que essas camadas são constituídas por sinais/inscrições, antrópicos e não antrópicos, que se foram sobrepondo ao longo tempo, sistematizou-se a sua identificação através constituição, mais ou menos empírica, de duas categorias genéricas, uma da ordem concreto e outra do evocativo. A primeira relaciona-se com manifestações naturais de ordem física, ou seja, marcas visíveis e impressas no território, como a presença de água, caminhos, vegetação e elementos construídos com valor histórico. A segunda refere-se ao domínio do abstracto, do simbólico, que existe apenas no plano do intelectível, e compreende marcas imaginárias que de alguma forma remetem para relações e limites relevantes no território. (Procurou-se sintetizar esta leitura nos esquemas que precedentes.)

II. PONTOS EXCEPCIONAIS / MOMENTOS

Da relação dessas camadas identificaram-se pontos singulares no território - momentos -, que assinalam características inerentes a este sítio ou que enquadram um momento particular de exceção na paisagem.

O que se pretende com a marcação destes momentos é que contribuam para a construção de uma percepção espáço-temporal do lugar, criada a partir de relações com o monumento e com paisagem que o sustém, seja através de um carácter funcional, de um carácter de orientação ou ambos. Pois, é da relação do corpo com espaço que se estabelece a qualidade experiencial lugar.

Assim, tendo sido, assinalados os Momentos excepcionais que se consideram de interesse convocar, importa perceber como participam num programa experiencial deste lugar, ou seja, materializam fisicamente.

I. CAMADAS

CONCRETAS

ÁGUA

poços (dois) e linhas de água (riveira de Peramanca e uma linha de água temporária)

CAMINHOS

caminhos existentes que conduzem mais ou menos directamente à anta

ELEMENTOS ESPECÍFICOS DE VEGETAÇÃO

árvores que devido à sua localização, dimensão, forma ou relação entre si se destacam

ELEMENTOS CONSTRUÍDOS COM VALOR HISTÓRICO

Anta Pequena do Zambujeiro, Anta Grande do Zambujeiro, poço das Víboras

EVOCATIVAS

EIXOS SÍMBOLICOS

linhas simbólicas que de alguma forma remetem para relações marcantes no território

- eixo nascente-poente:
determina, de forma geral, o sentido de implantação das antas, com a entrada orientada a nascente e a parte posterior a poente.

- eixo de direcção Valverde -
assinala a dicotomia
antigo/recente, tempo distante | tempo próximo

LIMITE REPRESENTATIVO DA MAMOA

remete para a reconstituição dos limites originais do monumento/
topografia construída

II. PONTOS

marcam as relações entre as camadas e assinalam e/ou enquadram um momento particular/de exceção no território.

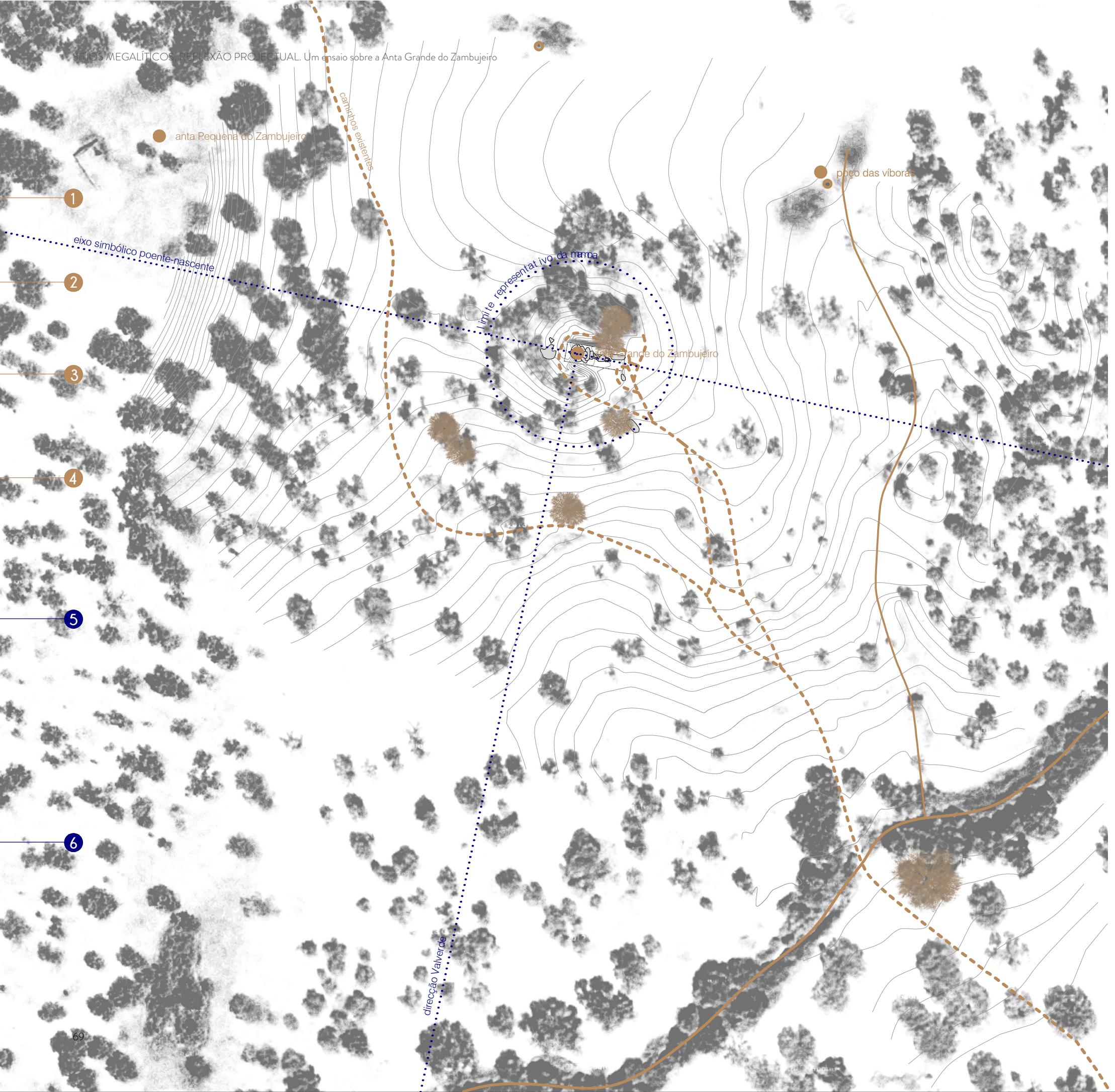
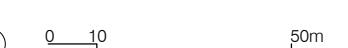


FIG. 107 | Esquemas síntese do processo de análise do território



I. CAMADAS / ESTRATOS

Segundo arquitecto paisagista, João Gomes da Silva, “(...) todos os lugares são assim, camadas sucessivas de história. É por isso que a arquitectura lida sempre com a memória. Um lugar nunca é de um tempo só.” (Canelas, 2015)

Considerando que essas camadas são constituídas por sinais/inscrições, antrópicos e não antrópicos, que se foram sobrepondo ao longo tempo, sistematizou-se a sua identificação através constituição, mais ou menos empírica, de duas categorias genéricas, uma da ordem concreto e outra do evocativo. A primeira relaciona-se com manifestações naturais de ordem física, ou seja, marcas visíveis e impressas no território, como a presença de água, caminhos, vegetação e elementos construídos com valor histórico. A segunda refere-se ao domínio do abstracto, do simbólico, que existe apenas no plano do intelectível, e compreende marcas imaginárias que de alguma forma remetem para relações e limites relevantes no território. (Procurou-se sintetizar esta leitura nos esquemas que precedentes.)

II. PONTOS EXCEPCIONAIS / MOMENTOS

Da relação dessas camadas identificaram-se pontos singulares no território - momentos -, que assinalam características inerentes a este sítio ou que enquadram um momento particular de exceção na paisagem.

O que se pretende com a marcação destes momentos é que contribuam para a construção de uma percepção espáço-temporal do lugar, criada a partir de relações com o monumento e com paisagem que o sustém, seja através de um carácter funcional, de um carácter de orientação ou ambos. Pois, é da relação do corpo com espaço que se estabelece a qualidade experiencial lugar.

Assim, tendo sido, assinalados os Momentos excepcionais que se consideram de interesse convocar, importa perceber como participam num programa experiencial deste lugar, ou seja, materializam fisicamente.

I. CAMADAS

CONCRETAS

ÁGUA

poços (dois) e linhas de água (riveira de Peramanca e uma linha de água temporária)

CAMINHOS

caminhos existentes que conduzem mais ou menos directamente à anta

ELEMENTOS ESPECÍFICOS DE VEGETAÇÃO

árvores que devido à sua localização, dimensão, forma ou relação entre si se destacam

ELEMENTOS CONSTRUÍDOS COM VALOR HISTÓRICO

Anta Pequena do Zambujeiro, Anta Grande do Zambujeiro, poço das Víboras

EVOCATIVAS

EIXOS SIMBÓLICOS

linhas simbólicas que de alguma forma remetem para relações marcantes no território

- eixo nascente-poente:
determina, de forma geral, o sentido de implantação das antas, com a entrada orientada a nascente e a parte posterior a poente.

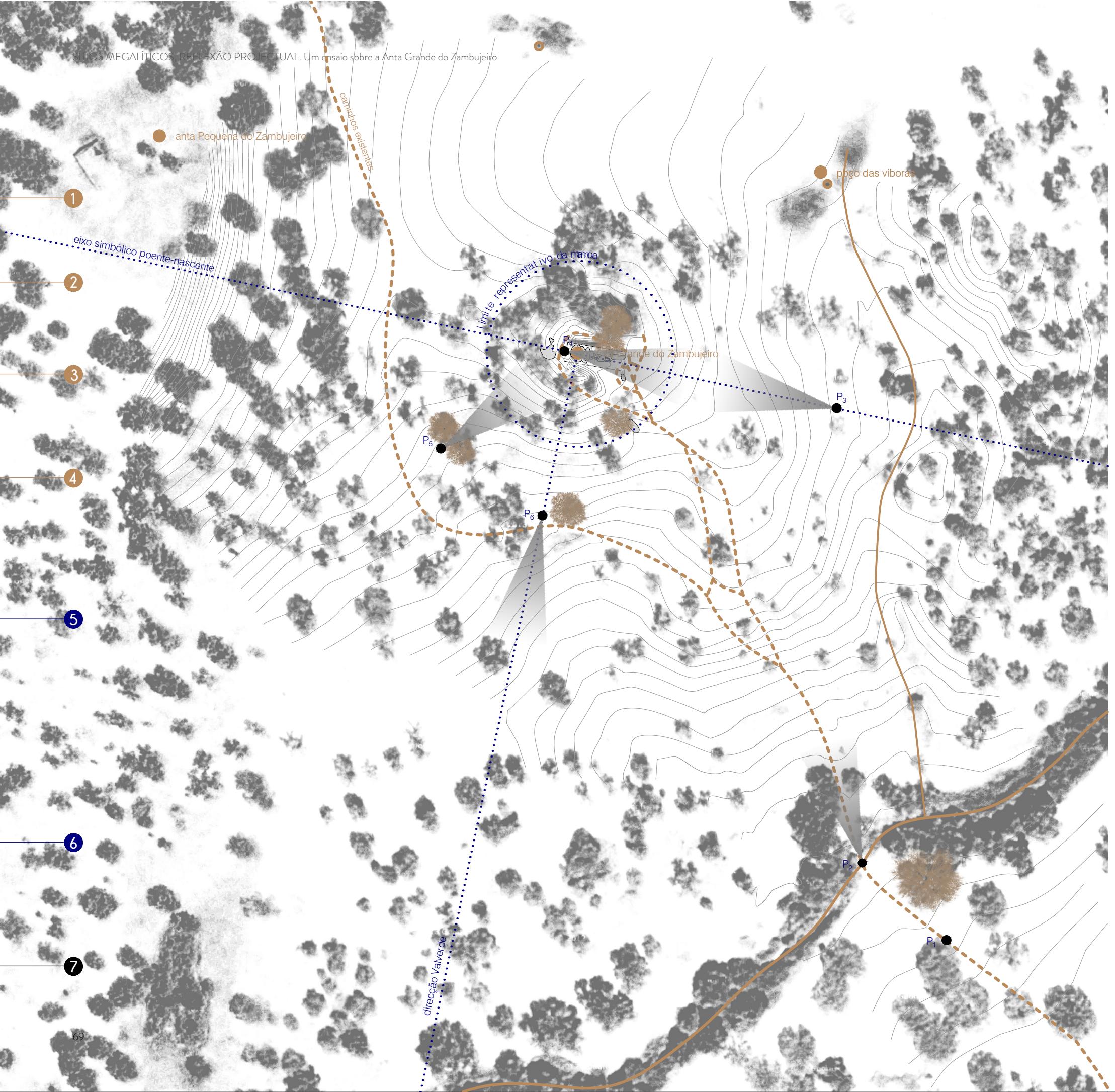
- eixo de direcção Valverde -
assinala a dicotomia
antigo/recente, tempo distante | tempo próximo

LIMITE REPRESENTATIVO DA MAMOA

remete para a reconstituição dos limites originais do monumento/
topografia construída

II. PONTOS

marcam as relações entre as camadas e assinalam e/ou enquadram um momento particular/de exceção no território.



I. CAMADAS / ESTRATOS

Segundo arquitecto paisagista, João Gomes da Silva, “(...) todos os lugares são assim, camadas sucessivas de história. É por isso que a arquitectura lida sempre com a memória. Um lugar nunca é de um tempo só.” (Canelas, 2015)

Considerando que essas camadas são constituídas por sinais/inscrições, antrópicos e não antrópicos, que se foram sobrepondo ao longo tempo, sistematizou-se a sua identificação através constituição, mais ou menos empírica, de duas categorias genéricas, uma da ordem concreto e outra do evocativo. A primeira relaciona-se com manifestações naturais de ordem física, ou seja, marcas visíveis e impressas no território, como a presença de água, caminhos, vegetação e elementos construídos com valor histórico. A segunda refere-se ao domínio do abstracto, do simbólico, que existe apenas no plano do intelectível, e compreende marcas imaginárias que de alguma forma remetem para relações e limites relevantes no território. (Procurou-se sintetizar esta leitura nos esquemas que precedentes.)

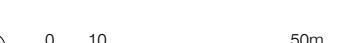
II. PONTOS EXCEPCIONAIS / MOMENTOS

Da relação dessas camadas identificaram-se pontos singulares no território - momentos -, que assinalam características inerentes a este sítio ou que enquadram um momento particular de exceção na paisagem.

O que se pretende com a marcação destes momentos é que contribuam para a construção de uma percepção espáço-temporal do lugar, criada a partir de relações com o monumento e com paisagem que o sustém, seja através de um carácter funcional, de um carácter de orientação ou ambos. Pois, é da relação do corpo com espaço que se estabelece a qualidade experiencial lugar.

Assim, tendo sido, assinalados os Momentos excepcionais que se consideram de interesse convocar, importa perceber como participam num programa experiencial deste lugar, ou seja, materializam fisicamente.

FIG. 107 | Esquemas síntese do processo de análise do território



I. CAMADAS

CONCRETAS

ÁGUA

poços (dois) e linhas de água (riveira de Peramanca e uma linha de água temporária)

CAMINHOS

caminhos existentes que conduzem mais ou menos directamente à anta

ELEMENTOS ESPECÍFICOS DE VEGETAÇÃO

árvores que devido à sua localização, dimensão, forma ou relação entre si se destacam

ELEMENTOS CONSTRUÍDOS COM VALOR HISTÓRICO

Anta Pequena do Zambujeiro, Anta Grande do Zambujeiro, poço das Víboras

EVOCATIVAS

EIXOS SIMBÓLICOS

linhas simbólicas que de alguma forma remetem para relações marcantes no território

- eixo nascente-poente:
determina, de forma geral, o sentido de implantação das antas, com a entrada orientada a nascente e a parte posterior a poente.

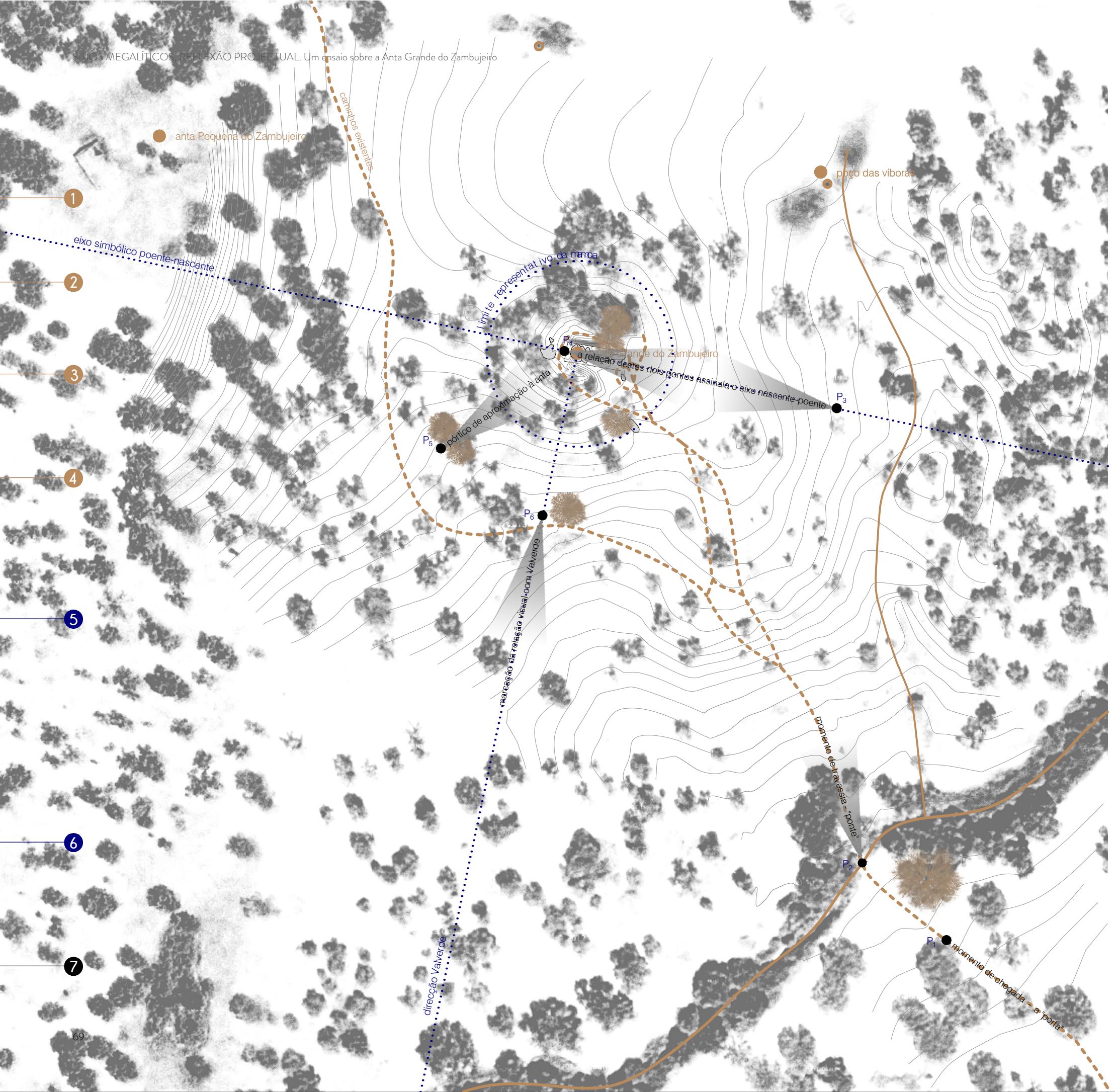
- eixo de direcção Valverde -
assinala a dicotomia
antigo/recente, tempo distante |
tempo próximo

LIMITE REPRESENTATIVO DA MAMOA

remete para a reconstituição dos limites originais do monumento/
topografia construída

II. PONTOS

marcam as relações entre as camadas e assinalam e/ou enquadram um momento particular/de exceção no território.



I. CAMADAS / ESTRATOS

Segundo arquitecto paisagista, João Gomes da Silva, “(...) todos os lugares são assim, camadas sucessivas de história. É por isso que a arquitectura lida sempre com a memória. Um lugar nunca é de um tempo só.” (Canelas, 2015)

Considerando que essas camadas são constituídas por sinais/inscrições, antrópicos e não antrópicos, que se foram sobrepondo ao longo tempo, sistematizou-se a sua identificação através constituição, mais ou menos empírica, de duas categorias genéricas, uma da ordem concreto e outra do evocativo. A primeira relaciona-se com manifestações naturais de ordem física, ou seja, marcas visíveis e impressas no território, como a presença de água, caminhos, vegetação e elementos construídos com valor histórico. A segunda refere-se ao domínio do abstracto, do simbólico, que existe apenas no plano do intelectível, e compreende marcas imaginárias que de alguma forma remetem para relações e limites relevantes no território. (Procurou-se sintetizar esta leitura nos esquemas que precedentes.)

II. PONTOS EXCEPCIONAIS / MOMENTOS

Da relação dessas camadas identificaram-se pontos singulares no território - momentos -, que assinalam características inerentes a este sítio ou que enquadram um momento particular de exceção na paisagem.

O que se pretende com a marcação destes momentos é que contribuam para a construção de uma percepção espáço-temporal do lugar, criada a partir de relações com o monumento e com paisagem que o sustém, seja através de um carácter funcional, de um carácter de orientação ou ambos. Pois, é da relação do corpo com espaço que se estabelece a qualidade experiencial lugar.

Assim, tendo sido, assinalados os Momentos excepcionais que se consideram de interesse convocar, importa perceber como participam num programa experiencial deste lugar, ou seja, materializam fisicamente.

FIG. 107 | Esquemas síntese do processo de análise do território



O significado transversal, que se propõem que este projecto de arquitectura (através da perspectiva da experiência espacial e temporal) transmita, é o da ideia de valorização algo precioso.

Com efeito, trata-se de sobrepor/acrescentar uma nova camada (também ela significante) que induza à descodificação dos significados já latentes no lugar.

Esta camada deve ser constituída, numa lógica de adição, por elementos reversíveis e que se diferenciem claramente do existente (monumento) mas que se relacionem intimamente com ele, no sentido, de contextualizar objecto arqueológico e gerar informação.

Porém, não se pretende que a intervenção não perturbe ou não seja perceptível, mas que participe de uma maneira pacífica e descomplexada, através de uma lógica de fusão e diluição na paisagem.

A estratégia passa por dar uma atenção tão cuidada a elementos que se relacionam concretamente com as peças preciosas - os vestígios arqueológicos, como ao lugar de chegada ou a lugares estritamente funcionais como o estacionamento. A intervenção pode dividir-se em duas ordens, uma relacionada com os vestígios e outra com uma dimensão mais funcional, mas atribui-se o mesmo valor a cada uma delas.

Uma das características mais marcantes do sítio é não ostentação. Como tal, propõem-se elementos arquitectónicos muito simples, quase essenciais, de objectos de um valor abstracto - volumes, planos, pontos - até ao desaparecimento material, representando apenas vestígios, sinais, presenças... E de carácter inusitado, sem função aparente, se não estiverem naquele contexto pode ser qualquer outra coisa. É o sítio, aquele substrato em particular, que lhes atribui sentido. Parte-se de algo que não tem nenhuma função em particular, mas que se reinventa num determinado contexto.

É também o contexto que fundamenta a selecção de materiais a utilizar, pois são aqueles que já existem no lugar que se constituem como principal influência - veredas, caminhos, pedras, chapas -, elementos muito essenciais que vão de encontro ao explicitado anteriormente.

É da relação de todas estas premissas, que se espera atingir uma experiência perceptiva integrada dos tempos.

"A arquitectura, como cultura material, tem a capacidade de transmitir significados. Os edifícios, ao contrário de outros objectos, porque constituem e definem espaços que ordenam experiências individuais e sociais, produzem "significados espaciais", isto é, significados que são transmitidos pela forma arquitectónica, pela composição dos elementos construtivos e pela configuração e articulação dos espaços, conduzindo a experiência e interpretação da arquitectura através da percepção, do corpo e dos seus movimentos no espaço."

(Alvim, 2015)

²⁷LE CORBUSIER. JEANNERET. Oeuvre Complète 1929-1934, p. 24.

²⁸RUIZ, ANTONIO MACHADO y. Proverbios y cantares, XXIX, de Campos de Castilla, 1917.

A experiência espaciotemporal formaliza-se pela descoberta e interacção com espaço. Desta modo, propõe-se que esta noção se decline formalmente através da implementação de um percurso pelo território - descoberta - que desperte para o enquadramento de momentos particulares - interacção. Neste sentido, o projecto remete para duas ideias: trajecto e enquadramentos. No fundo, a ideia de implementar um percurso significa criar um "fio condutor" de uma experiência pautada pelo crescendo da descoberta e vivência do lugar e dos tempos aí sobrepostos.

I. ELEMENTOS DE MEDIAÇÃO (PEÇAS-CHAVE)

"L'architecture arabe nous donne un enseignement précieux. Elle s'apprécie à la marche, avec le pied; c'est en marchant, en se déplaçant que l'on voit se développer les ordonnances de l'architecture." ²⁷

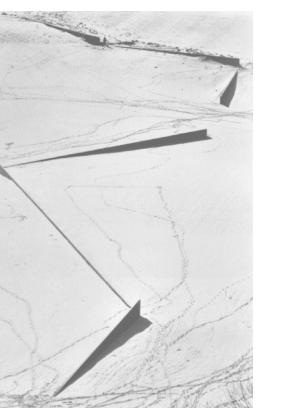


FIG. 108 | Shifts, Richard Serra
1972



FIG. 110 | Walking a line in Peru,
Richard Long | 1972



FIG. 111 | Sendas de caballos,
Jorge Barbi | 1987

II. CAMINHOS

"Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar." ²⁸

Os caminhos não se materializam, não são matéria, são criados pelas pessoas. São construídos pelos pés e pela curiosidade, por onde a curiosidade leva os pés.

Efectivamente, os caminhos são marcos da experiência no espaço.

Este lugar já contém esses marcos, caminhos pré-existentes, que sustentam as necessidades e curiosidades dos pedestres até então. Com o que se propõe para este lugar procura-se acrescentar um novo espectro curiosidades e experiências que, consequentemente, originem mais marcos, mais caminhos.

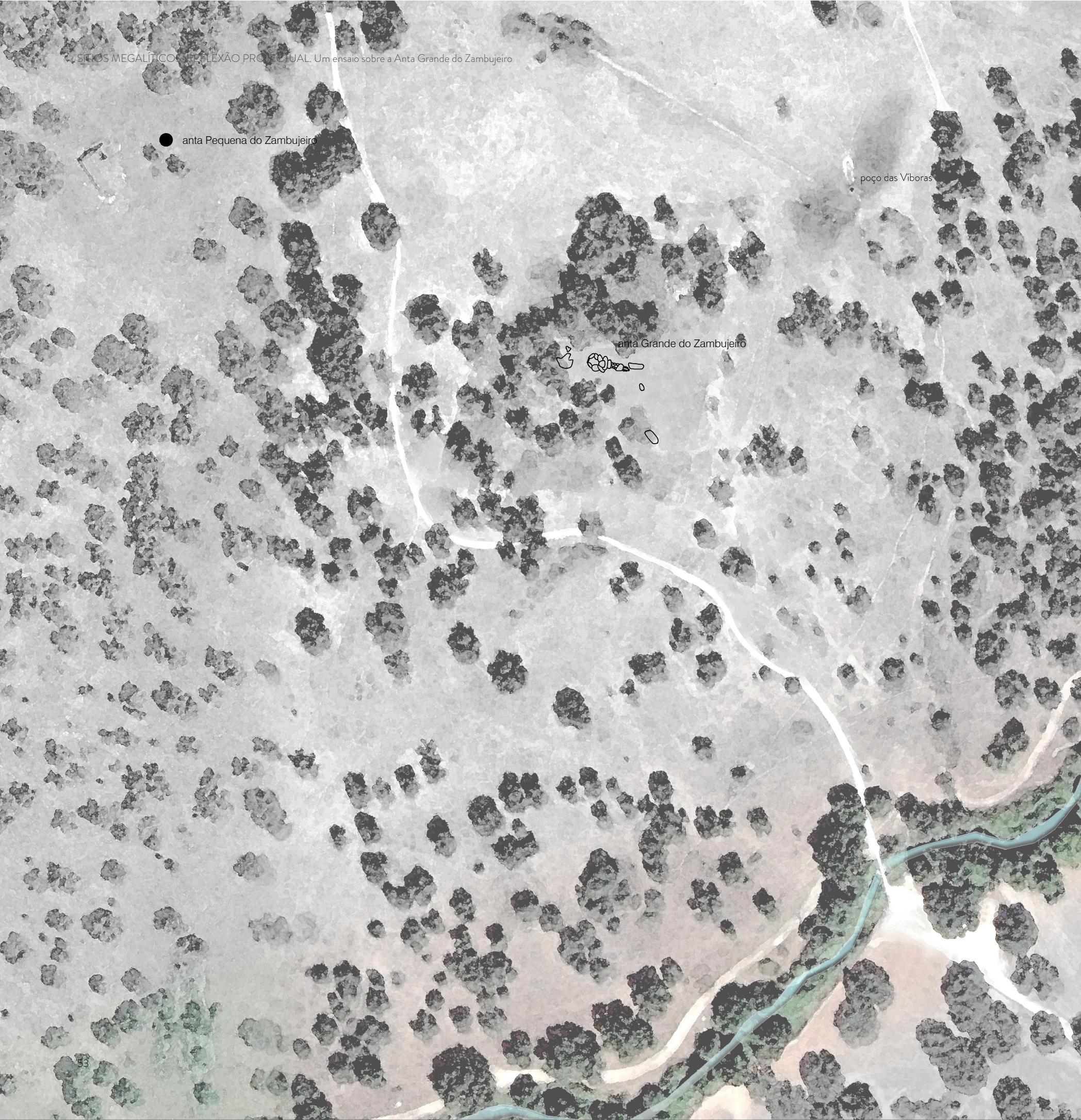


FIG. 112 | Esquema elucidativo da estratégia e do programa

Com este ensaio gráfico pretende-se traduzir a representação do deambular pelos espaço entre as peças. As linhas (assinaladas a branco) são o discurso espaço-temporal que não tem um sentido único, participa da ideia de deambular e vaguear.

Na realidade, considera-se que proposta de percurso não deve ter um sentido único e obrigatório. Já no museu de Castelvecchio, em Verona, Scarpa nega totalmente um sentido de percurso, cada pessoa realiza o caminho que mais lhe apraz.

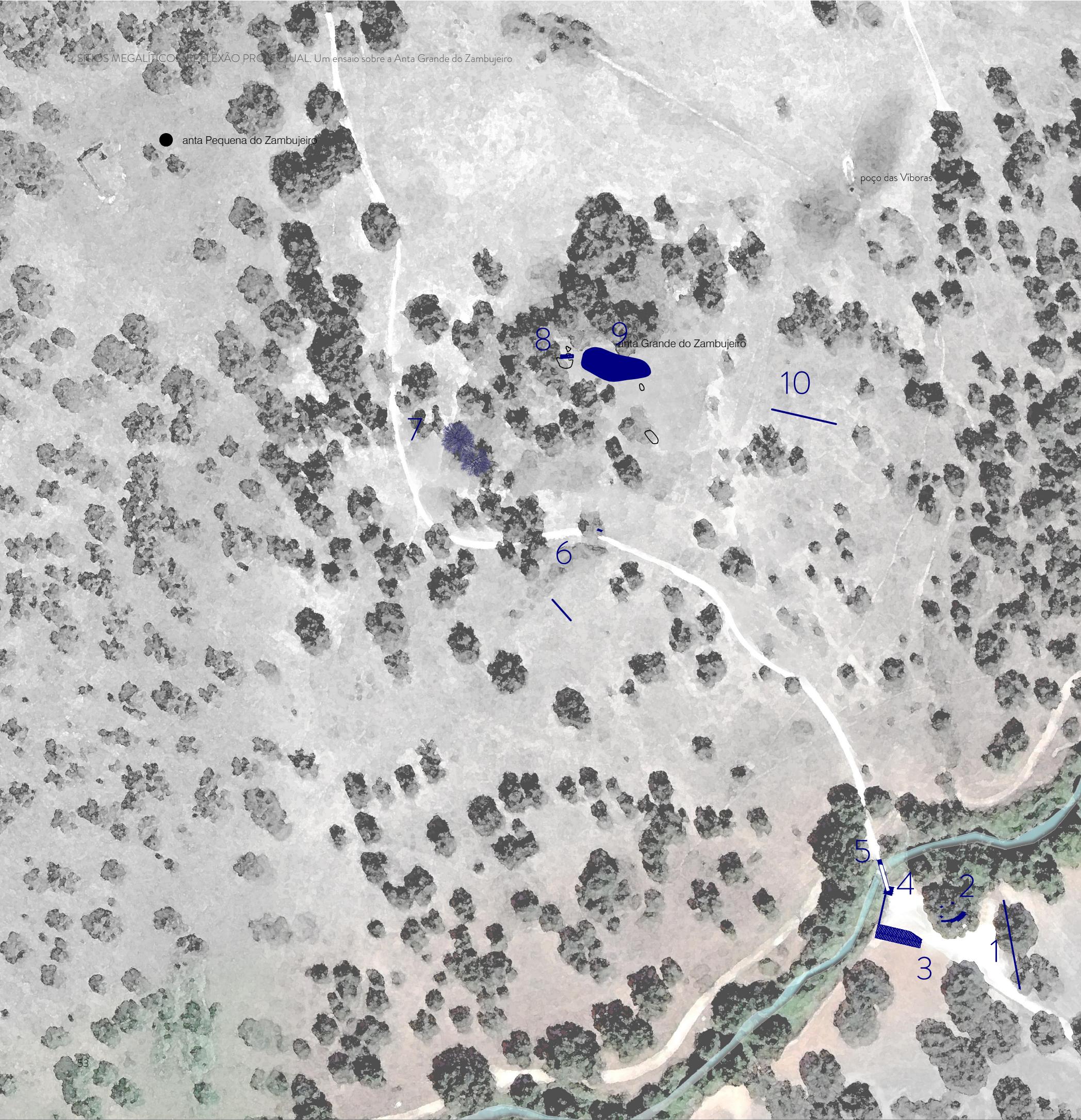
Da mesma forma, não se pretende aqui impor aos visitantes um trajecto definido e limitado, mas antes criar elementos que despertem a sua curiosidade impelindo os seus pés numa determinada direcção que de uma forma, mais ou menos directa, acabará convergir no monumento.

0 10 50m

3.2. PROPOSTA

Quadro síntese das relações ESTRATÉGIA | PROGRAMA | PROPOSTA

MOMENTOS	LOCALIZAÇÃO	PROGRAMA	ELEMENTOS CONSTRUÍDOS
PONTO DE CHEGADA	Local até onde se pode chegar de automóvel	Definir e apetrechar o recinto de chegada ao local de condições de acolhimento e preparação para visita/experiência do lugar.	- Zona de estacionamento 1 - Pequena aula arqueológica - anfiteatro 2 - Módulo que reproduz a espacialidade interior do monumento 3 - Ponto de informação - mapa do lugar 4 - Ponte de travessia da ribeira de Peramanca 5
PERCURSO	Território envolvente ao monumento	Deambulação e experiência do lugar	- Caminhos 12 I. painel e baloiço que enquadram a relação com Valverde 6 II. pórtico que assinala a aproximação à anta 7 - Momentos/peças III. relação com a pedra de fecho da cámara 8 IV . assinala o eixo E-O 9
PONTO DE "CONVERGÊNCIA"	Recinto do monumento	Protecção e comunicação do monumento	- Cobertura 10 - Marcação do limite/perímetro da mamoia 11



3.2. PROPOSTA

Quadro síntese das relações ESTRATÉGIA | PROGRAMA | PROPOSTA

MOMENTOS	LOCALIZAÇÃO	PROGRAMA	ELEMENTOS CONSTRUÍDOS
PONTO DE CHEGADA	Local até onde se pode chegar de automóvel	Definir e apetrechar o recinto de chegada ao local de condições de acolhimento e preparação para visita/experiência do lugar.	- Zona de estacionamento 1 - Pequena aula arqueológica - anfiteatro 2 - Módulo que reproduz a espacialidade interior do monumento 3 - Ponto de informação - mapa do lugar 4 - Ponte de travessia da ribeira de Peramaca 5
PERCURSO	Território envolvente ao monumento	Deambulação e experiência do lugar	- Caminhos 12 I. painel e baloiço que enquadram a relação com Valverde 6 II. pórtico que assinala a aproximação à anta 7 - Momentos/peças III. relação com a pedra de fecho da câmara 8 IV. assinala o eixo E-O 9
PONTO DE "CONVERGÊNCIA"	Recinto do monumento	Protecção e comunicação do monumento	- Cobertura 10 - Marcação do limite/perímetro da mamoia 11

FIG. 112 | Esquema elucidativo da estratégia e do programa

Com este ensaio gráfico pretende-se traduzir a representação do deambular pelos espaços entre as peças. As linhas (assinaladas a branco) são o discurso espaço-temporal que não tem um sentido único, participa da ideia de deambular e vaguear.

Na realidade, considera-se que proposta de percurso não deve ter um sentido único e obrigatório. Já no museu de Castelvecchio, em Verona, Scarpa nega totalmente um sentido de percurso, cada pessoa realiza o caminho que mais lhe apraz.

Da mesma forma, não se pretende aqui impor aos visitantes um trajecto definido e limitado, mas antes criar elementos que despertem a sua curiosidade impelindo os seus pés numa determinada direcção que de uma forma, mais ou menos directa, acabará convergir no monumento.

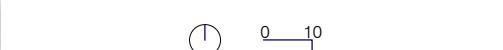




FIG. 112 | Esquema elucidativo da estratégia e do programa

Com este ensaio gráfico pretende-se traduzir a representação do deambular pelos espaços entre as peças. As linhas (assinaladas a branco) são o discurso espaço-temporal que não tem um sentido único, participa da ideia de deambular e vaguear. Na realidade, considera-se que proposta de percurso não deve ter um sentido único e obrigatório. Já no museu de Castelvecchio, em Verona, Scarpa nega totalmente um sentido de percurso, cada pessoa realiza o caminho que mais lhe apraz. Da mesma forma, não se pretende aqui impor aos visitantes um trajecto definido e limitado, mas antes criar elementos que despertem a sua curiosidade impelindo os seus pés numa determinada direcção que de uma forma, mais ou menos directa, acabará convergir no monumento.

0 10 50m

3.2. PROPOSTA

Quadro síntese das relações ESTRATÉGIA | PROGRAMA | PROPOSTA

MOMENTOS	LOCALIZAÇÃO	PROGRAMA	ELEMENTOS CONSTRUÍDOS
PONTO DE CHEGADA	Local até onde se pode chegar de automóvel	Definir e apetrechar o recinto de chegada ao local de condições de acolhimento e preparação para visita/experiência do lugar.	- Zona de estacionamento 1 - Pequena aula arqueológica - anfiteatro 2 - Módulo que reproduz a espacialidade interior do monumento 3 - Ponto de informação - mapa do lugar 4 - Ponte de travessia da ribeira de Peramaca 5
PERCURSO	Território envolvente ao monumento	Deambulação e experiência do lugar	- Caminhos 12 I. painel e baloiço que enquadram a relação com Valverde 6 II. pórtico que assinala a aproximação à anta 7 - Momentos/peças III. relação com a pedra de fecho da câmara 8 IV. assinala o eixo E-O 9
PONTO DE "CONVERGÊNCIA"	Recinto do monumento	Protecção e comunicação do monumento	- Cobertura 10 - Marcação do limite/perímetro da mamoia 11

3.2.1. MOMENTO DE CHEGADA

No momento de chegada pretende-se dar uma resposta funcional, à necessidade estacionamento de veículos, e de transição, no sentido de preparar o visitante para a experiência da visita.

Propõe-se, assim, uma zona de estacionamento com apenas dez lugares, uma vez que, o objectivo da proposta não passa pela visita de massas, não se considerando a hipótese da presença de muitas pessoas em simultâneo no local.

Este espaço abrange também uma pequena aula arqueológica, que se desenvolve a partir da implementação de pequeno anfiteatro em torno de um majestoso sobreiro existente no local, que poderá funcionar como ponto de encontro ou momento de reunião para preparação da visita.

No sentido, de se recrutar espacialmente o interior do monumento, cujo acesso é actualmente interdito por razões de segurança, propõe-se um volume que se implanta com a mesma orientação que a AGZ e que reproduz as dimensões e proporções internas do corredor e da câmara.

Um outro elemento que configura, ainda este espaço é a ponte, que num sentido muito prático, responde à necessidade de travessia da ribeira de Peramanca, e do modo emblemático simboliza a passagem para uma outra realidade.

Devido ao pequeno vão que tem que vencer, a ponte desenvolve-se de forma relativamente simples, através do apoio de várias traves de madeira em duas "soleiras", embasamentos/apoios em pedra aparelhada.

FIG. 113 | Casa de chá da Boa Nova , Siza Vieira | 1950

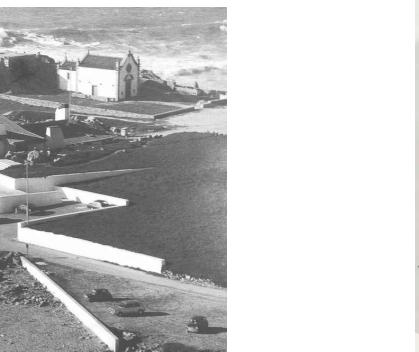


FIG. 113 | Casa de chá da Boa Nova , Siza Vieira | 1950

FIG. 114 | Casa de Alcanena, Souto Moura | 1987



FIG. 114 | Casa de Alcanena, Souto Moura | 1987

FIG. 115 | T-B A21 Contemporary Space , David Adjaye | 2003



FIG. 115 | T-B A21 Contemporary Space , David Adjaye | 2003

FIG. 116 e 117 | Chegada à Gugalun House , Peter Zumthor | 1994



FIG. 116 e 117 | Chegada à Gugalun House , Peter Zumthor | 1994



3. ENSAIO | 3.2. PROPOSTA

- Zona de estacionamento

1

PONTO DE CHEGADA
Definir e apetrechar o recinto de chegada ao local de condições de acolhimento e preparação para visita/experiência do lugar.

2

- Pequena aula arqueológica - anfiteatro

3

- Módulo que reproduz a espacialidade interior do monumento

4

- Ponto de informação - mapa do lugar

5

- Ponte de travessia da ribeira de Peramanca

6

FIG. 118 | PLANTA DE IMPLANTAÇÃO DO MOMENTO DE CHEGADA

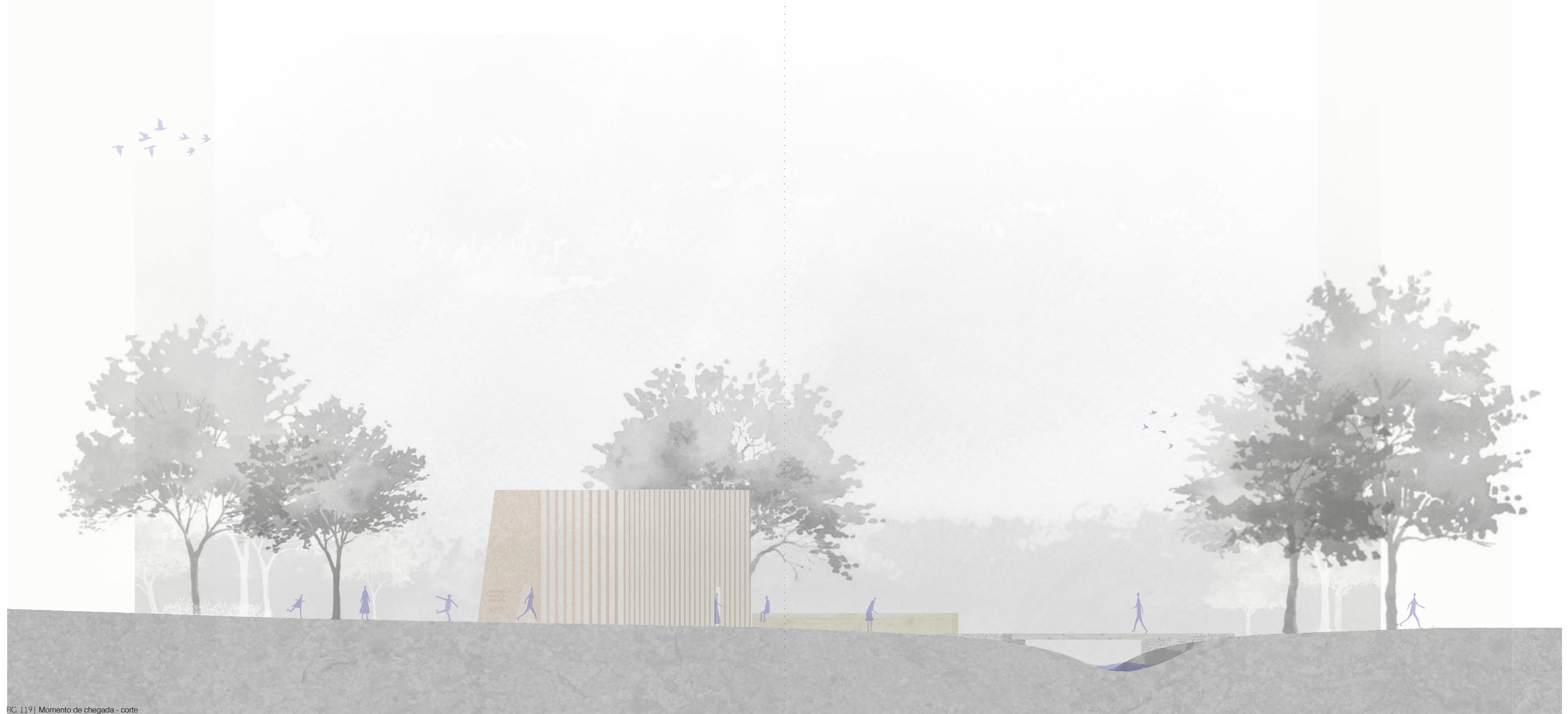


FIG. 119 | Momento de chegada - corte

3.2.2. MÓDULO QUE REPRODUZ A ESPACIALIDADE INTERIOR DO MONUMENTO

No sentido de se recrutar espacialmente o interior do monumento, cujo acesso é actualmente interdito por razões de segurança, propõe-se um volume que se implanta com a mesma orientação (aproximadamente poente-nascente) que a AGZ e reproduz as dimensões e proporções internas do corredor e da câmara.

Este volume, constrói-se com placas de cortiça recortadas, reproduzindo o carácter de massa escavada outrora representado pela mamoia, e intervaladas entre si, no sentido de retirar algum peso à estrutura e de explorar jogos de luz proporcionados pelo movimento do sol ao longo do dia.

Numa primeira abordagem considerou-se que este espaço deveria ser de livre acesso, ou seja, não se propõe, à partida, nenhuma forma encerramento. No entanto, mantém-se essa hipótese em aberto, encarando, eventualmente, a possibilidade de este volume servir de forma elementar como espaço interpretativo ou de exposição, para, por exemplo, dar a conhecer o riquíssimo património móvel associado ao monumento.

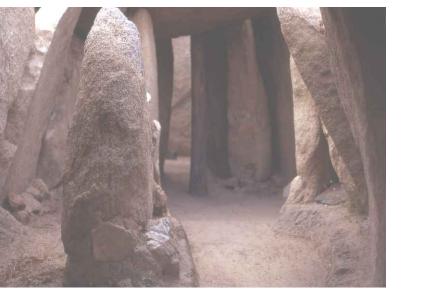


FIG. 120 e 121 | interior da câmara da AGZ



FIG. 122 e 123 | Alçados AGZ

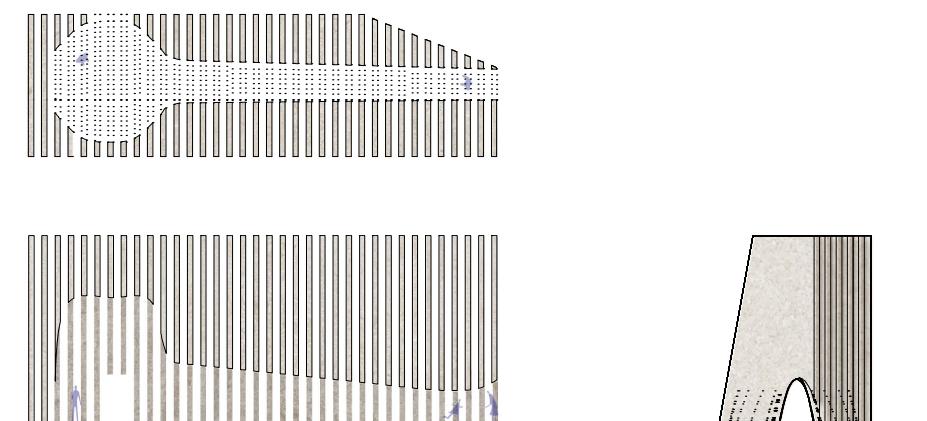


FIG. 124 | esquema de planta, corte e alçado principal do módulo



FIG. 125 | Módulo - alçado principal

REPRESENTAÇÃO
ESPACIAL DO
INTERIOR DA
AGZ



FIG. 125 | Desenho de um sítio megalítico, projeto de reabilitação.

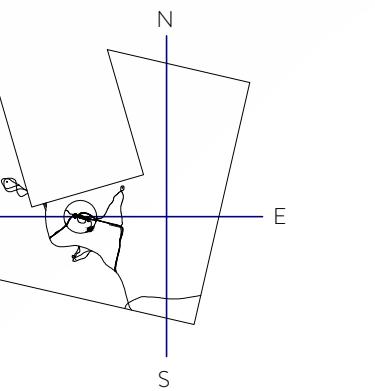
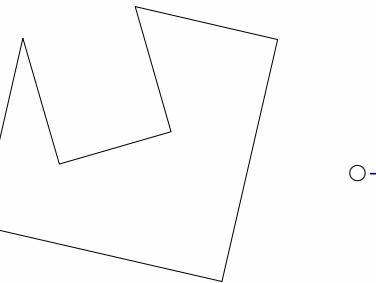
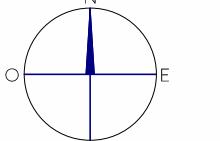
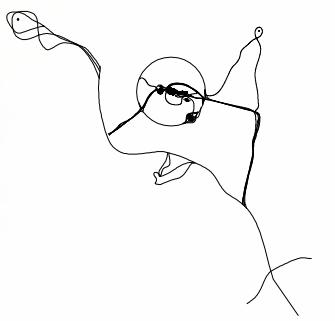


FIG. 126 | Lápide de Carlo Scarpa, Carlo Scarpa
1978



3.2.3. PONTO DE INFORMAÇÃO - MAPA DO LUGAR

Pretende-se que os elementos informativos se constituam a partir dos "construtivos". Um desses exemplos é o mapa de organização do sítio que se integra na pedra de soleira da ponte, localizando os locais marcantes do território e sugerindo possíveis circuitos de deambulação.



FIG. 128 | desenho das peças individualmente e em conjunto

3.2.4. COBERTURA

Uma das mais importantes necessidades a que a proposta deverá dar resposta é a de efectiva protecção do monumento dos agentes atmosféricos, particularmente a água e o sol.

Numa primeira abordagem, partiu-se de duas "condicionantes" fundamentais:

- reduzir o número apoios ao mínimo necessário, bem como, a sua área de implantação, no sentido de "perturbar" o terreno e as fundações do monumento apenas o estritamente essencial;
- considerar um sistema de escoamento de águas pluviais que afastasse eficazmente o caudal das fundações do monumento.

A proposta resulta destes requisitos.

O primeiro levou a que se considerasse como material de construção, a cortiça, por ser leve, e além do mais, é resistente aos agentes atmosféricos, um bom isolante térmico e facilmente "moldável", permitindo uma grande liberdade formal.

O segundo, foi fundamental para que se determinasse a forma da cobertura.

No sentido de afastar as águas pluviais dos limites laterais da mesma, e de se evitar a utilização de caleiras, considerou-se inverter a cobertura. Desta forma, a água passa a fluir para a mediatriz do plano, ligeiramente inclinado para a zona frontal do monumento, e pela topografia natural, acabará por encontrar a linha de água mais próxima. Evitando-se, assim, alagamentos nas imediações do monumento e a utilização de tubagens.

Porém, o desenho deste elemento não resulta exclusivamente de questões funcionais, surge também de uma intenção integradora no contexto envolvente. Assim, procurou-se que se adaptasse e relacionasse com as copas dos sobreiros circundantes.



FIG. 129, 130 e 131 | Imagens conceito



FIG. 132 | planta de implantação da cobertura



FIG. 133 | perspectiva interior da Resor House,
Mies van der Rohe 1939



FIG. 134 | Capela de Ronchamp , Le Corbusier 1955

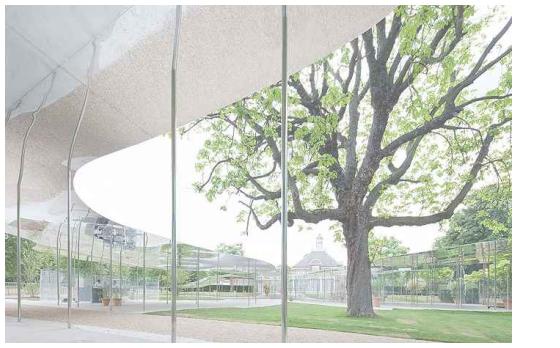


FIG. 135 |Serpentine Gallery Pavilion , SANA 2009

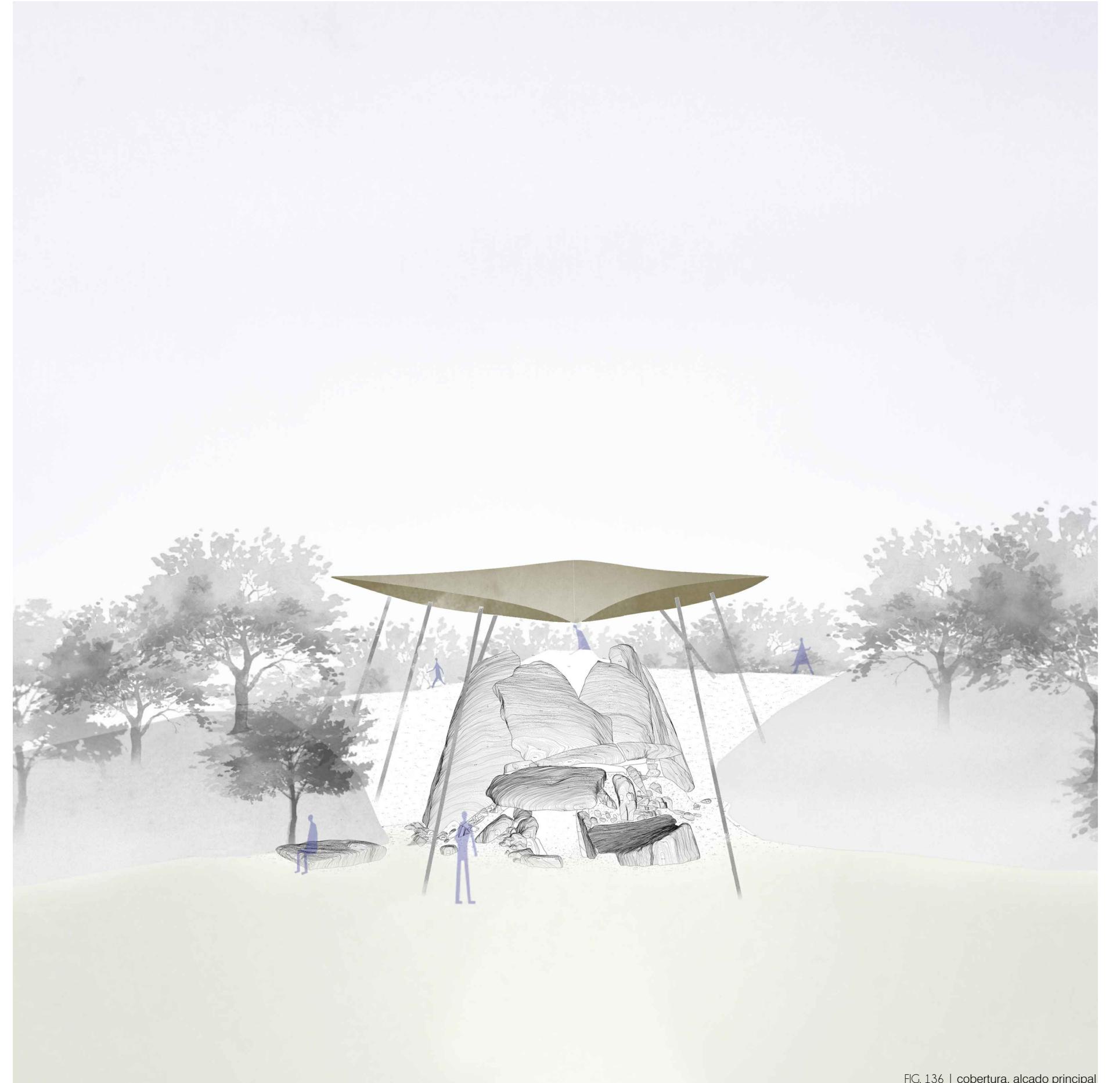


FIG. 136 | cobertura, alçado principal

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um das questões que este trabalho se propunha a responder era a de: "Como intervir num património arqueológico existente?"

Depois de toda a investigação, chega-se à conclusão que esta é uma pergunta demasiado abrangente e relativa para poder ser respondida de forma objectiva.

Ainda que se tenha encontrado uma forma de intervir no sítio arqueológico da AGZ, aquela que se considerou mais adequada, refiro-me à perspectiva da arquitectura, fica a sensação que muitas outras existiram. E, se num caso singular se reconhecem múltiplas possibilidades, tanto mais se verificarão em todo um universo de monumentos.

Não obstante, ainda que não se possa definir uma fórmula de aplicação, existirá, a meu ver, a um posicionamento a considerar perante este tema.

Pois, do ponto de vista arquitectónico/projectual, ainda que os significados e as leituras de um lugar possam ser plurais e dinâmicos, de acordo com as sociedades que o interpretam, o seu carácter identitário não o é.

Assim, investigar acerca de intervir sobre a pré-existência, será a procura e leitura das marcas e signos que evidenciem a autenticidade do lugar, acrescentando-lhe uma função comunicativa.

Através de uma linguagem, que baseando-se no/s significado/s inerentes ao lugar, lhe expressa novas leituras, e mais do que indagar novos conceitos permite formular um 'alfabeto' actualizado - de espacialidades, formas, volumes, cores, materialidades -, que de uma forma contemporânea transmitam conceitos alusivos aos tempos sobrepostos.

Quer dos casos de estudo que investigados, quer da proposta apresentada, se retira que, a especialização de uma leitura sobre o lugar e as suas valências culturais, nomeadamente no que se refere a sítios arqueológicos megalíticos, não implica o retorno a um estado prévio, mas sim a procura de um resultado sistematizado de actos que reactualizem os sentidos identitários e autênticos do lugar, agregando-lhe novos valores.

É nesta lógica, e tento permanentemente como horizonte o sentido das palavras²⁷ expressadas por Toni Gironés, com a qual existe um forte sentido de identificação, que se responde à segunda pergunta, "Que programa pode convocar o sentido de "habitar" um sítio megalítico, promovendo a experiência da visita e a sua interpretação, em alternativa ao museu tradicional?"

Ainda que o programa de experiência do lugar e dos tempos aí sobrepostos, tenha surgido como uma convicção clara desde o início do trabalho, o avançar da investigação (com mais profundidade) sobre o lugar veio a reforçar essa intenção.

Porém, este avanço e o permanente diálogo com a área da arqueologia, viriam, numa fase final do trabalho, a confirmar que esta proposta não se constitui como um discurso encerrado e estanque.

Tal como o tempo, que não pára nunca, também as descobertas na área da arqueologia não se encerram, consequência disso mesmo.

Assim, esta proposta terá um carácter transitório e efémero, com uma dupla valência.

²⁷"Pensamos los proyectos a partir de la experiencia cotidiana de las personas, identificando los umbrales de uso en relación al entorno inmediato, fomentando el intercambio y desdibujando los límites entre los diferentes espacios de relación.

Al proyectar, intentamos entender de la manera más objetiva posible el lugar y sus condiciones, interpretando la arquitectura como un soporte para que el usuario interaccione con el medio, y pueda adaptarlo a sus necesidades.

Trabajamos con los materiales atendiendo a sus propiedades físicas, a sus condiciones de uso y a las funciones para las que han sido pensados."

apresentação do estudi d'arquitectura toni gironès saderra
no site do atelier - <http://www.tonigirones.com/es/>

Primeiro, porque não se pretende competir com a intemporalidade dos vestígios arqueológicos e depois porque os dados e o estado do conhecimento sobre o monumento, são actualizados permanentemente.

Da mesma forma que o revolver da terra vai trazendo novas informações aos arqueólogos, vai também colocando novas problemáticas a que a intervenção terá que dar resposta.

Como tal, existirá, ocasionalmente, a necessidade da arquitectura ir encontrando um resultado sistematizado de actos que reactualizem os sentidos identitários e autênticos deste lugar, agregando-lhe continuamente renovados valores.

Utilizo, por fim, este espaço, para fazer um pequeno aparte, e dizer que foi uma enorme responsabilidade desenvolver uma proposta para um sítio tão valioso. Que nem sempre foi fácil nem imediato encontrar a subtileza necessária para alcançar abordar este lugar. Mas que foi um privilégio poder conhecer intimamente este pedaço excepcional de Alentejo, quase tão antigo como fundador desta região. E também, reconhecer as grandes coisas que movem para ir ao lugar, mas depois descobrir outros valores acrescidos.

REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

FIG. 1 A | <http://compo3t.blogspot.pt/2013/03/sverre-fehn-hedmark-cathedral-museum.html> acesso em: Julho de 2015

FIG. 1B | <https://archaeologicalshelters.wordpress.com/2012/07/09/peter-zumthor-chur-ruins-shelter/#jp-carousel-264>

FIG. 2 A | © Hélène Binet
<http://www.architecturenorway.no/questions/histories/fehn-aggression/>
acesso em: Julho de 2015

FIG. 2B | © Hélène Binet
<http://www.dezeen.com/2009/04/18/key-projects-by-peter-zumthor/>

FIG. 3 A | © Estudi d'arquitectura. Toni Gironès
<http://www.tonigirones.com/es/sero-es>

FIG. 3B | © Aitor Estevez
<http://www.plataformaarquitectura.cl/cl/02-256275/espai-transmissor-del-tumul-estudi-d-arquitectura-toni-girones>

FIG. 4A | © Dimitris Pikionis
<http://andreasangelidakis.blogspot.pt/2010/07/scientific-folklore-hallucinations-of.html>

FIG. 4B | <https://urbanzip.wordpress.com/tag/pikionis/>

FIG. 5A | <http://www.candamill.com/candamill-blog/2014/8/4/library-richard-serra>

FIG. 5B | <https://arnela7team.wordpress.com/2014/02/21/95/>

FIG. 6A | http://www.simonstuderart.ch/_p/f/expositions_details.php?id=22

FIG. 6B | © Christophe Gevrey
<http://cri.ch/stairs/index.html>

FIG. 7 | Composição gráfica elaborada pela autora

FIG. 8, 9 e 10 | Santos, A. P. (1994). Monumentos Megalíticos do Alto Alentejo. Lisboa: Fenda; pags 13 e 15

FIG. 11 | Composição e desenhos elaborados pela autora

FIG. 12 e 13 | cortesia do Professor Doutor Jorge de Oliveira

FIG. 14 | © Google Earth

FIG. 15, 16 e 17 | composição gráfica elaborada pela autora a partir de: "base cartográfica propriedade do Instituto Geográfico Português"

FIG. 18 | composição gráfica elaborada pela autora a partir de: Mapa das Bacias Hidrográficas de Portugal Continental
http://snirh.apambiente.pt/snirh/_atlasagua/galeria/mapasweb/pt/aa1002.pdf

FIG. 19 | composição gráfica elaborada a partir de: "base cartográfica propriedade do Instituto Geográfico Português" e "Carta arqueológica de Évora propriedade da Câmara Municipal de Évora"

FIG. 20 | composição gráfica elaborada pela autora a partir de: "base cartográfica propriedade do Instituto Geográfico Português"

FIG. 22 | composição gráfica elaborada pela autora com base em: Diário da República, 2.ª série -- N.º 184 -- 21 de setembro de 2012, Direção-Geral do Património Cultural, Anúncio n.º 13446/2012 e imagem base de Google Earth

FIG. 23, 24, 25, 26, 27 e 29 | fotografias da autora

FIG. 28 | © IPM/DDF. Fotógrafo José Pessoa <https://sites.google.com/site/boletimevora/me4386-1>

FIG. 30 e 31 | Levantamento fotogramétrico da Anta Grande do Zambujeiro realizado pela empresa Esterofoto em Agosto de 1983

FIG. 32 a 42 | fotografias da autora

FIG. 43 | composição gráfica elaborada pela autora a partir de http://www.archweb.it/dwg/geografia_mappe_dwg/europe.dwg.htm

FIG. 44 a 46 | composição gráfica elaborada pela autora a partir de Google Earth

FIG. 47 e 49 | Google Earth

FIG. 48 | <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=698060>

FIG. 50 | fotografia da autora

FIG. 51 | © Carrilho da Graça arquitectos em em
<http://archdaily.com.br/01-20123/musealizacao-da-area-arqueologica-da-praca-nova-do-castelo-de-s-jorge-carrilho-da-graca-arquitectos>

FIG. 52 | composição gráfica elaborada pela autora a partir de planta encontrada em
<http://www.archdaily.com.br/01-20123/musealizacao-da-area-arqueologica-da-praca-nova-do-castelo-de-s-jorge-carrilho-da-graca-arquitectos>
e imagem base Google Earth

FIG. 53, 54, 55, 57, 58 e 59 | fotografias da autora
FIG. 56 | © FG+SG fotografia de arquitectura <https://openhousebcn.wordpress.com/tag/architecture/page/14/>

FIG. 61,63 e 64 | © Aitor Estevez <http://www.tonigirones.com/es/can-taco-yacimiento-es>

FIG. 62 | <http://murallesiluro.blogspot.pt/2011/10/el-jacimiento-de-can-taco-de-lepoca.html>

FIG. 67 | composição gráfica elaborada pela autora a partir de planta encontrada em
<http://www.tonigirones.com/es/can-taco-yacimiento-es>
e imagem base Google Earth

FIG. 68 e 74 | © Aitor Estevez em <http://www.tonigirones.com/es/can-taco-pavellones-es>

FIG. 75 e 76 | © Aitor Estevez em <http://www.tonigirones.com/es/can-taco-yacimiento-es>

REFERÊNCIAS ICONOGRÁFICAS

FIG. 77, 83, 84 | © Arne Espeland em <http://nickkahler.tumblr.com/post/109429881744>

FIG. 78, 80, 82 | © Arne Espeland em <http://subtilitas.tumblr.com/post/114630807894/peter-zumthor-zinc-mine-museum-allmannajuvet>

FIG. 79 | composição gráfica elaborada pela autora a partir de planta encontrada em Zumthor, P. (2014). *Peter Zumthor 2002-2007 | Buildings and Projects* (Vol. 4). (T. Durisch, Ed.) Scheidegger and Spiess pg. 84-85 e imagem base Google earth

FIG. 81 | Zumthor, P. (2014). *Peter Zumthor 2002-2007 | Buildings and Projects* (Vol. 4). (T. Durisch, Ed.) Scheidegger and Spiess pg. 75

FIG. 85 | <http://www.visitnorway.com/en/Product/?pid=250250>

FIG. 86 | composição gráfica elaborada pela autora a partir de planta encontrada em <http://www.archdaily.com.br/01-20123/musealizacao-da-area-arqueologica-da-praca-nova-do-castelo-de-s-jorge-carrilho-da-graca-arquitectos> e imagem base Google Earth

FIG. 87 | composição gráfica elaborada pela autora a partir de planta encontrada em <http://www.tonigirones.com/es/can-taco-yacimiento-es> e imagem base Google Earth

FIG. 88 | composição gráfica elaborada pela autora a partir de planta encontrada em Zumthor, P. (2014). *Peter Zumthor 2002-2007 | Buildings and Projects* (Vol. 4). (T. Durisch, Ed.) Scheidegger and Spiess pg. 84-85 e imagem base Google earth

FIG. 89, 90, 92, 93, 94 | fotografias da autora

FIG. 91 | © FG+SG fotografia de arquitectura <https://openhousebcn.wordpress.com/tag/architecture/page/14/>

FIG. 95 a 99 | © Aitor Estevez em <http://www.tonigirones.com/es/can-taco-pavellones-es>

FIG. 100 | | © Aitor Estevez em <http://www.tonigirones.com/es/can-taco-yacimiento-es>

FIG. 101 e 102 | © Arne Espeland em <http://nickkahler.tumblr.com/post/109429881744>

FIG. 103 e 104 | © Arne Espeland em <http://subtilitas.tumblr.com/post/114630807894/peter-zumthor-zinc-mine-museum-allmannajuvet>

FIG. 105 a 106 | Zumthor, P. (2014). *Peter Zumthor 2002-2007 | Buildings and Projects* (Vol. 4). (T. Durisch, Ed.) Scheidegger and Spiess pg. 75

FIG. 107 | composição gráfica elaborada pela autora com base em: Diário da República, 2.ª série -- N.º 184 -- 21 de setembro de 2012, Direção-Geral do Património Cultural, Anúncio n.º 13446/2012 v

FIG. 108 | <http://www.candamill.com/candamill-blog/2014/8/4/library-richard-serra>

FIG. 109 | http://www.simonstuderart.ch/p/f/expositions_details.php?id=22

FIG. 110 | <http://www.richardlong.org/Sculptures/2011sculptures/lineperu.html>

FIG. 111 | <http://www.jorgebarbi.com/>

FIG. 112 | composição gráfica elaborada pela autora com base em Google Earth

FIG. 113 | <http://www.dezeen.com/2014/07/21/boa-nova-tea-house-renovation-porto-alvaro-siza/>

FIG. 114 | <http://miesarch.com/portal/site/miesearch/work-detail>

FIG. 115 | <http://olafureliasson.net/archive/artwork/WEK100727/your-black-horizon>

FIG. 118 | composição gráfica elaborada pela autora com base em imagem de Google Earth

FIG. 119 | composição gráfica elaborada pela autora

FIG. 120 | imagem da autora

FIG. 121 | © John Atherton <https://www.flickr.com/photos/gbaku/663651357>

FIG. 122 e 123 | Levantamento fotogramétrico da Anta Grande do Zambujeiro realizado pela empresa Esterofoto em Agosto de 1983

FIG. 124 e 125 | composição gráfica elaborada pela autora

FIG. 126 | <http://communedesign.tumblr.com/post/8051046956/designer-graves>

FIG. 127 e 128 | composição gráfica elaborada pela autora

FIG. 129 | <http://www.theidearoom.net/2010/10/how-to-make-leaf-skeletons.html>

FIG. 132 | composição gráfica elaborada pela autora

FIG. 133 | http://www.etsavega.net/dibex/Mies_Resor-e.htm

FIG. 134 | © Luke Stearns <http://www.archdaily.com.br/01-16931/classicos-da-arquitetura-capela-de-ronchamp-le-corbusier>

FIG. 135 | © Iwan Baan <http://www.archdaily.com/28672/the-2009-serpentine-gallery-pavilion-sanaa>

FIG. 136 | composição gráfica elaborada pela autora

BIBLIOGRAFIA

- Alves, A. C., & Fernandez, S. (Janeiro de 2007). Requalificação da vila de Idanha-a-Velha. Viver. Vidas e veredas da raia , pp. 36-37.
- Alvim, P. (2015). DE NASCENTE PARA POENTE: REFLEXÕES SOBRE A SINTAXE DA ARQUITECTURA MEGLÍTICA NO ALENTEJO. In Arqueologia de Transição: O Mundo Funerário - Actas do II Congresso Internacional Sobre Arqueologia de Transição (p. 1). Évora: CHAIA - Centro de História de Arte e Investigação Artística.
- Assembleia do CIAM. (1933). Carta de Atenas. Congresso Internacional de Arquitetura Moderna. Atenas.
- Calado, M. (1997). Vale Maria do Meio e as Paisagens Culturais do Neolítico Alentejano. In P. Sarantopoulos, Paisagens arqueológicas a oeste de Évora (p. 45). Évora: Câmara Municipal de Évora.
- Calado, M., Santos, J., & Carvalho, M. (2007-2008). Arqueologia do concelho de Évora: um ponto da situação. A cidade de Évora, boletim de cultura da Câmara Municipal de Évora , pp. 53-54.
- Canelas, L. (5 de Maio de 2015). A arquitectura lida sempre com a memória, porque um lugar nunca é de um tempo só. Público .
- Carrilho da Graça arquitectos. (s.d.). ARCHEOLOGICAL MUSEUM OF "PRAÇA NOVA DO CASTELO DE SÃO JORGE". Obtido em Março de 2015, de Carrilho da Graça arquitectos: <http://jlcg.pt/castelo>
- DGPC: Direção Geral do Património Cultural. (2015). Portal do arqueólogo. Obtido em Junho de 2015, de <http://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=trabalhos.resultados&subsid=120452&vp=46889>
- Gironés, T. (s.d.). CAN TACÓ (XII BEAU / FAD) . Obtido em Março de 2015, de estudi d'arquitectura toni gironès : <http://www.tonigirones.com/es/can-taco-yacimiento-es>
- Gironés, T. (s.d.). CAN TACÓ PABELLONES . Obtido em Março de 2015, de estudi d'arquitectura toni gironès: <http://www.tonigirones.com/es/can-taco-yacimiento-es>
- Graça, C. d. (Julho|Agosto de 2010). Musealização da área arqueológica da Praça Nova do Castelo de S. Jorge. Arq|a Arquitectura e Arte , 83|84, p. 54.
- Helm, J. (6 de Janeiro de 2012). Musealização da Área Arqueológica da Praça Nova do Castelo de S. Jorge / Carrilho da Graça Arquitectos. Obtido em 17 de Março de 2017, de ArchDaily Brasil: <http://www.archdaily.com.br/20123/musealizacao-da-area-arqueologica-da-praca-nova-do-castelo-de-s-jorge-carrilho-da-graca-arquitectos>
- Maloto, R. (1999). As ocupações Proto-históricas do Castelo do Giraldo (Évora). Revista de Guimarães , pp. 333-362.
- Oliveira, C. (2001). Lugar e memória: testemunhos megalíticos e leituras do passado. Lisboa: Colibri.
- Oliveira, J. d. (1997). O megalitismo funerário a oeste de Évora - o estado da questão. In P. Sarantopoulos, Paisagens arqueológicas a oeste de Évora (p. 53). Évora: Camara Minucipal de Évora.
- Oliveira, J. M. (1997). Monumentos Megalíticos da bacia do rio Sever (Vol. I). Lisboa: IBN MARUAN - Revista Cultural do Concelho de Marvão.
- Oliveira, J., & Oliveira, C. (2012). A Morte no Neolítico no Norte Alentejano. Obtido em 03 de Março de 2014, de <http://dspace.uevora.pt/dpc/handle/10174/7496>; <http://hdl.handle.net/10174/7496>
- Oliveira, J., Sarantopoulos, P., & Balesteros, C. (1994-1995). Antas-Capelas e Capelas junto a Antas no Território Nacional. A Cidade de Évora - Boletim de Cultura da Câmara Municipal , pp. 291-292.
- Parreira, R. (1991). Megalitismo. In J. P. Costa, Dicionário Enciclopédico da História de Portugal (Vol. I, pp. 455-456). Selecções do Reader's Digest, SA.
- Parreira, R. (2007). Una ruta por sitios arqueológicos del extremo sur de Portugal. MUS-A , n.º 8.
- Portal do Arqueólogo. (s.d.). Obtido em 20 de Março de 2014, de Direção-Geral do Património Cultural: <http://arqueologia.igespar.pt/?sid=sitos.resultados&subsid=58767&vt=2903257>
- Raposo, & Raposo, L. (1999). Museus de Arqueologia e Sítios Arqueológicos Musealizados: Identidades e Diferenças. O arqueólogo português , 17.
- Raposo, L. (2003). Paisagens Megalíticas. In M. n.-H. Arqueologia, Paisagens Megalíticas - Évora [Alentejo] - Carnac [Bretanha] (pp. 1-2). Lisboa: Cromotipo_arts, LDA.
- Roberts, M. (Março de 2012). Obtido em Abril de 2015, de Museu de Évora: <http://museudevora.imc-ip.pt/en-GB/Evora/ContentDetail.aspx?id=285>
- Rocha, L. (15 de Maio de 2011). Obtido em 20 de Março de 2014, de <http://megaantas.blogspot.pt/>; <http://megaantas.blogspot.pt/2011/05/territorios-megaliticos-evora-anta-da.html>
- Roy, J. B. (2000). Qu'est-ce qu'un musé d'archéologie. Musées & Collections , n.º 227.
- Santa-Rita, J. (2001). Centro de Acolhimento e Interpretação de Alcalar. Património Estudos , nº 1, pp. 100-101.
- Santos, A. P. (1994). Monumentos Megalíticos do Alto Alentejo. Lisboa: Fenda.
- Santos, J. (2013). SIPA: Sistema de Informação para o Património Arquitectónico. Obtido em Maio de 2014, de http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=1233
- Sarantopoulos, P. (1997). Actividade arqueológica a oeste de Évora - breve síntese. In P. Sarantopoulos, Paisagens arqueológicas a oeste de Évora (p. 15). Évora: Câmara Municipal de Évora.
- Sarantopoulos, P. e. (1996). Paisagens arqueológicas a oeste de Évora. Évora: Câmara Municipal de Évora.
- Silva, A. C. (1992). Roteiro do megalitismo de Évora. Évora: Câmara Municipal de Évora.
- Simões, M. P. (2014). Herdade da Mira. Obtido em Julho de 2015, de Mira Nature: <http://www.mira-nature.uevora.pt/herdade-da-mira>
- Soares, J., & Silva, C. T. (2010). Anta Grande do Zambujeiro - arquitectura e poder. Intervenção arqueológica do MAEDS. 1985-87. MUSA, museus, arqueologia & outros patrimónios. 3 , pp. 83-129.
- Telles, G. R. (2002). Prefácio. In F. T. Barata, & J. M. Mascarenhas, Preservando a memória do território, O parque cultural Tourega/Valverde (p. 8). Évora: Câmara Municipal de Évora.
- Tuan, Y.-F. (1983). Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. (L. d. Oliveira, Trad.) São Paulo: DIFEL.
- Turner, C. (28 de Julho de 2014). Peter Zumthor: Zinc mine museum, Norway. Obtido de Icon Magazine: <http://www.iconeye.com/architecture/news/item/10837-peter-zumthor-zinc-mine-museum-norway>
- Vizcarro, J. M. (22 de Julho de 2013). TRABAJANDO CON LA NATURALEZA / PABELLONES DE ACCESO AL ESPACIO NATURAL Y ARQUEOLÓGICO DE "ELS TURONS DE LES TRES CREUS" DEL ESTUDI D'ARQUITECTURA TONI GIRONÈS. Obtido em Março de 2015, de arquitecturazonacero.blogspot.pt/20
- Zumthor, P. (2014). Peter Zumthor 2002-2007 | Buildings and Projects (Vol. 4). (T. Durisch, Ed.) Scheidegger and Spiess.

U N I V E R S I D A D E D E É V O R A | 2 0 1 4 . 2 0 1 5